

Mulheres Fora de Série

A ALFABETIZAÇÃO E O RETORNO À ESCOLA
DEPOIS DOS 40



GABRIELA ALVES

Autoria

Gabriela Alves

Revisão

Gabriela Martins

Fotografia

Arquivo Pessoal e Gabriela Alves

Projeto Gráfico

Rennan Andrade

Ilustração e Capa

Nathalie Novaes

Este livro-reportagem é o resultado do Trabalho de Conclusão do Curso realizado na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM, sob a orientação da Profa. Dra. Cilene Victor.

Mulheres Fora de Série

**A ALFABETIZAÇÃO E O RETORNO À ESCOLA
DEPOIS DOS 40**

GABRIELA ALVES

Dedico esse livro a Maria das Graças Alves Santos,
minha mãe, que mesmo durante uma árdua batalha contra o
câncer, enxergou na educação uma
oportunidade de recomeçar.
Fui sua companhia nas aulas da EJA de uma igreja e
presenciei a revolução que acontece dentro
destas salas de aula.



Sumário

<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	11
<i>Capítulo 1</i> Como chegamos até aqui?	13
<i>Capítulo 2</i> Recomeços	51
<i>Capítulo 3</i> Gerações	87
<i>Capítulo 4</i> Significados	113
<i>Capítulo 5</i> Pluralidades	141
<i>Capítulo 6</i> 40 minutos para salvar o mundo	167
<i>Capítulo 7</i> Cenários	193

Prefácio

O livro de Gabriela Alves Santos mostra, além de seu talento indiscutível, a vitória do jornalismo de educação. Quando comecei na profissão, no ano 2000, matérias de educação eram feitas pelo repórter que estava disponível. Não apareciam nas manchetes, raramente estavam nas primeiras páginas dos jornais. Como consequência, era difícil um estudante de jornalismo (eu, sinceramente, não conheci nenhum) que almejasse cobrir educação.

Mas duas décadas se passaram e o País - felizmente - percebeu que sem políticas educacionais bem feitas não sairemos de onde estamos. As avaliações de estudantes se tornaram cada vez mais comuns e soubemos que, se não melhorassem, o Brasil também não se desenvolveria economicamente. A despeito do momento político atual, boa parte dos governantes hoje sabe que a população também já cobra educação de qualidade.

Com essas mudanças, a educação também ganhou notoriedade no jornalismo e deixamos apenas de falar em greves e aumento de mensalidade para discutir políticas educacionais. Eu e um grupo de colegas fundamos em 2016 a Jeduca, a Associação de Jornalistas de Educação, que dá suporte para termos cada vez mais as escolas, os estudantes, os professores, as decisões de gestão na imprensa.

Gabriela me faz pensar como evoluímos como País e como jornalistas. É incrível poder ver uma estudante se dedicar a pesquisar com tamanho brilhantismo a história da educação brasileira desde os anos 1500 até os governos mais recentes. Essa primeira parte do livro considero uma grande referência para leigos e iniciados.

Depois, ela destrincha a importância de uma das etapas de ensino talvez mais esquecidas, até pelo seu caráter estigmatizante na sociedade: a educação de jovens e adultos, que já foi supletivo, já foi Mobral. Bem lembra Gabriela o absurdo que disse um ministro da educação nos anos 90: que o adulto analfabeto não precisava estudar porque já “encontrou o seu lugar”.

Não, não há lugar no mundo para uma pessoa alijada da educação. Não porque será cobrada por habilidades que não possui. Mas porque educação é um direito humano - e um país não pode negar isso a ela. As histórias das bravas mulheres contadas por Gabriela, que depois de enfrentar machismo, pobreza e outras dificuldades decidiram voltar a estudar, é uma prova da transformação feita pela educação. Não importa a idade.

Apesar das imensas dificuldades do Brasil atual, das barbaridades cometidas contra a educação no País no ano em que Gabriela publica seu livro, ele me lembra mais uma vez as palavras de Paulo Freire: É preciso esperar.

Renata Cafardo

Repórter especial e colunista do Estadão
e vice-presidente da Jeduca.

Introdução

As narrativas que deram vida a cada capítulo deste livro foram contadas a partir de uma experiência jornalística humana, ou melhor, a partir do Jornalismo Humanitário. Muito além de um título, essa prática nos ensina a enxergar as várias realidades e as apresenta ao mundo. Mostrar as histórias ligadas diretamente ao exercício da educação requer uma abordagem jornalística que vá além das manchetes produzidas apenas com o intuito de informar mudanças de cunho político, como o que ocorre em grande parte dos casos quando se fala em Educação de Jovens e Adultos.

No pano de fundo de cada história também está a luta por reconhecimento. Esse é um conceito criado pelo filósofo Axel Honneth, que ajudará a entender, por exemplo, a motivação da busca pela alfabetização ou retorno aos estudos na fase mais madura da vida. Essa ideia também deixa ainda mais cristalina a origem da força das mulheres que buscaram (ou ainda buscam) vivenciar tais experiências. Mulheres essas que desejam viver novas perspectivas a partir da educação e também buscam ser reconhecidas e consideradas partes atuante das sociedades, pois a construção de identidade é resultado direto dessas ações.

Ser mulher no Brasil implica em muitos desafios. A herança que vem desde a colonização nos coloca, muitas vezes, em um lugar de submissão e subjugamento. Inseridas nesse contexto, muitas tiveram direitos negados e, entre eles, muitas vezes, está a educação. Por isso, as trajetórias aqui reveladas foram escolhidas para mostrar ao mundo como vidas podem ser transformadas através do acesso à escola, à alfabetização, ao aprendizado. É a soma de cada um desses fatores que resultam em segurança, autoconfiança e sentimento de potência.

Cinco mulheres, cada uma de um lugar do país, contaram como foram transformadas a partir de uma decisão: a de começar ou retornar aos estudos depois dos 40 anos. Atitude que envolveu resistência de familiares e amigos, medo, insegurança, mas também apoio, palavras de incentivo e sentimento de realização. Elas enfrentaram e enfrentam outros desafios, mas agora, com a certeza de que podem e querem mais. São filhas, irmãs, mães, esposas, amigas que chegaram ou voltaram às salas de aula com uma infinidade de acontecimentos na bagagem e, agora, têm ainda mais consciência de seu lugar no mundo.

Este livro é sobre a história delas. Sobre a luta por reconhecimento, pertencimento e acolhimento. É sobre como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem muito a ensinar, muito além das paredes da escola.

Capítulo 1

Como chegamos até aqui?

Já dizia Paulo Freire que “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”¹. Quando falamos de educação, falamos de algo muito precioso, pois ela é capaz de empoderar pessoas, o que vai muito além do seu significado mais comum. Além da lei-

1

Saiba mais em *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*.

CAPÍTULO 1

tura das palavras, é com a educação que todos nós aprendemos a ler o mundo ao nosso redor e entender a realidade que nos cerca.

A alfabetização se constitui como um importante fator na construção de uma pessoa enquanto ser social. Inserida no campo da educação, que por si só é uma ferramenta muito importante, auxilia no processo de emancipação de uma sociedade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 11 milhões de brasileiros, com 15 anos ou mais, não sabem ler e/ou escrever, sequer, bilhetes simples. Os dados são da Pnad Contínua de 2019, a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios, cujo objetivo é investigar diversos aspectos nos âmbitos sociais e econômicos de todo o país, como: previdência social, trabalho, educação, população, habitação, fecundidade, migração, saúde, entre outros temas (IBGE, 2020).

Para falar sobre transformação, é válido mencionar uma história muito interessante chamada “Alegoria da Caverna”, criada pelo filósofo Platão, que pode ser usada para ilustrar como é o efeito prático da educação na vida de uma pessoa. E não, esses escritos feitos pelo filósofo da Grécia Antiga e discípulo de Sócrates, não tem nenhuma relação com o assunto, de fato. Mas é usada em muitas metáforas e tomei a liberdade de utilizá-la dessa forma. No livro *A República*, escrito por volta de 380 a.C., o autor aborda em forma de diálogo muitos assuntos e os principais estão relacionados a conceitos sociais, políticos e filosóficos.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Tudo acontece em uma conversa, bastante profunda, entre Sócrates e Glauco, que era irmão de Platão. Em um certo momento, o primeiro pede que Glauco imagine uma caverna que abriga prisioneiros desde o nascimento. Essas pessoas viviam acorrentadas e a única coisa que enxergavam eram sombras projetadas na parede que ficava localizada à sua frente. Já na parte de trás, existia uma fogueira e sempre que outras pessoas passavam por ali, o fogo projetava sombras naquela parede.

Os prisioneiros, presos por correntes, não conseguiam se mover, e a única coisa que viam eram as projeções de imagem, quase como um grande *datashow* rupestre. Aquilo era toda a realidade daquelas pessoas. Isso se estende por um longo tempo, até que um dia, um deles é libertado e sai da caverna, encontrando no mundo exterior algo jamais visto. Além disso, sente-se incomodado com a força da luz em suas retinas tão habituadas à escuridão. A liberdade trouxe consigo a dúvida: ao retornar para o antigo abrigo, os companheiros prisioneiros acreditariam que existe vida para além da caverna? Chamariam-no de louco? Comprariam a ideia de que viveram enganados por tanto tempo?

Platão não falava sobre educação e a moral da história não é sobre isso. Tomei a liberdade, inclusive, de torná-la mais poética, já que a filosofia é muito mais racional. Mas a maneira como acontece essa libertação e a descoberta de novas possibilidades é

CAPÍTULO 1

exatamente o que ela pode fazer com uma sociedade, com uma nação inteira. Saímos da caverna para vivenciar uma nova forma de ver e ler o mundo e, a partir de então, também transformá-lo. Platão e Paulo Freire não viveram, obviamente, na mesma época e nem sequer geograficamente próximos. Mas as palavras de ambos, que parecem ter tomado vida própria, resolveram se encontrar neste livro.

Todos, ou quase todos, sabem que a alfabetização e a educação voltada aos adultos devem ir além da mera instrumentação de pessoas. Esta é uma prática fundamental para proporcionar acesso às condições que possibilitem a participação social e cultural. Além disso, ela é muito simbólica quando a olhamos sob a ótica de nivelamento social, no qual grupos excluídos de direitos básicos, como sociais, políticos e civis, experimentam a universalização daquilo que durante muito tempo lhes foi sonogado².

São muitos e muitos anos de história, e entender como chegamos até aqui não é uma tarefa fácil. O sistema educacional brasileiro é complexo, e, em muitos pontos dessa narrativa, é o oposto daquilo que gostaríamos que fosse. A forma de acesso a esse direito, com privilégios das classes mais ricas, é fruto de uma longa estrada e parece se repetir, ano após ano, década após década, século após século.

2 Magda Soares, professora e pesquisadora, faz importantes contribuições sobre essas ideias em “Alfabetização e Letramento” (2020).

O que a História nos reservou

“[...] ao estudar a História da Educação podemos compreender que não há mudanças sem educação e podemos pensar os indivíduos como agentes construtores de história, ou seja, podemos perceber a importância da educação na sociedade e na formação cultural, social e econômica dela”. Essas são palavras do professor e especialista em História e Cultura Afro-Brasileira José Clécio Silva e Souza³. Existem outras tantas frases que poderiam justificar a importância de sabermos mais sobre o assunto, e principalmente, entender como a educação, a escolaridade e o ensino foram construídos ao longo do tempo neste país, mas apresento-lhes aqui um breve panorama da história e faço o convite para que possam refletir, entender e tirar suas próprias conclusões.

Um dia, nestas terras, viviam apenas os povos originários, os indígenas, nossas raízes. Seus costumes, rituais e formas de agir também faziam parte de uma forma própria de viver e ver o universo. Para contar a história da educação brasileira como conhecemos hoje, é impossível não falar que começamos a partir de uma visão eurocêntrica e que invadiu uma estrutura cultural que já existia por aqui. O embrião da nossa história escolar foi a chegada dos padres Jesuítas, considerados os primeiros professores, junto com o líder Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570),

CAPÍTULO 1

em 1549, com a caravela de Tomé de Souza (1503-1579). Nesse mesmo período, um processo importante e que merece destaque foi a catequização.

O período colonial do Brasil, registrado entre os anos de 1500 e 1822, foi um tempo bastante marcado por essa exaltação da figura do homem que vinha da Europa, com características físicas como cabelo liso e pele branca, que se tornaram um padrão a ser alcançado. Foram várias as fases e muitas as mudanças que escreveram cada letra da história brasileira no campo educacional e escolar. Os registros mostram que, por muitos motivos, esse ainda é um tema que vem alimentando a desigualdade. É dessa herança que surgiu o escopo da educação.

São Marias, Josés, Fernandos, Helenas, Joãoes, Adrianos, Rodrigues, Camilas, Pedros, Lucas, Giseles, entre tantos milhares de brasileiros, que estão na fila da história por também terem sido apartados, em algum momento e de alguma forma, da oportunidade de estudar. Em uma reportagem do Jornal Folha de S. Paulo, publicada em 21 de Março de 2021 com a manchete “Mais de 60 mil adultos deixaram de estudar durante a pandemia em SP”, uma mulher chamada Maria das Graças de Moraes, de 60 anos, contou que enfrentava caminhadas de até uma hora para chegar em uma escola particular da zona sul de São Paulo, para aprender a ler e a escrever, apoiada por um programa gratuito da instituição. Suas palavras ecoam como um lembrete à importância dis-

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

so: “Meu sonho é aprender a ler. A gente passa muita humilhação por não saber, tem que enxergar pelo olho do outro. Quero não depender de ninguém para ir nos lugares, quero ter uma carteira assinada, um emprego bom”. A partir desse depoimento, podemos perceber que, tanto a educação, como a EJA são sinônimos de oportunidade e de enxergar com os próprios olhos.

Ainda sobre educação, no período em que os indígenas eram colonizados por Portugal, uma organização de ensino foi estabelecida, para que, cada vez mais, todo esse universo educacional ganhasse forma. Isso mostra, de uma maneira muito especial, como os acontecimentos do período colonial foram enraizados e ainda fazem parte da cultura do nosso tempo. A palavra que resume essa perpetuação é **segregação**. Para confirmar essa premissa, muitos materiais jornalísticos reunidos podem ser usados como base, como o especial publicado em 2018 pelo portal Gazeta do Povo, assinado pelo jornalista Rodrigo Azevedo e intitulado “A história da Educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização”, que resgatou ideias de alguns historiadores. O material traz uma linha do tempo para entender em que contexto surgiu a escola e como isso ecoa atualmente.

Os povos originários, os indígenas, assistiam às aulas em estruturas improvisadas e construídas também por eles próprios, enquanto parentes de colonos estudavam em lugares preparados e feitos para aquela atividade, como se fossem os colégios da épo-

CAPÍTULO 1

ca. Eis os primeiros alunos que formariam o esqueleto do que conhecemos por educação brasileira: todos do sexo masculino, sendo curumins, órfãos portugueses e, depois, descendentes de escravos, fazendeiros e senhores do engenho. Em linhas gerais, essa é a base para o que se chama de educação letrada no Brasil, quando abriram-se as cortinas desse imenso país para o que seria a escola até hoje. Sim, até hoje, 2021, ano em que este livro é produzido e levado aos olhos de outros leitores.

Nesse começo, havia um ávido planejamento para que o povo originário, que pertencia à massa pobre da população, fizesse parte daquilo, do plano de educação, ou seja, que fossem “reeducados”. Mas a História nos mostra que não foi bem dessa maneira que aconteceu. A catequização foi reservada a eles, criando léguas de distância da ideia de uma educação que estivesse baseada no objetivo de instruir alguém. Ainda em tom de semelhança com o século 21, o que se percebe é que o ensino ficou reservado aos filhos de colonos, descendentes de senhores do engenho, e aos homens europeus. Ou seja: a instrução e letramento encabeçados pela Companhia de Jesus, que combatia a Reforma Protestante, responsável por esses primeiros passos na escolaridade do país e trazida para cá também com foco em trabalhos missionários, passou a ser um instrumento da elite. E novamente: não, não estamos falando de 2021.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Paulo Freire, considerado patrono da educação brasileira desde 2012 (Lei nº 12.612) pelo Ministério da Educação (MEC), ensina sobre a riqueza das palavras, que dão vida a tantas outras palavras a partir dos sentidos. Freire fala em palavra-mundo, pois cada leitura, cada olhar sobre a vida e sobre as coisas, muda a partir de cada experiência. A política colonizadora, que se responsabilizou pela educação brasileira por mais de 200 anos, andou na contramão de uma ideia como essa, pois o ensino não contemplava a realidade do povo vivenciada pela colônia e não se atentava às vivências reais dos alunos. Ainda que com muitos problemas visíveis, principalmente por esse olhar distanciado da época, foi aqui que se pensou em uma organização, um desenho que pudesse ser seguido adiante para as futuras formas de ensinar. Isso também se deve à contribuição dos jesuítas, que ao ministrar as aulas, se baseavam naquilo que pode ser considerado um cronograma escolar, denominado de *Ratio Studiorum*, elaborado em 1599⁴. Como todo enredo tem o seu *plot twist* (termo que indica uma reviravolta, a virada que muda o que você acreditava que permaneceria daquela forma, muito usado por comentaristas de séries, filmes, novelas e outros produtos do audiovisual), algumas coisas no Brasil mudaram de percurso, com consequências que ecoaram por longo tempo.

4 Entenda mais sobre o *Ratio Studiorum*, seu conceito e aplicação nas obras de José Luiz de Paiva Bello.

CAPÍTULO 1

Em 1759, Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal (1699-1782), primeiro-ministro de Portugal, expulsou os jesuítas e reorganizou todo o modelo escolar que era referência naquele período. Seguindo ordens do Estado, os livros e manuscritos usados até então foram destruídos, bem como a religião deixou de ser o ponto nevrálgico do ensino. A reforma pombalina, em 1772, remodelou os processos escolares e ainda é considerada por alguns estudiosos como a semente do ensino público no país ou, pelo menos, quando aconteceram os primeiros usos do termo. Mesmo tornando o professor uma peça central, excluiu os indígenas da oportunidade de prosseguir com os estudos. Neste meio tempo, entre a retirada dos jesuítas e a nova organização, o Brasil passou um período considerável sem qualquer planejamento de ensino.

A linha do tempo que marca esse período da história no país é marcada pelos anos de 1500, com a chegada dos portugueses e encontro com os povos originários. Em 1530 começa o cultivo de cana-de-açúcar com a criação das capitânicas hereditárias. Em 1549 houve a chegada do primeiro grupo de jesuítas. Sequencialmente, em 1599, houve a promulgação do *Ratio Studiorum* e, em 1759, tem-se a expulsão dos jesuítas do Brasil⁵.

Padres substituídos e aulas régias foram criadas, de maneira que nos períodos seguintes, as mudanças começaram a reverberar

5 A linha do tempo com detalhes pode ser analisada no especial sobre História da Educação no Portal Nova Escola, com a contribuição de historiadores e pesquisadores.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

rar nas novas formas de ensino. Em 1760 aconteceu o primeiro concurso de professores, mas as aulas foram oficialmente iniciadas apenas 14 anos depois, em 1774. Para ministrar as aulas, o educador não necessitava de formação específica e, era evidente que o Estado não conseguia assegurar que esses profissionais recebessem uma formação de qualidade. Aqui, de acordo com os registros, é possível apontar, mais uma vez, uma dívida histórica que ainda emerge e parece se fazer presente no país. Além disso, o alcance escolar nesse período também foi baixo, comparado ao que fora conduzido pela Companhia de Jesus.

Educação para quem?

Em 1808, a família real chega ao Brasil. Anos depois, no Rio de Janeiro, a Imprensa Régia é criada e, aproximadamente, sessenta mil livros são direcionados à Biblioteca Nacional. No período Imperial (1822-1889), o direito à educação ainda parecia muito restrito à uma pequena parcela da população. Tempos depois, mudanças ocorreram, mas o ideal de uma educação com mais equidade ainda parecia distante, principalmente porque, com a presença da coroa portuguesa, o Ensino Superior foi amplamente valorizado e voltado para os filhos da nobreza e da aristocracia brasileira.

No Período Imperial Brasileiro, o ano de 1824 marca a primeira Constituição Brasileira, outorgada por D. Pedro I. Na

CAPÍTULO 1

Carta de Lei de 25 de Março de 1824, apenas o último Artigo, de número 179, descrevia: “XXXII. A Instrução primária é gratuita a todos os Cidadãos”. Em 1827, uma lei foi criada e passou a contemplar algumas determinações nunca antes realizadas, como, por exemplo, o acesso à escola para pessoas do sexo feminino e a instalação de escolas de primeiras letras em todos os locais. Apesar da independência e descentralização da educação com a Constituição de 1891, o investimento em escolas públicas não aconteceu da forma esperada. O resultado foi a dificuldade de acesso para as classes mais pobres, caminho contrário ao das famílias ricas, em que seus herdeiros poderiam, inclusive, estudar nas universidades de Portugal. Essa descentralização significava, na prática, a transferência da responsabilidade total dos processos de educação primária e média às províncias, enquanto a legislação sobre o ensino superior caberia ao poder mais centralizado, equivalente ao governo federal.

A partir daí, o país entra na Primeira República, nos anos de 1889 a 1930. Aqui, a diferenciação entre o ensino dedicado aos mais pobres e à elite ficou muito mais evidente, já que o direcionamento para classes abastadas estava centrado no conhecimento letrado e científico, enquanto que, para as classes mais pobres, o ensino era voltado à profissionalização. Os registros mostram que havia uma forte falta de recursos, o que impossibilitou as províncias de cumprirem com o papel de regular e sus-

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

tentar o ensino primário e médio. Abandono foi o que marcou esse período, no que diz respeito a esses níveis educacionais e o resultado foi um aumento considerável do chamado “elitismo educacional”, uma forma mais bonita de falar de desigualdade social.

Mesmo com novas propostas acerca do ensino, como as reformas que emergiram a fim de remodelar o sistema escolar e educacional da época, tal como a de Benjamin Constant, Código Epiácio Pessoa (1901), a Reforma Rivadávia (1911), de Carlos Maximiliano (Reforma de 1915) e Reforma de 1925. Os resultados foram negativos, não causaram o efeito esperado no sentido de promover novas formas de ensino e o que despontava no âmbito da educação brasileira à época era uma desigualdade galopante, cujos privilégios dos mais ricos cresciam de maneira exponencial.

Ainda no começo da primeira república, o índice de analfabetos já atingia cerca de 67,2%. Surgem também os primeiros registros de movimentos contra o analfabetismo, como a Liga de Defesa Nacional (1916) e a Liga Nacional do Brasil (1917, em São Paulo). Com interesses puramente políticos e voltado às eleições, não havia uma busca pela melhoria da educação dos mais pobres. O objetivo aqui era aumentar o público eleitoral, já que os analfabetos não podiam votar.

Uma nova escola

De 1930 a 1937, renasce algum tipo de consciência sobre a importância da educação. Em 1931, foi criado o Ministério da Educação, centro de muitas ações educacionais, a partir do Decreto número 19.850, datado de 11 de Abril. Além disso, movimentos como o dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, que incluíam Anísio Teixeira (1900-1971), Lourenço Filho (1897-1970) e Fernando de Azevedo (1894-1974), contabilizando 26 signatários, os quais defendiam uma educação pública de qualidade, laica e gratuita. Em 1934, surge uma nova Constituição, fruto de mais discussões sobre ensino, colocando o Governo Federal na figura central para assumir novas responsabilidades na pasta. Como as coisas mudam a passos morosos, a mesma Constituição apresentava decisão sobre o retorno da pauta religiosa no ensino, mas, ainda assim, propagava a ideia de universalização do acesso.

Com o Estado Novo (1937-1945), percebe-se um retrocesso no que antes havia sido firmado como novos objetivos da educação e também como dever do Estado. Como em um jogo estilo “Banco Imobiliário” ou “Jogo da Vida”, jogamos o dado e, sem sorte, tivemos de voltar dez casas. Esses anos foram marcados por detalhes muito parecidos com o que já fora citado aqui nos parágrafos anteriores e que rondam a educação brasileira, como o ensino escolar dos saberes científicos e gerais *versus* o

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

ensino meramente profissionalizante, direcionado ao aprendizado de técnicas, voltado às classes mais pobres, na tentativa de “deixá-la útil” para a força de trabalho, apenas⁶.

O período da ditadura, resultado do golpe civil-militar (1964-1985) que derrubou o presidente João Goulart, por si só já pode ser descrito como um triste momento da história brasileira, considerado resultado de uma série de ações realizadas por parte dos militares, da sociedade e das grandes mídias. O que já era difícil, ficou impossível. Lutar por igualdade, equidade, qualidade, liberdade, para todas as áreas da vida, tornou-se um pesadelo. Mais uma vez, as classes burguesas aproveitaram o ensino de qualidade, enquanto as populares atendiam, exclusivamente, aos interesses do mercado ao ter apenas o ensino técnico à disposição.

Ainda nesse período, inflexões importantes aconteceram e transformaram a história do ensino público no país. Uma delas diz respeito ao acordo bilateral estabelecido entre Brasil e Estados Unidos da América, por meio do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e *Agency For International Development* (USAID) ou Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, aliança conhecida historicamente como “Acordo MEC/USAID”. O principal objetivo dessa união era

6 O professor e filósofo Paulo Ghiraldelli Jr. fala sobre a Constituição de 1937 e a ausência de oferta de educação pública de qualidade.

CAPÍTULO 1

conseguir ajuda técnica e financeira, que viabilizasse também a reformulação completa do ensino brasileiro em todos os níveis.

Esses acordos foram firmados em 31 de Março de 1965, com o intuito de financiar uma série de alterações nos programas de educação. A abrangência desse acordo abarcava desde o ensino primário ao superior, inclusive, no que dizia respeito ao treinamento de docentes e produção de livros didáticos. No mesmo contexto da década de 1960, uma grande crise econômica também se instalou no país, durante a fase industrial. Isso contribuiu para a construção de um cenário de precariedade, com pouca perspectiva de crescimento futuro, inflação galopante e queda de investimentos. As consequências disso reverberaram, inclusive, na garantia de direitos, problema que tomou sua maior proporção após a explosão e durante toda a existência do regime militar. O ensino primário e secundário, juntamente com o ensino superior, foram alvos diretos das mudanças, feitas por meio das Leis nº 5.540/68 e 5.692/71. Em função delas, muitos convênios foram firmados pelo governo, a fim de que a educação brasileira fosse completamente reestruturada. O fortalecimento dessas medidas ocorreria à medida que a ditadura civil-militar avançava. Logo após o golpe, muitas modificações foram feitas sob intuito de extirpar qualquer ação outrora realizada em função das Reformas de Bases do governo de João Goulart. Entre elas, estava a retirada do Programa Nacional de Alfabetização,

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

o PNA, que vigorava desde 21 de Janeiro de 1964, mesmo ano do golpe, cuja intenção pretendia colocar em prática o Sistema Paulo Freire nas escolas⁷.

Os 12 acordos da aliança MEC/USAID foram assinados entre 1964 e 1968 e todos eles abarcavam os diversos níveis do ensino brasileiro, caracterizados por: educação primária, média, universitária, além de responsabilizar-se pelo treinamento de professores e fiscalização da produção e distribuição dos materiais didáticos. Os reais problemas gerados a partir de então, são assuntos bastante conhecidos dos nossos dias, pois toda e qualquer ação feita em pastas complexas, como a da educação, tem o poder de ecoar por longos anos. Esses acordos acentuaram a privatização do ensino, e aplicaram uma lógica de mercado na educação. Era algo como “queremos mais por menos”. Mais produtividade, mais racionalidade, mais trabalho e menos investimento e humanidade no ensino.

7 Sobre essas modificações, indico os artigos de Alex Ricardo Bombar-da, para aprofundamento nas influências dos acordos MEC/USAID na educação brasileira.

Figura 1. Matéria sobre os acordos MEC/USAID retratada pela grande mídia, na época representada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Edição de 7 de Outubro de 1969, página 10.

10 — O ESTADO DE S. PAULO

TERÇA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 1969



Para atrair as africanas

Um estudante, negro, em um vestibular realizado em um colégio de elite de São Paulo, afirma que milhares de africanas, recrutadas por uma agência, chegaram em massa para estudar em um curso de inglês no colégio. Ele afirma que as africanas foram trazidas por uma agência de recrutamento e que elas chegaram em massa para estudar em um curso de inglês no colégio. Ele afirma que as africanas foram trazidas por uma agência de recrutamento e que elas chegaram em massa para estudar em um curso de inglês no colégio.

Sem base o temor ante o MEC-Usaid

Os assessores do Planejamento do Ensino Superior (MEC/USAID) discutiram em relatório que "o receio fundado, em alguns setores da opinião pública, sobre a transformação das universidades em instituições sem autonomia em controle de politização corporativa, parece ter exagerado e atual que não o correspondente realista avaliação de situação.

Fixação de anuidades

Em matéria de fixação de anuidades, o Conselho Federal de Educação recomendou que as universidades não possam estabelecer preços de anuidades superiores aos praticados em instituições de ensino de nível superior. A recomendação foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação em uma reunião realizada em Brasília.

Horas que um Banco da Educação

Uma comissão de especialistas do Conselho Nacional de Educação recomendou que o Banco da Educação seja criado com o objetivo de administrar os recursos financeiros destinados ao ensino superior. A comissão recomendou que o Banco da Educação seja criado com o objetivo de administrar os recursos financeiros destinados ao ensino superior.

Perdida a carga do "Remer"

Um acidente de trânsito resultou na perda de uma carga de remédios. O acidente ocorreu em uma via pública e resultou na perda de uma carga de remédios. O acidente ocorreu em uma via pública e resultou na perda de uma carga de remédios.

Uma comissão mista, formada por representantes do MEC e da USAID, discutiu os acordos de cooperação técnica. A comissão discutiu os acordos de cooperação técnica e chegou a um acordo sobre os termos da cooperação.

Um relatório do MEC/USAID discutiu a situação das universidades brasileiras. O relatório discutiu a situação das universidades brasileiras e recomendou algumas medidas para melhorar a qualidade do ensino superior.

Um artigo de opinião discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil. O artigo discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID. O artigo discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o futuro do ensino superior no Brasil. O artigo discutiu o futuro do ensino superior no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil. O artigo discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID. O artigo discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o futuro do ensino superior no Brasil. O artigo discutiu o futuro do ensino superior no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil. O artigo discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID. O artigo discutiu o impacto dos acordos MEC/USAID e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o futuro do ensino superior no Brasil. O artigo discutiu o futuro do ensino superior no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.

Um artigo de opinião discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil. O artigo discutiu o papel do MEC/USAID no Brasil e defendeu a autonomia das universidades.



PROGRAMAÇÃO ARTÍSTICA DE HOJE
PAVILHÃO DE ESPETÁCULOS
Ballet, Fanteche e Teatrinho
Horário: 18:30 - 19:30
Festival de Conjuntos Musicais
Horário: 19:00 - 20:00
Mini Guard
Horário: 19:30 - 20:00
Festival de Conjuntos Musicais
Horário: 19:00 - 20:00
SUPERLIVRO NA RÁDIO
CINEMA SHOW MINISTRAGANZA
Horário: 19:30 - 20:00

Hindu prega a meditação

Um religioso hindu pregou sobre a importância da meditação. Ele afirmou que a meditação é essencial para alcançar a iluminação e a paz interior. Ele afirmou que a meditação é essencial para alcançar a iluminação e a paz interior.

Amazons, pelo diário de bordo

Um relato sobre as expedições às florestas amazônicas. O relato descreve as dificuldades enfrentadas pelos exploradores e a descoberta de novas espécies de plantas e animais. O relato descreve as dificuldades enfrentadas pelos exploradores e a descoberta de novas espécies de plantas e animais.

APARELHOS PARA SURDEZ
Prestar e Melhorar
BELOY S. A.
FACILITADOR DE COMUNICAÇÃO
Rua São da Boa Vista, 101
Tel: 800 - 000 1111

OS VON BRAUNS DO SOM.

VON BRAUN Nº 1 (Rio)
VON BRAUN Nº 2 (Marinês)
STUDIO TRES
Alameda Lacerda, 1695-50
Avenida Alca 123.

novo telefone da
ip itaipava
INDUSTRIAL DE PAPEIS LTDA.
269-4827 (PBX)

Puxa...
- que coisa boa é
Brahma Chopp!
Uma boa e gostosa cerveja, que grande prazer é beber Chopp! Seu único lanchonete e esturiumam com Brahma Chopp. Eles sabem que em qualidade Brahma Chopp é insuperável!

MEC-USAID começa em outubro

Ação contra as enchentes

De Janeiro de Fátima Alves

A Prefeitura de São Paulo decidiu alocar 10 milhões de dólares em empréstimo junto ao Banco Mundial para a construção de um sistema de drenagem de águas pluviais em São Paulo. O empréstimo será usado para a construção de um sistema de drenagem de águas pluviais em São Paulo, com o objetivo de evitar enchentes e danos materiais e humanos.

O sistema foi criado no âmbito do plano de saneamento básico de São Paulo, elaborado em 1963. O plano prevê a construção de um sistema de drenagem de águas pluviais em São Paulo, com o objetivo de evitar enchentes e danos materiais e humanos.

Uma comissão de planejamento de saneamento básico de São Paulo, criada em 1963, elaborou o plano de saneamento básico de São Paulo, com o objetivo de evitar enchentes e danos materiais e humanos.

Racionado o café em Aracaju

Aracaju, 29 de Setembro

Quatro toneladas e setenta de café no estado nordestino foram racionadas nesta semana em Aracaju, capital do Alagoas. O racionamento foi decretado pelo governador do Estado, devido à escassez de café no mercado interno.

O racionamento será feito através de cartões, que serão distribuídos para os consumidores. Cada cartão permitirá a aquisição de uma determinada quantidade de café por pessoa e por mês.

Notícias dos Estados

R. G. do Norte

O governador do Rio Grande do Norte, João Pessoa, anunciou a criação de um comitê de planejamento econômico para o Estado. O comitê será formado por representantes do governo, do setor privado e da comunidade acadêmica.

Pernambuco

O governador de Pernambuco, Paulo de Faria, anunciou a criação de um comitê de planejamento econômico para o Estado. O comitê será formado por representantes do governo, do setor privado e da comunidade acadêmica.

Alagoas

O governador de Alagoas, Paulo de Faria, anunciou a criação de um comitê de planejamento econômico para o Estado. O comitê será formado por representantes do governo, do setor privado e da comunidade acadêmica.

Telex vai interligar o Nordeste

Recife, 29 de Setembro

A Companhia Brasileira de Telecomunicações (CBT) anunciou a criação de um sistema de telex para interligar as capitais dos estados do Nordeste. O sistema será formado por linhas de telex que conectarão Recife, Salvador, Fortaleza, João Pessoa e Teresina.

O sistema de telex será criado em duas etapas. Na primeira etapa, serão criadas as linhas de telex que conectarão Recife e Salvador. Na segunda etapa, serão criadas as linhas de telex que conectarão Recife, Salvador, Fortaleza, João Pessoa e Teresina.



A hidrelétrica de Salto de Iguaçu servirá a 18 municípios do Paraná

Será inaugurada hoje Mais 1920 apartamentos em Brasília

Brasília, 29 de Setembro

Hoje será inaugurada em Brasília a entrega de mais 1.920 apartamentos, parte do programa de habitação social do governo federal. Os apartamentos serão entregues aos moradores em 18 municípios do Paraná.

O programa de habitação social do governo federal prevê a construção de milhares de apartamentos para atender a demanda por moradia nas grandes cidades brasileiras. A inauguração de hoje é apenas mais um passo na realização deste programa.

Jato fez pouso forçado

Brasília, 29 de Setembro

Um jato de passageiros fez pouso forçado em Brasília devido a problemas técnicos. O jato, que estava voando de São Paulo para Brasília, teve que pousar no Aeroporto Internacional de Brasília devido a uma falha no motor.

Os passageiros foram evacuados com segurança e o jato foi reparado. O voo foi retomado posteriormente.

O Papa e a paz

Washington, 29 de Setembro

O papa João XXIII afirmou que a paz é o objetivo mais importante da Igreja Católica. Ele afirmou que a Igreja deve trabalhar para a promoção da paz e da justiça no mundo.

O papa fez estas declarações durante uma audiência pública em São Paulo. Ele afirmou que a Igreja deve trabalhar para a promoção da paz e da justiça no mundo.

Presidente volta a Brasília

Brasília, 29 de Setembro

O presidente da República, João Goulart, voltou a Brasília após uma viagem de trabalho. Ele afirmou que a viagem foi muito produtiva e que ele retornou com muitas ideias para a melhoria do país.

O presidente afirmou que a viagem foi muito produtiva e que ele retornou com muitas ideias para a melhoria do país.

Reunião de reitores tumultuada

Brasília, 29 de Setembro

Uma reunião de reitores de universidades brasileiras foi tumultuada devido a discussões sobre o financiamento da educação superior. Os reitores discutiram a necessidade de maior investimento em educação e a importância de melhorar a qualidade do ensino.

A reunião terminou sem acordos definitivos, mas com a promessa de que o governo federal continuará trabalhando para melhorar o financiamento da educação superior.

Diplomas falsos

Brasília, 29 de Setembro

A Polícia Federal apreendeu uma grande quantidade de diplomas falsos emitidos por instituições de ensino. Os diplomas foram emitidos por instituições de ensino que não possuem autorização para emitir diplomas.

A Polícia Federal apreendeu uma grande quantidade de diplomas falsos emitidos por instituições de ensino.

Mestras protestarão no dia 2

Brasília, 29 de Setembro

As mestras de ensino superior de todo o Brasil vão se reunir em Brasília no dia 2 de outubro para protestar contra a situação do ensino superior no país. As mestras vão discutir a necessidade de maior investimento em educação e a importância de melhorar a qualidade do ensino.

As mestras vão discutir a necessidade de maior investimento em educação e a importância de melhorar a qualidade do ensino.

Veja seu novo

PAPA e REVUSÃO NA AGROMOTOR

Revusão é a melhor opção para quem precisa de um veículo econômico e eficiente. Com o PAPA e a Revusão, você terá um veículo que oferece a melhor relação custo-benefício.

Revusão é a melhor opção para quem precisa de um veículo econômico e eficiente. Com o PAPA e a Revusão, você terá um veículo que oferece a melhor relação custo-benefício.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Ainda sob efeito da ditadura civil-militar, vale destacar o fechamento do Ginásio Vocacional, projeto considerado inovador por estudiosos da educação, que fora extirpado pelo regime por suas características diferenciadas. Em 1961, no período de tramitação da primeira Lei de Diretrizes e Bases, uma reforma que modificou o Ensino Industrial do Estado de São Paulo foi aprovada. Uma comissão, a partir de então, foi formada pela junção de professores e outros profissionais do Ensino Industrial e Ensino Secundário para formular o texto do Decreto nº 38.643, publicado em 27 de Junho 1961, regulamentando a lei do Ensino Industrial e um novo ensino médio. O Serviço de Ensino Vocacional (SEV) iniciou as atividades a partir de 1961 e em 1962, implantou seis escolas ginásiais na rede de educação estadual. Maria Nilde Mascellani, educadora brasileira, é considerada a idealizadora da fundamentação do projeto. Suas preocupações centravam-se em valores humanitários e na construção do cidadão enquanto homem social e agente transformador das sociedades. A criação dos Ginásios aconteceu a partir de uma pesquisa sobre a comunidade. As seis escolas abertas no estado de São Paulo foram implantadas com objetivos definidos e em locais estratégicos, a partir das características de cada região. São Paulo era cosmopolita, enquanto outras cidades do interior, como Americana, tinham aspecto mais industrial, por exemplo. A pesquisa utilizada como base na fase de estudo, que precedia a abertura dos Ginásios Vocacionais, ajudou a entender alguns predicados locais, tal como o nível socioeconômico da população.

Figura 4. Jornal Folha de S. Paulo, edição de 16 de dezembro de 1965, página 16.



Figura 5. Jornal Folha de S. Paulo, edição de 24 de março de 1965, página 7.

Ensino vocacional: secretario pede volta dos alunos às aulas

“Aumento é questão de sobrevivência”

24/3/65 - O diretor do Ginásio Vocacional de Americana, Carlos de Almeida, pediu a volta dos alunos às aulas e a suspensão de férias dos professores. Ele afirmou que o aumento de 10% solicitado pelos docentes é uma questão de sobrevivência para a instituição.

De acordo com o diretor, a instituição enfrenta sérias dificuldades financeiras devido ao aumento de custos e à redução de verbas. Ele afirmou que o aumento de 10% é essencial para a manutenção das atividades educacionais.

Deliberações do Conselho Regional de Contabilidade

24/3/65 - O Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo decidiu sobre a admissão de novos membros e a renovação do conselho. A decisão foi tomada por maioria absoluta.

A reunião foi presidida pelo presidente do conselho, Carlos de Almeida. Ele destacou a importância da transparência e da ética profissional.

“Considero este aumento insubsistível porque a instituição enfrenta sérias dificuldades financeiras. O aumento de 10% solicitado pelos docentes é uma questão de sobrevivência para a instituição. Não tenho como recusar este aumento e não posso deixar de solicitar que haja também um reajuste de 10% para os professores e para a instituição. A escola enfrenta sérias dificuldades financeiras devido ao aumento de custos e à redução de verbas. Não tenho como recusar este aumento e não posso deixar de solicitar que haja também um reajuste de 10% para os professores e para a instituição.”

As possibilidades de negociação são limitadas, pois a instituição não pode aumentar os preços. A única saída é solicitar que haja também um reajuste de 10% para os professores e para a instituição. A escola enfrenta sérias dificuldades financeiras devido ao aumento de custos e à redução de verbas.

O diretor do Ginásio Vocacional de Americana, Carlos de Almeida, pediu a volta dos alunos às aulas e a suspensão de férias dos professores. Ele afirmou que o aumento de 10% solicitado pelos docentes é uma questão de sobrevivência para a instituição.



Foto de alunos alto salutar com o diretor do Ginásio Vocacional de Americana, Carlos de Almeida. A foto foi tirada em 24 de março de 1965.

Vendas a prazo com premios

24/3/65 - A loja de departamentos de Americana anunciou uma promoção de vendas a prazo com premios. A promoção será válida até o fim do mês.

Cada vez mais, os direitos políticos dos profissionais do SEV se tornavam escassos. O Ato Institucional nº 5, conhecido popularmente como AI-5, foi baixado em 13 de Dezembro de 1968 durante o governo do general Costa e Silva, e é considerado a expressão materializada da severidade da ditadura. Em 19 de Junho de 1969, Maria Nilde Mascellani, coordenadora, e Áurea Sigrist, diretora do Ginásio Vocacional de Americana, sofreram as consequências dos anos de chumbo com o afastamento dos respectivos cargos. Mais à frente, em 05 de Junho de 1970, o Decreto nº 52.460 ordenou que os Ginásios passassem a fazer parte da rede comum de ensino. Por fim, Maria Nilde foi definitivamente cassada, com base no AI-5 e o Ginásio Vocacional extirpado pelo regime ditatorial.

Existe um amanhã

Pouco depois do fim da ditadura, em 5 de Outubro de 1988, o Brasil ganhou uma nova Constituição Federal. Entre as conquistas do período, estava a importância e o espaço ocupado pela educação no interior dos debates políticos, que, de maneira mais incisiva, propagava a ideia de educação como um direito garantido a todos, fruto também dos ideais do Manifesto da Escola Nova, na era de Getúlio Vargas. Como consequência da Constituição Federal renovada, surgiram também leis que sustentaram as novas ações em prol da educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996 (Lei nº 9394/96). Entre os pontos principais da lei, considerada uma das mais importantes no âmbito educacional, está a valorização do professor e a divisão de papéis entre União, Estados e Municípios em suas respectivas responsabilidades, relacionadas à educação pública. Em 1990, Fernando Collor de Mello assumia a presidência do Brasil e criava o Programa Nacional de Alfabetização (Pnac), que substituiria a Fundação Educar, um desdobramento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), idealizado por José Sarney. Na era Fernando Henrique Cardoso (PSDB), eleito presidente do Brasil de 1995 a 1998 e reeleito em 1999, cumprindo mandato até 2003, outras mudanças aconteceram, e a dimensão disso impactou, e muito, a educação como conhecemos mais recentemente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em seu segundo mandato, incluiu, por exemplo, a educação

infantil na intitulada educação básica, sendo a primeira fase dessa etapa estudantil, além de, também, passar a debater sobre a formação do docente em nível superior. De lá para cá, muita coisa mudou, mas a universalização do acesso parece, ainda, estar sob constante ataque. Em 2001, o Plano Nacional de Educação (PNE) foi aprovado com metas estipuladas, a fim de melhorar o acesso e a qualidade da educação, em uma análise geral.

Programas sociais na educação

Em 2003, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu a presidência do Brasil e foi reeleito em 2007. Seu governo foi marcado por programas sociais e dois deles foram reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), o Bolsa Família, criado através da Medida Provisória nº 132, de 20 de Outubro de 2003, e que se tornou a Lei nº 10.836; e o Fome Zero, lançado no dia 30 de Janeiro de 2003, ambos ligados ao combate à pobreza e fortalecimento no acesso a direitos elementares, tais como a segurança alimentar, a saúde e a educação. Na pasta da educação, o Ministro à época, Fernando Haddad (PT) junto ao Governo Federal, criou o Programa Universidade Para Todos, também conhecido como ProUni, como política de acesso ao ensino superior. A Lei nº 11.096, aprovada em 2005, instituiu o programa, que funciona até os dias atuais e utiliza a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para ingresso dos estudan-

CAPÍTULO 1

tes de baixa renda em faculdades particulares. Já o Sistema de Seleção Unificada (SISU), também criado durante este governo, tem como objetivo substituir os vestibulares tradicionalmente utilizados para ingresso às universidades públicas e também se baseia na pontuação do ENEM, concedendo bolsas por ampla concorrência ou cotas sociais.

Em 2007, dois passos importantes também foram dados a fim de aumentar a qualidade do ensino. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) foi promulgado e é o principal fundo voltado para a educação brasileira e o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) foi lançado. O Fundo prevê programas e ações governamentais que promovam reformas em todos os níveis da educação, ou seja, abarca Educação Básica, Superior, EJA, Educação Profissional, Educação Indígena e Quilombola⁸.

8

Você pode saber mais nos artigos de Dulce Mari da Silva Voss, doutora em educação pela Universidade Federal de Pelotas.

*Ler, escrever, estudar
durante a maturidade:
independência e identidade*

O que hoje ficou conhecido por EJA teve início nos anos 1947, com a criação da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Depois disso, ao longo do tempo, passou a ser considerado um assunto independente da educação popular, já que era realmente necessário pensar em ações específicas para esse público. A campanha funcionou até 1963 e era parte do Serviço Nacional de Adultos (SEA). Um ponto que vale a pena contar é que a EJA, nessa fase, era voltada à ideia de progresso urbano, e isso quer dizer que o homem ou a mulher eram alfabetizadas puramente para contribuir com a força de trabalho. Seria essa uma herança brasileira?

O programa responsável pelo nascimento do letramento de adultos passou a perder espaço, já que se materializava uma vontade muito maior de uma educação que ensinasse a ler e a escrever, mas também ajudasse cada pessoa a se tornar alguém mais crítico, que ajudasse a pensar por conta própria. Em outras palavras: conduzir pessoas a entender seus papéis e lugares no mundo. Paulo Freire é uma peça essencial nesse quebra-cabeças do saber, já que suas ideias e ações sempre defenderam a educa-

CAPÍTULO 1

ção como prática de liberdade, o que é, inclusive, é título de um de seus quase quarenta livros.

A partir do exemplo desses movimentos, e também envolvidos pela percepção mais Freireana da educação, surgiram iniciativas como Movimento de Educação de Base (MEB), o Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP), o Centro Popular de Cultura (CPC) e a Campanha de Pé no Chão também se Aprende a Ler. Apesar de representar um avanço significativo, principalmente no que se refere à mentalidade voltada à importância social da alfabetização do indivíduo, que ditava os objetivos dos projetos, o tempo de duração não foi o suficiente para que os trabalhos pudessem seguir um rumo de transformação mais efetiva.

Programas como Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), de 1967, que previa a extinção do analfabetismo em dez anos, e o Ensino Supletivo, título presente no imaginário de muitas pessoas até os dias atuais, instituído na mesma década, são pontos que valem a menção nesse breve resumo histórico. Outras tantas tentativas de estabelecer a alfabetização de adultos como a Fundação Educar, o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), do governo de Fernando Collor de Mello (PROS), o Movimento de Alfabetização (MOVA), na década de 1990 com Fernando Henrique Cardoso (PSDB), entre outros, tiveram as sementes plantadas, mas não floresce-

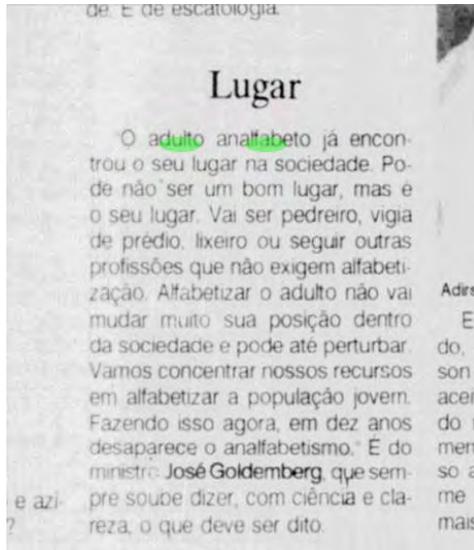
COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

ram. O famigerado Ensino Supletivo foi instituído pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71 ainda no período da ditadura, cujo objetivo era oferecer escolarização a adolescentes e adultos que, na idade própria, não frequentaram a escola, além de preconizar o aperfeiçoamento profissional. O MOBREAL encerrou suas atividades em 1985, ano final do período ditatorial.

No meio tempo entre o fim do MOBREAL e o governo de Fernando Collor de Mello (PROS), surgiu a Fundação Educar, vinculada ao Ministério da Educação, que articulava parcerias com entidades, com objetivo de colocar em prática um planejamento para a alfabetização, além de fornecer ajuda de custo aos professores envolvidos. Já sob a gestão Collor, a fundação foi extinta e, em seu lugar, foi criado o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). No entanto, o projeto não chegou a acontecer, o que marca um período de hiato em projetos sociais voltados à alfabetização sob o manto do governo federal. Tal responsabilidade foi delegada aos municípios e, sobre esse processo, um depoimento do ministro da educação à época, José Goldemberg, marcou o período com declarações sobre o planejamento da educação de jovens e adultos, destacada na edição 00011, de 21 de Fevereiro de 1991, pelo Jornal do Comércio (RJ) (Figura 6).

CAPÍTULO 1

Figura 6. Jornal do Comércio, edição 00011, de 21 de Fevereiro de 1991.



Texto contido no Jornal: O adulto analfabeto já encontrou o seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização. Alfabetizar o adulto não vai mudar muito a sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar. Vamos concentrar nossos recursos em alfabetizar a população jovem. Fazendo isso agora, em dez anos desaparece o analfabetismo.

Ainda no início da década de 1990, surgiu o Movimento de Alfabetização (MOVA), que propunha um modo divergente de outrora na aplicação do ensino, com interferências a partir do contexto econômico dos alunos. Em 1996, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a EJA sofreu um novo desgaste com a implantação de outro programa, que não atendia de maneira adequada às necessidades que surgiram a partir dessa demanda tão específica.

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

A trajetória que conta os dias passados até o presente, sobre e alfabetização de adultos, mostra muito do cenário de hoje. O que se percebe também é que em toda a sua história, a EJA vem carregada da cultura de estereótipos e, a educação como um todo, permanece com características excludentes. É preciso considerar que, para que um planejamento educacional como a EJA trilhe uma jornada satisfatória e estimule o público a permanecer na busca por seus objetivos, é minimamente necessário que os professores estejam preparados para ministrar as aulas com foco nos alunos, para que eles permaneçam motivados em aprender, abertos a entender os contextos culturais, de vida, econômicos, sociais, de modo que se percebam também como agentes transformadores de si e do mundo ao redor. As apostas brasileiras mostram que, durante um considerável período de tempo, tentou-se criar um ambiente de inclusão, mas com ações caminhando em direções opostas. Um exemplo disso foi o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), criado em 1997, que já chegou a utilizar o *slogan* “adote um analfabeto” e tinha o intuito de captar recursos, mas resultou no reforço da imagem do analfabeto como incapaz, indefeso e que precisa ser adotado. Os programas seguintes também marcaram as tentativas de criação de programas sociais ligados à alfabetização, com algo que pudesse atender de forma ampla a população sem o conhecimento da leitura e da escrita. Ainda em 1998, surgiu o Programa Nacio-

CAPÍTULO 1

nal de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), instituindo vínculo com outros programas sociais. Em 2003, o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) criou o Programa Brasil Alfabetizado, que sofreu mudanças em suas metas com a troca de ministros na pasta da Educação. Dados do Ministério da Educação, desse mesmo ano, mostram que 1,6 milhões de brasileiros foram impactados pelo projeto. Em 2000, o IBGE apontou que existiam 16 milhões de analfabetos no Brasil. Após 19 anos, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a Pnad-Contínua, contabilizou 11 milhões de pessoas que não sabem ler e/ou escrever, o que corresponde à uma taxa de 6,6% de analfabetismo no Brasil. O atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro (sem partido), assinou em Abril de 2019, junto ao Ministro da Educação à época, Abraham Weintraub, o decreto nº 9.765, instituindo a Política Nacional de Alfabetização (PNA). Em Agosto do mesmo ano, um caderno de 54 páginas com informações científicas e marcos históricos foi lançado, com objetivo de comprovar a eficácia da política de alfabetização adotada pelo governo. Entre as metas, estava erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% o analfabetismo funcional.

Ainda no mesmo ano de posse de Bolsonaro, O Censo Escolar, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), trouxe importantes informações sobre esse quadro: mais de três milhões de pessoas

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

estavam matriculadas em programas de EJA, mas o percentual de queda apontou para um crescimento, atingindo 7,7% de desistências. Já o Censo de 2020, divulgado em 29 de janeiro de 2021, registrou 8,3% de queda, que configura em 270 mil estudantes a menos, segundo o instituto. Mesmo nas campanhas mais progressistas, ainda há certa defasagem e despreparo no trato e no planejamento do que será lecionado. Para além do letramento, da escrita e da leitura, é necessário, antes, ensinar que esse aluno leia o mundo e escreva a sua própria história. É, antes de tudo, urgente que considerem sua dimensão humana, para transpor as barreiras de um ensino mecânico. Entretanto, ainda que com muitos pontos a considerar sobre os projetos que envolveram o ensino de pessoas fora da época escolar adequada por motivos diversos, a EJA, as iniciativas de organizações da sociedade civil, e de igrejas, como o MOVA, criado em 1990 a partir da gestão de Paulo Freire na Secretaria da Educação, utilizam como base o diálogo e acreditam na intervenção do aluno no próprio conhecimento. A leitura, escrita e a educação de adultos não se encerram em si mesmas, mas são parte do processo como um todo. O desenvolvimento crítico, a elaboração de ideias, a interpretação do mundo e das realidades e sociedades possíveis e existentes são pilares desse ensino. A importância exercida por esses movimentos pode ser mensurada na mudança de vida de cada cidadão que passou pela oportunidade de conhecer mais

do que a realidade vista da própria janela. A educação como um núcleo que abarca um grande número de significados e a EJA, propriamente dita, são ferramentas necessárias e capazes de gerar profundas transformações na sociedade. Nesse grande barco, há grupos que sofrem ainda mais com essas consequências e um deles é o de mulheres analfabetas no país.

Educação e Gênero

Para entender a alfabetização de mulheres, é preciso pensar muito além do ensino que vai mostrar como unir letras até que se formem palavras, entender e separar sílabas, até que se possa ler uma frase completa. A Constituição Federal de 1988 trouxe essa temática como uma das questões centrais, propagando a ideia de que a educação é um direito que deve ser garantido a todos, mas sabemos que entre a garantia do papel e a realidade, há um grande abismo a ser explorado.

A segregação que acontece, motivada pelo gênero, é uma dívida histórica que explica inúmeros fatores que paralisam a vida das mulheres. Indicadores como os do IBGE mostram a grandiosidade desse problema, quando apontam uma alta taxa de analfabetismo em um grupo presente em todos os lugares, mas ainda não reconhecido. Mulheres estão no trabalho, estão no escritório, na cozinha, nos cargos de liderança, na base e no

COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

topo da pirâmide, na maternidade, em casa, na rua e em todos os setores da vida. Mas, ainda com registro de atraso na sociedade.

Mulheres recebem 77% dos salários dos homens. O rendimento médio delas é de R\$ 1.985,00, enquanto o deles é de R\$ 2.555,00. Um detalhe importante é que a presença feminina, no que se refere à frequência escolar, é maior, pois a população com ensino superior completo, com 25 anos ou mais, é 19,4% composta por elas e 15,1% por eles. Se for considerada, então, a faixa etária entre 25 e 34 anos, esse número sobe mais alguns degraus, uma vez que 25,1% das mulheres chegaram até o diploma na faculdade, enquanto apenas 18,3% dos homens atingiram a formação na faculdade. Vale ressaltar também que a famosa dupla jornada é muito maior para o grupo feminino, pois os dados apontam que as mulheres gastam quase 21,4 horas com atividades relacionadas a outras pessoas e/ou atividades domésticas, enquanto os homens investem apenas 10,5 horas nessas práticas (IBGE, 2021).

Esse quadro de dados reflete questões mais profundas sobre o que é ser mulher no Brasil. O ponto de partida da história foi dado a partir de um modelo patriarcal. Em uma família colonial, o patriarca, o pai, o homem e figura que traz o sustento para a casa era o que comandava, tomava decisões e detinha todas as posses, entre elas, sua mulher. Falando de escolaridade, principalmente da EJA, as mulheres buscam os novos ares no

CAPÍTULO 1

interior de uma escola, geralmente no período noturno (mais comumente oferecido pelas instituições estaduais), em busca de socialização, para manter um compromisso que vá além das paredes de suas casas. É uma busca profunda nas muitas camadas do aprendizado. No caso de mulheres idosas, a sensação de utilidade também faz parte da força motivacional na busca pelo saber. Desse modo, pode-se dizer que existe uma pluralidade de escolhas que baseiam essa decisão. Além dos motivos levantados ao longo deste capítulo, sabemos que a busca por independência e liberdade também algo que terá resultado não somente sobre o fato da aprendizagem propriamente dita, mas também sobre a autoestima da mulher. A assinatura do próprio nome, por exemplo, lhes confere a sensação de um lugar ao mundo, de resgate das raízes, do conhecimento do eu e de pertencimento. Esse é, muitas vezes, o primeiro pedido das educandas ao iniciarem o processo de alfabetização. Assim, as relações estabelecidas com o saber vão muito além do que os nossos olhos enxergam. A sensação de todas essas alunas é de que o primeiro passo da educação serve para abrir portas em si mesmas, para que, posteriormente, elas possam ser agentes transformadoras de seus futuros. Em todo esse processo, te convido a considerar alguns outros fatores determinantes, para que essas mulheres tomem a decisão de enfrentar a escolarização e alfabetização em uma fase mais madura da vida. Esse caminho também se constrói a partir

do acolhimento e, mais do que isso, quando a forma de compartilhar conhecimento por parte do docente, do professor, é planejada de forma que vá ao encontro das necessidades reais de cada aluno, respeitando suas subjetividades. A falta de preparo e a maneira como a mulher, jovem ou adulto da EJA, é percebida enquanto ser social, fará toda a diferença. É preciso abandonar o que se entende por técnicas mecânicas de letramento, que incluem apenas repetição e cópia, sem nenhuma análise crítica dos saberes prévios dos alunos, para descobrir, no diálogo, no aproveitamento das vivências daquelas pessoas, uma nova forma de ensinar. A estrutura social baseada em preceitos machistas insiste em colocar as mulheres como personagem central de uma narrativa apagada. É como se em todos esses anos, vivêssemos dentro de Mulheres de Atenas, canção de Chico Buarque, de 1976. A música é uma interessante avaliação de como essa mesma sociedade percebe o papel feminino. Tomando como referência a sociedade ateniense, Buarque nos faz sentir a melancolia, a tristeza, certa força e certa fragilidade, ao mesmo tempo, nos versos que mostram, principalmente, a submissão à figura do marido e o casamento como elementos centrais do dever da mulher:

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas.

Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas.

Elas não têm gosto ou vontade.

Nem defeito nem qualidade.

CAPÍTULO 1

Têm medo apenas.

Não têm sonhos, só têm presságios [...].

O Artigo 208 da Constituição Federal, na seção que abarca o tema, destaca que a “educação básica obrigatória e gratuita dos 04 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegura inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988). A todos esses alunos e alunas que, por inúmeros motivos em suas vivências, deixaram a escolaridade “no tempo próprio”, a educação continua sendo um direito que lhes é assegurado pelo Estado, e a EJA deve estar, também, na centralidade das discussões.

Capítulo 2

Recomeços

A região Sudeste do Brasil, formada pelos estados Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, é muito conhecida por sua economia e tom de grandiosidade. Os números, de fato, impressionam. Segundo dados de 2019, do IBGE, a área territorial atinge 924.511 km², ou seja, 12% de todo o território brasileiro, com 89.012.240 habitantes. Uma infinidade de histórias e vivências. A região que abriga predominantemente o clima tropical e tropical de altitude, sendo a região com mais residentes no Brasil em 2018. Naquele mesmo ano, a população do Brasil era de 207,9 milhões, enquanto hoje são 211,8 milhões de brasileiros.

CAPÍTULO 2

A partir da década de 1950, o número de pessoas que saíram do Nordeste para arriscar a vida no Sudeste aumentou exponencialmente. O chamado fluxo migratório se intensificou justamente pelo grande salto industrial na região localizada mais abaixo do mapa. O famigerado êxodo rural, quando pessoas saem das áreas de campo para viver em centros urbanos, também registrou crescimento importante. Isso tudo quer dizer que a migração interna, vivida com mais força a partir de 1930, tem uma contribuição crucial na formação e reformulação espacial da população, em cada canto desse solo. É nessa fase também que o processo de urbanização aconteceu, multiplicando o número de municípios. Em 1920, o Brasil tinha 1.300 municípios registrados, o que saltou para 3.991 em 1980. Em 2020, esse número era de 5.570. No interior dessa infinidade de municípios, incluídos nesses quatro estados, está a cidade de Cajamar, localizada ao norte do estado de São Paulo, cuja população é de 79.064, segundo o IBGE. Com extensão de 135 km², o município faz divisa com Jundiaí, Franco da Rocha, Caieiras, São Paulo, Santana de Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus. Antes de ser considerada oficialmente como município, em Fevereiro de 1959, Cajamar fazia parte do distrito de Santana do Parnaíba, e chamava-se Água Fria. Aliás, o título da cidade deriva de “cai-a-mar”, termo indígena que significa “fruto colorido e manchado”, uma alusão ao cajá, fruto da árvore tipo cajazeira. A cidade, que é parte da re-

RECOMEÇOS

gião denominada de Grande SP, está a 38 km da capital paulista e tem como principais rodovias a Anhanguera e a Rodovia dos Bandeirantes. Nasceu a partir da instalação de uma fábrica de cimento, a Companhia Brasileira de Cimento Portland, em 1920, implantada em Perus. A região, rica em minério, era explorada pela fábrica e os trabalhadores do lugar passaram a povoar municípios vizinhos, como Água Fria. Aos poucos, as primeiras organizações habitacionais ganharam forma, conhecidas como vilas dos operários. E é nesta região, nascida a partir da exploração de minério, que vive Rosana Aparecida Faccin.

Já durante os primeiros contatos com Rosana, recebo uma notícia complicada. Enquanto respondia as mensagens, ela se preparava para ir à missa de sétimo dia de seu filho mais novo, Bruno. A notícia mais parecia como um objeto de uma tonelada. Como prosseguir em meio a um acontecimento tão brutal, milhares de vezes mais importante e urgente que algumas entrevistas?

Desde então, foi possível perceber uma característica que acompanharia Rosana em todos os momentos: uma disposição na voz. Apesar de uma certa tristeza no tom e a lembrança muito vívida de seu caçula, a mulher demonstrou muita vontade em contar histórias, experiências, vivências, alegrias e dissabores. De tudo o que era possível dizer naquele momento, o mais adequado parecia ser um pedido de desculpas. Era como querer adentrar a um local em um momento completamente inadequado.

CAPÍTULO 2

– Não precisa se desculpar, não, Gabriela. Vamos fazer essa entrevista e vai dar tudo certo. Você vem aqui e eu respondo o que quiser. Está difícil, mas Deus me dá forças. - disse.

Dia 28 de Agosto de 2021. No balanço dos trens da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), a cidade é cruzada por meio da linha 7-Rubi, a mais longa linha da transportadora – com 60 quilômetros de extensão. As catracas do lugar chegam a marcar a presença de 300.000 pessoas por dia, levando-as da capital de São Paulo a Jundiaí, cidade do interior. Herança dos tempos de plantações de café em terras paulistanas, a linha foi edificada pela São Paulo Railway, já extinta. Nesse momento, o pensamento também faz uma viagem e mergulha em cada possibilidade, seja na presença física ou digital de cada uma das mulheres que dão vida à obra. Pela janela da composição, como em um experimento de cinematográfica⁹, muitas casas, dos mais variados tipos, prédios de luxo, comunidades e uma grande área de mata atlântica se movem no lado exterior.

Após um breve trajeto a pé, o condomínio foi localizado.

– Olá! Pode chamar a Rosana, por favor? Apartamento número 13.

Logo na entrada do bloco, abre-se um pequeno *hall* com quatro apartamentos do andar térreo. A porta do apartamento

9 Cinemática é a área da Física que estuda o movimento. Também faz parte dos estudos pertinentes à mecânica, junto aos conceitos de dinâmica e estática. Seu conceito compreende os movimentos dos corpos sem considerar as causas desse movimento.

RECOMEÇOS

13 estava aberta e olhos muito sorridentes aguardavam. Rosana usava máscaras de proteção contra Covid-19 e, por isso, o sorriso não foi revelado de imediato, mas seus olhos verdes demonstravam o entusiasmo, com certa timidez, em receber uma aspirante a jornalista.

Ao acompanhar Rosana, ficou evidente que a entrevista havia se transformado em um papo muito mais fluido, que não se prendeu à uma lista de perguntas. Foi muito mais além. Foi possível conhecer camadas muito mais profundas de sua vida. De imediato, o tema mais delicado do momento veio à tona. A morte precoce do filho Bruno, de 32 anos, que aconteceu dois dias depois do dia dos pais. No atestado de óbito, constava como causa um aneurisma que se rompeu. Logo, o assunto se prendeu à ausência de sintomas, e, segundo ela, tudo aconteceu muitíssimo de repente. Como explica, a morte os tomou de assalto, sem direito à despedida ou escolha do que dizer um para o outro, caso soubessem o que aconteceria nos dias antecedentes àquele 11 de Agosto de 2021.

Mesmo marcada pelo acontecimento recente, a conversa fluiu e Rosana relatou, com detalhes, muitas experiências. Transparece ser uma pessoa atenciosa. Essa observação rapidamente se estende também a casa, que parecia envolver em um abraço. Um abraço físico que não existiu, motivadas pelo distanciamento social. Mas o espaço, simples e aconchegante, fez

CAPÍTULO 2

todo o trabalho. Rosana é muito cuidadosa com cada canto, e isso pode ser notado em cada detalhe, como nas flores feitas de EVA e coladas na porta do banheiro. Enquanto o equipamento como câmera e celular eram configurados para a entrevista, conversamos sobre seus filhos, criando ganchos com diversos outros assuntos. Esse momento seria como um grande resumo do que aquela tarde reservava: uma infinidade de histórias.



Um roteiro cheio de reviravoltas: a vida de Rosana

Café feito na hora, pães em uma cesta, bolo, achocolatado em pó e xícaras perfeitamente dispostas na mesa. Esse foi o cenário de um longo bate papo. Muito solícita e sem perder até

RECOMEÇOS

as minúcias da conversa, Rosana fala sobre o passado enquanto gesticula muito. Começou a trabalhar aos 12 anos, como empregada doméstica em uma casa cujos patrões lhe proibiam de sentar à mesa para as refeições: só poderia aproveitar o horário de almoço na área de serviço. Em 1987, aos 15 anos, casou-se com o pai de seus dois filhos que, de imediato, lhe proibiu de estudar. Foi a partir desse passo que a vida mudou por completo, com privações de toda ordem. Além de ter abandonado os estudos na antiga 5ª série do ensino fundamental, Rosana não pôde trabalhar ou realizar qualquer outra atividade que proporcionasse um pouco mais de independência.

A jovem experimentou também o desafio da maternidade precoce. Com a mesma idade em que tornou-se esposa do então namorado, cujo nome não pôde ser revelado, tornou-se mãe do primeiro filho, Thiago. No auge da adolescência, Rosana transformou-se em uma mulher cheia de responsabilidades, e aquilo que era próprio da idade, como passeio com amigas, descontração, brincadeiras, e principalmente o estudo, foram ficando para trás. O marido, com uma atitude bastante conhecida de muitos relatos, a proibiu de retornar à escola ou de conseguir um emprego. Tudo isso motivado pelo ciúme, além de orientá-la a dedicar o tempo aos cuidados de seu primogênito.

Um ano e meio depois, entre os 16 e 17 anos, uma surpresa: outra gestação. Mais um menino! Era a vez de comemorar a

CAPÍTULO 2

chegada de Bruno que, segundo Rosana, foi a pessoa mais intensa que conheceu. Desde criança, o garoto tinha um senso de urgência para a vida. O conhecido lema “*Carpe Diem*”, criado no fim do império Romano pelo poeta Horácio, carregado de significados como “aproveite o dia”, fazia total sentido na forma como o filho mais novo vivenciou a “passagem” pela terra. Bruno, que morreu no dia 11 de Agosto de 2021, aos 32 anos, parecia ter certa noção da brevidade da existência humana desde muito pequeno.

Roupas, decotes, maquiagem, e outras coisas ligadas à vaidade, estavam fora de cogitação. Esses detalhes faziam parte daquilo que Rosana foi distanciada, proibida de viver para se dedicar à casa e à família. Dados do IBGE são sintomáticos em mostrar que, mesmo atualmente, a rotina reservada à mulher ainda está ligada ao cuidado com os filhos e à atividade doméstica, de maneira muito superior quando comparada ao cotidiano masculino. Em 2019, o nível de ocupação das mulheres com idade entre 25 a 49 anos, vivendo com crianças de até 3 anos de idade, foi de 54,6% e o dos homens foi de 89,2%. Em casas com famílias sem crianças da faixa etária apresentada, a ocupação das mulheres sobe para 67,2%. Se aprofundarmos ainda mais o recorte, o resultado mostra que mulheres pretas ou pardas, com crianças de até 3 anos de idade no lar, apresentaram nível de ocupação de 49,7%.

As camadas abertas a partir da leitura crítica de números como esses nos transportam a reflexões urgentes e que não po-

RECOMEÇOS

dem ser tratadas de maneira simplista. Em certa medida, os filhos representam a queda do emprego formal para as mulheres, não somente pelo trabalho árduo intrínseco à criação de um ser humano em desenvolvimento, mas também ao cerceamento que sofrem em função de certa estrutura machista e retrógrada da sociedade. Rosana é personagem central dessa narrativa, assim como milhares de outras mulheres. Ela conta que, ainda muito jovem, moradora de Pirituba, conheceu o - agora - ex-marido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Bloem, localizada no Jardim Santo Elias. A paixão adolescente floresceu e desabrochou em 12 anos de casamento. Naquela fase, experimentou uma relação de altos e baixos, com vivências interessantes e próprias do relacionamento conjugal, ao mesmo tempo em que viveu situações como não poder sequer ir até o portão de casa. O ex-marido de Rosana prezava pela figura do homem provedor e priorizava o trabalho em detrimento do estudo e abandonou a escola na 7ª série do ensino fundamental. Decisão que, segundo ela, não se baseou em nenhuma proibição, mas em um veredito pessoal.

Aos 35 anos, quando os filhos tinham entre 20 e 21 anos, tentou retomar os estudos pelos mais diferentes motivos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jairo Ramos. Sem o ensino fundamental e médio completos, o conhecimento era extremamente limitado e não permitia que Rosana pudesse alcançar outros patamares profissionais. Como viveu durante muito tempo

CAPÍTULO 2

sem independência financeira, profissional e, inclusive, pessoal, Rosana precisou achar alternativas para continuar sustentando os filhos após a separação e adquirir a experiência necessária para trabalhar. A famigerada dupla jornada também não deixou que, naquele momento, voltasse a frequentar uma sala de aula. A atuação como diarista somada aos cuidados com a própria casa e a maternidade, ainda que de filhos maiores de idade, não tornou possível a realização dessa meta, perseguida ainda por muitos anos.

Pouco tempo antes do divórcio, o ex-marido de Rosana passou a fazer concessões na forma de tratar a esposa, na época. E, sim, a palavra concessão, apesar de forte, faz jus ao sentimento de posse que fomentava o relacionamento. Ele, então, começou a permitir que a jovem saísse para limpar a casa de uma amiga em troca de remuneração e que, esporadicamente, pudesse sair para visitar a mãe, que mora em Caraguatatuba, cidade do litoral norte paulista. Rosana explica que a rotina se manteve assim por algum tempo: todas as quintas-feiras ela se deslocava até à casa em que realizaria o trabalho doméstico, enquanto deixava os filhos com sua avó. O serviço era considerado uma terapia, um tempo consigo mesma, um momento de respeito à própria individualidade. Sem filhos, sem as proibições do marido, dedicando-se à casa de terceiros, era ali que encontrava o respiro que precisava para enfrentar os demais dias da semana. Lembra que usar o transporte, perder o olhar na paisagem que cortava o

caminho através das janelas do ônibus, e caminhar na solidez da própria companhia, a alimentava de um sentimento de liberdade que a vida se encarregou de arrancar desde muito cedo. A casa em que morava ficava vazia nesse espaço de tempo, até a chegada do marido. Tudo caminhava aparentemente bem, até que algo parecia não se encaixar naquela narrativa. O que haveria de tão catártico para uma mudança tão brusca de comportamento? O que estaria por trás das permissões constantes para aquelas saídas, ainda que uma delas tivesse ligação com trabalho? Descreve a cena de uma conversa que teve com uma vizinha:

– Rosana, faça o seguinte: na próxima quinta-feira, não vá trabalhar. Finja que está a caminho do trabalho, dê um tempo na rua e volte, disse uma vizinha, cujo nome não será revelado.–

Por que faria isso, não entendi?! – respondeu Rosana.

– Bom, eu não posso te explicar o porquê agora. Mas faça o que eu estou dizendo.

Durante toda aquela semana, conta que titubeou diversas vezes para tomar uma atitude. “Por que ela me pediu para fazer isso, gente? Que estranho”. Frases como essas martelavam em sua mente quase sempre, após a conversa. Na quinta-feira seguinte ao alerta, Rosana se arrumou como de costume, despediu-se do marido com um beijo e seguiu em direção ao compromisso semanal. Já a caminho do trabalho, resolveu voltar. Entrou em um táxi, deu algumas voltas e pediu ao motorista que ficasse por um

CAPÍTULO 2

tempo estacionado em frente à casa. Enquanto os minutos corriam no relógio, Rosana olhava, aflita, a entrada da garagem que dava acesso ao que considerava um lar. Em um curto espaço de tempo, lá estava a imagem que ela guarda - e narra - com muitos detalhes. O marido entrou em casa, mas não estava sozinho.

– Naquele momento eu perdi o chão – completa Rosana.

O motorista pergunta, naquele instante, se está tudo bem, enquanto Rosana paga o valor da corrida e sai do veículo. Descreve que, com muito cuidado, tirou os sapatos para minimizar qualquer possibilidade de alertar o homem sobre sua chegada e abriu o portão cuidadosamente. Cortou o espaço da garagem, entrou pela porta da cozinha, que estava fechada, mas não trancada, passou pela sala, banheiro e acessou o corredor onde ficavam localizados os quartos. Vozes e risadas. Sem acreditar muito no que estava acontecendo, Rosana abriu a porta do quarto do casal em um movimento rápido. A cena que se descortinou naquela data mudaria por completo todas as escolhas daquela jovem. Considera um divisor de águas em sua vida. Aos 27 anos, Rosana se divorciou e seguiu por novos caminhos.

A trajetória de Rosana se confunde com a de muitas brasileiras que vivenciam situações de dependência e de entrega extrema e, de maneira inconsciente, constroem suas vidas baseadas em relações de posse. O contexto ajuda a explicar por que muitas delas não seguem adiante com os sonhos, vontades e vivem uma

RECOMEÇOS

história que, não necessariamente, foi escrita por elas. Após a traição e conseqüente separação, Rosana foi atrás do que não viveu durante os anos em que esteve casada. A educação foi uma das coisas que estava no radar. Mas, antes de passar a estudar e enfrentar, de certa maneira, uma nova alfabetização (no sentido mais amplo da palavra), precisou trabalhar para garantir, antes de tudo, o elementar para uma vida com dignidade, tanto para ela quanto para os filhos. Comida no prato, roupas, contas pagas. As necessidades econômicas se sobrepuseram à busca por conhecimento, embora uma organização social e economicamente bem sucedida somente seja possível com investimento, justamente, em educação.

Ao trabalhar no que convencionou chamar de “casas de família”, uma das mulheres que contratava os serviços de Rosana ficou encantada por sua beleza e simpatia. Isso motivou a patroa a fazer uma indicação na empresa em que era diretora, a Porto Real Seguros. Rosana exerceu a função de recepcionista, até ser demitida poucos anos depois. Acumulou outras experiências profissionais, sem alcançar a melhora que buscava. Ela afirma que isso acontece pela falta de um diploma do ensino médio.

Essa, inclusive, é considerada por ela a mola propulsora do retorno à sala de aula. Rosana conta que dedicou esforço e tempo para a criação dos filhos, abdicando dos estudos e aceitando as oportunidades abertas e que oferecessem opções mais rápidas de renda. Após algumas décadas da última vez que fre-

CAPÍTULO 2

quentou a escola, conseguiu, finalmente, alcançar o objetivo tão desejado. Em 2020, aos 48 anos, matriculou-se no programa de EJA da Escola Municipal de Educação Básica Dra. Mara Aparecida Alves da Silva Gomes, em Polvilho, região de Cajamar. A volta aconteceu no 5º ano do Ensino Fundamental, etapa em que Rosana começou o processo de interrupção dos estudos.

O ano em que decidiu retornar à busca por conhecimento está marcado na História como o ano em que o mundo se viu diante de uma ameaça mortal, mudando profundamente a forma de enxergar a vida e sua fragilidade, sob muitos aspectos. Com o advento da pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, presenciamos economias ruírem, choramos a partida de milhões de pessoas (próximas e distantes), acompanhamos as descobertas sobre a doença, semana após semana, mês após mês, lamentamos a escalada do Brasil no *ranking* de mortes, vibramos com as notícias sobre o avanço dos imunizantes, nos indignamos com a politização e polarização aguda, adiamos sonhos e, em muitos momentos, mantivemos o nosso foco em apenas nos manter vivos. São mais de 4,55 milhões de histórias a menos no mundo. Só neste país, são 586.558 mil de vidas ceifadas¹⁰.

Nesse contexto, as aulas começaram presencialmente, mas em razão das medidas de prevenção e controle da Covid-19, foram transferidas para o ambiente *online*. Em 16 de Março de

10 Dados do Ministério da Saúde do Brasil, 2021, atualizados constantemente.

RECOMEÇOS

2020, o Governo do Estado de São Paulo emitiu decreto para suspender as aulas presenciais. No dia 19 de Março, a Secretaria Estadual da Educação permitiu, por meio de deliberação aprovada pelo Conselho Estadual, que todas as atividades passassem a ser feitas por Ensino a Distância (EaD), para alunos do ensino fundamental e médio. Em 23 de Março de 2020, na rede estadual, todas as aulas presenciais já estavam suspensas.

No âmbito municipal da cidade de São Paulo, as aulas foram suspensas em 13 de Março de 2020. Em Cajamar, a Secretaria da Educação determinou, em 23 de Março de 2020, o cancelamento das aulas da Rede Municipal de Cajamar, das etapas de educação infantil, ensino fundamental, nível médio e EJA. Segundo nota da prefeitura, todas as equipes de gestão escolar foram orientadas quanto aos procedimentos de aplicação das atividades em casa. O desafio, então, era conscientizar os alunos de que, mesmo em domicílio, tratava-se de uma continuidade do ambiente escolar, sem prejuízo para cumprimento do ano letivo.

As aulas não são ministradas ao vivo por meio de plataformas de reunião *online*. Todas as tarefas escolares têm sido indicadas por uma assessoria pedagógica da escola e compartilhadas em um grupo de WhatsApp, em que participam professores e alunos. Durante a conversa, Rosana mostra o que recebeu há pouco tempo e já está no radar das próximas entregas: leitura de notícias indicadas, de portais como Valor Econômico e O Esta-

CAPÍTULO 2

do de S. Paulo, e comenta sobre um trabalho de geografia, cujo objetivo será analisar os direitos do consumidor. A proposta das aulas está diretamente ligada às vivências atuais dos alunos que compõem o perfil da turma. Uma parte é formada por jovens adultos, que abandonaram o ensino médio em função do trabalho ou outras variáveis como gravidez e falta de interesse, mas que, em alguma medida, tiveram mais oportunidades de acesso à educação na idade considerada adequada. Quase todos estão classificados como parte da População Economicamente Ativa (PEA) que, segundo o IBGE, é entendida como a população entre 15 e 65 anos.

Uma outra camada, são pessoas acima de 40 anos, que retornam à escola para iniciar o processo de alfabetização de fato, ou, como no caso de Rosana, dar continuidade ao estudo, mesmo muitos anos depois. Isso acontece, principalmente, após a criação dos filhos, quando os pais - sobretudo as mães - experimentam a sensação de dever cumprido, em relação à criação dos descendentes e consideram o momento de investir em si mesmos. Atualmente, Rosana cursa o 9º ano do Ensino Fundamental II, ou antiga 8ª série. No entanto, ela conta que em função da pandemia, o ano letivo foi abreviado, e cada “série” ou etapa, foi feita em apenas seis meses. Em 2020, Rosana cursou a 5ª e a 6ª série juntas, de fevereiro a junho. A partir da matrícula e retorno das aulas em agosto, a aluna já estava no 7º ano. No primeiro

RECOMEÇOS

semestre deste ano, cursou o 8º e, agora, irá apreender, até o final de 2021, conhecimentos pertinentes ao 9º ano.

Com tamanha velocidade, revela que não consegue dar conta de gerenciar todo o conteúdo ou fixar tudo o que é necessário. Apesar de se mostrar boa aluna e expor um caderno organizado, Rosana conta, de maneira muito bem humorada, suas dificuldades. Reclama do professor de matemática que utiliza o método de vídeos explicativos para ensinar.

– Ele manda o vídeo e é só isso. Eu faço as atividades, mando minhas dúvidas na conversa privada do WhatsApp, e ele responde dizendo que eu é que preciso prestar mais atenção, assistir ao vídeo mais uma vez. Se for para pesquisar na internet, não precisaria de escola, né?!

Demonstrando muita intimidade com a tecnologia, ela comenta que, para conseguir as notas necessárias nas atividades de matemática, recorre ao buscador *google*, que é “um grande companheiro”. Afirma que conseguiu localizar um site com todas as respostas necessárias e, sem saber resolver algumas equações e problemas, recorre à *internet* para conseguir o resultado esperado. No mais, parece apreciar a metodologia dos demais professores, e os considera muito extrovertidos e atenciosos. Apesar de não precisar enfrentar a alfabetização propriamente dita, na fase adulta, ela afirma que precisou reaprender e lembrar diversos detalhes e regras. Além disso, se aplica muito para

CAPÍTULO 2

aprender e entender conteúdos recentes ou que mudaram ao longo dos anos. Para incentivar, os professores que ministram as aulas de disciplinas como Língua Portuguesa, por exemplo, enviam livros em formato PDF através do grupo e solicitam atividades para a turma. Outro ponto positivo apontado por ela é que os professores estão engajados em ajudá-los com necessidades cotidianas. Recentemente, a turma aprendeu como elaborar um currículo da maneira mais adequada e que atenda as demandas do mercado de trabalho.

Uma problemática comum na EJA, seja na rede estadual ou municipal, é a aprovação automática para as próximas etapas. Professores e alunos relatam que isso acontece sem conhecimento prévio do alunado. Rosana conta, por exemplo, que não foi avisada sobre o cumprimento do ano letivo em apenas seis meses. Para sua surpresa, ao realizar o processo de matrícula, foi notificada de que havia sido aprovada para a próxima etapa escolar, o 7º ano, em 2020. “Eu nem sei como passei de ano”, ponderou, já que não conseguia acompanhar com a dedicação que gostaria todas as matérias da grade.

Uma reportagem produzida pela jornalista Ana Paula Bimbaty para o portal de notícias UOL (2021) mostra que, na capital paulista, o método tem sido utilizado em larga escala, principalmente em decorrência do fechamento das salas de

EJA¹¹. Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação (SP), o número de turmas de 2013 até este ano tem mostrado uma queda importante. Em 2013, a prefeitura registrou 2.351 turmas. Em 2017, 2.342 e agora, 2021, são apenas 1.445. Historicamente à margem das políticas educacionais, a forma como são pensadas as estratégias para a EJA afetam os sonhos de milhares de pessoas que desejam encerrar este ciclo. Muitas vezes, Organizações Não Governamentais (ONGs) e Igrejas, por exemplo, acabam por criar programas de assistência para suprir lacunas que as políticas públicas parecem não alcançar.

Ainda segundo a reportagem, a prefeitura passou a exigir que, para formação de turmas oficiais, é necessário que se tenha, ao menos, 25 alunos matriculados. Com isso, alunos interessados e cadastrados em escolas que não atingem o quórum, amargam uma espera morosa e difícil, adiando os planos de frequentar a sala de aula e concluir os estudos, mais uma vez. Com as dificuldades impostas somadas aos problemas estruturais e socioespaciais, o número de matrículas na modalidade apresenta uma queda drástica. A rede municipal de São Paulo registrou o pior número em 15 anos. Em 2011, eram 111.600 pessoas inscritas, contra 38.598 em 2021.

11 Reportagem da jornalista Ana Paula Bimbati apresenta breve panorama da situação das turmas de EJA, com a aprovação automática e fechamento das salas reservadas para a modalidade de ensino. O número de turmas da educação de jovens e adultos têm diminuído gradativamente. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/08/01/sp-eja-queda-numero-turmas-matriculas.htm>.

CAPÍTULO 2

A situação de Cajamar é bastante semelhante, em termos de diminuição de inscritos nessa modalidade de ensino. Em 2010, o município contava com 30 escolas municipais de educação básica e registrava 711 estudantes matriculados na EJA. Em 2015, o número de escolas subiu para 32, mas o número de matrículas caiu para 372. O último Censo Escolar, de 2020, dá conta de que 37 escolas municipais de ensino básico estão em funcionamento no município, com 463 estudantes matriculados na modalidade de EJA. Quando comparados os anos de 2010 e 2020, a queda nas matrículas é de 34%¹².

“Agora eu posso tudo nessa vida”

Paulo Freire (1921-1997) preconizava uma educação que ensinasse o aluno a “ler o mundo”. Isso significa que a partir dessa leitura da realidade, as pessoas, principalmente os oprimidos, podem lutar por libertação. A filosofia de Paulo Freire para alfabetização de adultos se pauta exatamente nessa premissa. O ideal de educação de um dos principais educadores que o Brasil já registrou possui forte viés político, quando observado do ponto de vista da produção de criticidade dos estudantes. Mas, é necessário fazer um alerta. O jornalista Paulo Ghiraldelli Jr.,

12 Você pode conferir mais detalhes na plataforma QEdU, um banco de dados sobre educação de nível nacional, que reúne informações de indicadores como Censo Escolar e Ideb. Disponível em: https://www.qedu.org.br/cidade/1732-cajamar/censo-escolar?year=2020&localization=0&dependence=3&educational_stage=0&item=matriculas

na obra “As lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política” aponta para o constante erro do que convencionou-se chamar de “Método” que leva o nome do educador pernambucano. Freire propôs algo, justamente, contrário de um método, de uma fórmula milagrosa. Suas ideias sobre educação, consideradas revolucionárias, só podem ganhar forma, não na aplicação de um “passo a passo”, mas a partir do movimento vivo de transformações sociais. Freire era defensor de uma educação que fizesse-os pensar, questionar, trabalhar a criatividade e provocá-los a inquietação intelectual, mas isso, segundo o jornalista, não acontecia de propósito. Isso só é possível, porque é por meio desses acontecimentos, em um contexto de revolução social e política, que os envolvidos estarão preparados, como explica o próprio Ghiraldelli, “fazer volume nas demandas políticas”. Tudo isso, através da leitura e da escrita¹³.

O autor de “Pedagogia do Oprimido” (1968) critica o que intitula de “educação bancária”, conceito que explica o método cujo professor só deposita conhecimento em um aluno, que está pronto para recebê-lo de maneira conformada, resignada. Sem levá-los a reflexões mais profundas, a metodologia criticada por Freire também pode ser considerada política, com

13 A obra “As Lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política, dedica o terceiro capítulo, intitulado “Do mau uso de Paulo Freire”, para explicar como a filosofia do educador passou a ser considerada um passo a passo, um manual da educação que, segundo Paulo Ghiraldelli Jr., não é interpretada corretamente.

CAPÍTULO 2

uma tônica diferenciada: a de manter as pessoas no lugar da aceitação, sem grandes questionamentos sobre o mundo em que vivem. A educação é uma construção feita por muitas mãos. Não é binária, com apenas um transmissor e um receptor. A frase do educador “Os homens se educam entre si mediados pelo mundo” sintetiza sua crença: a de que só é possível uma composição educacional eficiente a partir da troca de experiências de todos os envolvidos. Existe um tipo de proposta de alfabetização de jovens e adultos do educador pernambucano, em que a ideia de bagagem cultural do aluno é tão valiosa quanto a de qualquer outra pessoa. Aquele que frequenta a sala de aula na condição de quem busca pela alfabetização ou continuidade dos estudos na fase adulta, chega com expressões e singularidades culturais que devem ser consideradas para o processo de aprendizagem. Vale ressaltar também a utilização das “palavras geradoras”, que passa por identificar o vocabulário dos alunos, as palavras mais usadas desse grupo e que façam parte do cotidiano daquelas pessoas e/ou comunidade. Com esse material, o professor utiliza a palavra com uma imagem do objeto que significa e a partir disso, acontece o processo de exploração de todas as possibilidades silábicas, além do treino de leitura e escrita. Extraída da realidade do próprio alunado, a alfabetização neste sentido gera resultados importantes.

RECOMEÇOS

A professora e historiadora Verônica Kollar, que já lecionou em salas de EJA, aponta para um importante fator sobre a utilização da ideologia Freireana. É preciso levar em consideração o cuidado com as interpretações. Quando se fala em “leitura de mundo”, não significa dizer que o aluno precisa saber interpretar somente a realidade em que vive e contentar-se com esse descobrimento. Esse é um ponto de partida. A partir do entendimento do seu mundo, o aprendiz poderá explorar tantos outros, ampliando a cosmovisão, ou seja, seu olhar sobre a realidade.

Rosana, que atualmente está sem trabalho remunerado, cuida da casa com carinho e segue em sua busca por recolocação. Apesar de ter afirmado que uma das maiores motivações do retorno aos estudos é a melhoria profissional, ela entende e demonstra, em cada frase, que a escola e todo o processo educacional abriu seus olhos para horizontes plurais. Em um momento muito interessante da conversa, ela expõe com muita propriedade sua opinião sobre as terras de propriedade indígena, tema que já gerou debate com a turma. Seu olhar crítico, o uso dos argumentos e a forma como realiza a leitura do contexto é, definitivamente, resultado não somente de suas vivências ao longo da vida, mas também do poder que a educação e o ensino exercem em uma pessoa.

CAPÍTULO 2

– Pedro Álvares Cabral não descobriu nada, né? Esse é um termo errado, na minha opinião. Quando eles [os portugueses] chegaram aqui, já existia um país, uma nação, os índios [indígenas]. Essa disputa de terras é muito complicada. Na minha opinião, eles têm total direito, sim!

Para além da sistematização de conhecimento que ocorre no interior de uma sala de aula - e que quando feito da maneira adequada, gera resultados transformadores - estão os significados existentes no processo de alfabetização e educação de adultos. A autoestima, autoconfiança, o poder de opinar munido de experiências e conhecimentos diferentes, o sentimento de pertencimento, dignidade, conquista de um direito, é um processo extremamente enriquecedor para o aluno inserido nessa modalidade de ensino. Rosana experimentou essa sensação muitas vezes depois do retorno à escola. Hoje, afirma que considera a possibilidade de cursar o ensino superior e parece não ter limites para planejar o futuro.

Muito comunicativa e expressiva, diz que gostaria de ser jornalista, mas pondera a decisão em função da idade que, segundo ela, a limita demais no mercado da comunicação. A coisa que mais gosta no jornalismo, é justamente o que acontece naquele momento: entrevistar pessoas, ouvir boas histórias. Se Rosana ouvirá boas histórias, não é possível responder, só o tempo poderá dizer. No entanto, é totalmente possível percebê-la

RECOMEÇOS

como uma grande contadora de histórias. Sua vida poderia, sem a menor sombra de dúvidas, “dar” um livro. E deu.

Ainda sobre faculdade e sobre sonhos, conta que tem um grande carinho pelo serviço social e pela pedagogia e “adoraria ensinar os pequenininhos”. Mesmo com baixa escolaridade, à época, Rosana ensinava os filhos na fase de alfabetização, com métodos próprios e feitos em casa.

– Eles tinham dificuldade com a leitura. Eu recortava ou escrevia as vogais, bem grandes, na cartolina e as colava na parede. Assim eu ia ensinando sobre as letras A-E-I-O-U. Cheguei a criar quebra-cabeças com palavras separadas em sílabas, para que eles pudessem montar palavrinhas e frases.

Thiago, o filho mais velho, deixou de estudar na 8ª série, novo 9º ano do Ensino Fundamental, e concluiu por meio da EJA, como a mãe, anos mais tarde. O caçula, Bruno, também decidiu não retornar mais à escola ao concluir a 8ª série e não quis encerrar o ciclo escolar. No entanto, Rosana conta que era ele quem sempre esteve mais próximo e expressava total apoio à decisão da mãe de se inscrever na EJA. “Preciso voltar também, né, mãe? Ano que vem [2022], sem pandemia, eu volto”, comentava. Não deu tempo. Apesar disso, ela conta com sorriso - e lágrimas - nos olhos que o filho foi um grande companheiro e até olhava, esporadicamente, o caderno para saber se a mãe estava aplicada nas tarefas escolares.

CAPÍTULO 2

Figura 7. Rosana relembra as mensagens de seu filho, Bruno (acervo pessoal).

Mae te amo muitoobrigada por tudo que vc fez por min.....te amote amo.....te amo.....



O apoio familiar é, inclusive, fundamental para a continuidade nos estudos, porque ajuda a enfrentar os desafios mais diversos. Isso fortalece o aluno para os momentos mais complicados e também significa ter a felicidade de ter com quem comemorar cada passo. Aos 17 anos, Melissa Caroline, filha de Thiago e neta de Rosana, fala com determinação sobre o orgulho e admiração que nutre pela atitude da avó. A jovem, que deseja seguir a carreira de jornalista, com especialização em jornalis-

RECOMEÇOS

mo investigativo, por enxergar na profissão um papel essencial a serviço da sociedade, narra as conversas que já teve com Rosana sobre as atividades escolares, inclusive naquilo que não pôde ajudar por ter esquecido algumas coisas, já que, atualmente, cursa o 2º ano do Ensino Médio.

Além de Melissa, Rosana tem mais dois netos: Luara, de 15 anos e Pietro, de 12. Todos os netos entendem, à sua medida, o peso do significado desse retorno da avó aos estudos e demonstram apoio. Durante toda a chamada de vídeo (recurso que fez da presença digital o meio mais seguro de trocar essas experiências durante a pandemia), a neta mais velha transparece muita segurança quando expõe a opinião sobre as mais diferentes maneiras que podem impactar um ser humano através da educação. Enquanto fala, seus traços delicados sobressaem em um salto de força, como quem extrai da alma o que pretende falar, sabendo a relevância do tema. “Educação é muito valiosa”, repete algumas vezes durante o relato. “Não é só aprender a ler, escrever e fazer contas, que todos deveriam saber. É na escola que a gente aprende a viver”, afirma a jovem.

Os pais de Rosana concluíram o que, anteriormente, chamava-se de Ensino Primário, completando a 4ª série. Seu pai morreu quando ela tinha apenas 10 anos de idade. Ficou a cargo de sua mãe, hoje com 72 anos, e da avó o incentivo necessário para que a criança continuasse estudando, o que não durou

CAPÍTULO 2

muito tempo, já que havia grande necessidade de trabalhar para auxiliar nas despesas da casa. Aos 12 anos, Rosana consegue seu primeiro emprego e desde então, a educação foi caindo nas posições de prioridades na vida da pré-adolescente. Toda a narrativa que descreve o que viveu também pode ser percebida como conjunturas que explicam as circunstâncias pelas quais o estudo não foi uma necessidade imediata. Era uma questão de escolha, mas que transcendia o poder de decisão que Rosana, ainda muito jovem, tinha naquele momento.

Hoje, com 50 anos, se sente mais realizada e muito feliz com o passo rumo à conclusão de uma etapa tão fundamental da vida. Com um imenso orgulho de si mesma, conta que um dos motivos para ingressar na EJA foi um concurso que prestou pela prefeitura de Cajamar, para o cargo de merendeira em escolas municipais. Sua amiga de infância, Andreia, foi uma das principais incentivadoras. Segundo Rosana, ela foi fundamental para construir a confiança que precisava. A prova foi aplicada em 2019. Rosana ri ao falar que não se preparou para a prova, pois não sabia quais conteúdos estudar e como organizá-los e também por seguir conselhos de pessoas que indicaram não investir dinheiro em apostilas, já que, supostamente, não garantiriam o aprendizado e conseqüente aprovação. A taxa era de R\$ 30,00 e a prova era composta de 40 questões alternativas. Rosana preci-

RECOMEÇOS

sava acertar ao menos 15 delas para conseguir passar para a fase de seleção.

– Eu olhei para a prova e vi que ainda sabia bem pouco, mas valeria arriscar, né? Pedi a Deus para me conduzir nas respostas. Menina, eu tive uma surpresa!

Rosana não esperava, mas acertou as 15 questões necessárias para competir pelas vagas. O significado de cada acerto vai muito além da disputa pelo cargo. O esforço e o fato de ter arriscado participar de um concurso público também impulsionou uma nova fase dos estudos, pela força de seus amigos, pelo sentimento de capacidade. É um conjunto de sensações que mostra a preciosidade do acesso à educação de qualidade e como as pessoas são transformadas a partir dela, além do incentivo de familiares e amigos. Ela conta que tentará uma próxima vez, assim que surgir uma nova oportunidade. Rosana não conseguiu ocupar a função, já que os responsáveis pela seleção optaram por candidatos com pontuações maiores.

– Para a próxima vez eu vou estudar mais, me dedicar e, com certeza, tentar novamente! Agora eu posso tudo o que quiser nessa vida, né?

O resultado do concurso também foi a motivação para outras ações relacionadas à formação. Agora, ela cogita a possibilidade de realizar a avaliação do ENCCEJA, o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, apli-

CAPÍTULO 2

cada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em colaboração com as secretarias estaduais e municipais de educação, ou seja, realizada a nível nacional. O concurso é direcionado àqueles que não conseguiram finalizar os estudos em idade própria e atendam ao artigo 38, §1º e §2º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996:

“tenham, no mínimo, 15 anos completos na data de realização do Exame, para quem busca a certificação do ensino fundamental; ou tenham, no mínimo, 18 anos completos na data de realização do Exame, para quem busca a certificação do ensino médio. Para realizar a inscrição é necessário ter registro no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) emitido pela Receita Federal do Brasil”.

Em caso de aprovação, Rosana não precisará frequentar as aulas e poderá emitir o diploma que lhe garante o título de formação completa do Ensino Médio.

A garantia estrutural para que o aluno possa frequentar as aulas é fundamental. Não basta lotar as escolas, é preciso manter um debate qualitativo para entender que garantir o ingresso da criança, do jovem e do adulto no ambiente escolar é o primeiro passo de uma grande jornada até o encerramento do ciclo. Rosana só conseguiu frequentar as aulas presenciais e se mantém engajada nas atividades escolares pelo trabalho realizado pela prefeitura de Cajamar. Para garantir o acesso, são disponibilizados

ônibus para deslocamento dos alunos até as escolas, o que ajuda, sobretudo, os que moram em locais mais distantes. O material didático, bem como cadernos, lápis e canetas são fornecidos pela escola, além da ajuda alimentar com uma cesta básica mensal, suspensa desde junho de 2021 em função da pandemia.

Trabalho

Uma das maiores preocupações atuais de Rosana é conseguir um trabalho. Hoje, a dona de casa vive com o auxílio de sua mãe e de uma amiga, que depositam mensalmente um valor e da venda de *lingeries*. Ela segue a procura de recolocação. O preconceito etário, que atende pelo nome de ageísmo¹⁴, é muito presente culturalmente no Brasil e torna-se fator de preocupação para homens e mulheres que passam dos 50 anos. Segundo a Pnad Contínua, o Brasil atingiu a marca de 14,4% de desemprego no trimestre encerrado em fevereiro, o que corresponde a 14,4 milhões de desempregados. Uma pesquisa realizada por uma startup de tecnologia e gestão de pessoas apontou que 66% dos profissionais entrevistados, com mais de 51 anos de idade, afirmaram ter

14 Estereótipo preconceituoso feito em função da idade de uma pessoa; atitudes discriminatórias cometidas por indivíduos e sociedades em relação aos outros em decorrência de sua idade, o que também pode ser feito por meio de políticas institucionais excludentes, que precarizam o acesso ou participação de idosos em determinadas atividades. As consequências do ageísmo são as mais variadas e incluem perda de autoestima, solidão, depressão, redução da expectativa de vida e desenvolvimento de incapacidades, como física e mental.

CAPÍTULO 2

sido vítima de discriminação etária no mercado de trabalho. Para o público entre 41 e 50 anos, esse número cai para 43%.

Rosana diz vivenciar na pele a dificuldade para conseguir um trabalho. Conta que participou de mutirões de emprego em Cajamar, onde só eram aceitos currículos de profissionais até 50 anos. Gostaria de mudar a rota para sair das diárias de limpeza, o que tem apresentado muita dificuldade nessa conjuntura. Isso também é tema de proposições que Rosana acha que deveriam ser feitas ao prefeito da cidade. Ela conta que junto de sua turma, está elaborando um trabalho para a matéria de Língua Portuguesa, que consiste na coleta de opiniões e ideias do que poderia ser melhorado na cidade. O objetivo é apresentá-lo na prefeitura.

Com muita bagagem de vida, energia e disposição para viver mais meio século, Rosana acredita que as intervenções por meio da educação são as mais importantes. Isso empodera e potencializa sonhos, desejos e objetivos. Retomar os estudos encontra motivações de várias naturezas. É uma decisão carregada de vontade de mudança, de novidades. As dificuldades não devem ser romantizadas, mas deve-se abrir espaço para que todas as modalidades de ensino, incluindo EJA, sejam abordadas com a devida relevância. Agora, Rosana considera os caminhos abertos para realizações muito maiores.

Alfabetização e EJA no sudeste brasileiro

O Sudeste ainda concentra os melhores resultados de alfabetização do Brasil, segundo dados da última Avaliação Nacional da Alfabetização, de 2016. Ainda assim é necessária atenção para avaliar, também, os desafios. Os estudantes que apresentam nível adequado de leitura somam apenas 56,3% e 78,5% de escrita. A região, em conjunto com o Nordeste, oferece o maior número de vagas de EJA em nível nacional. Das três milhões de matrículas oferecidas na modalidade, 1,2 milhão foram oferecidas pelo Sudeste e 938,9 mil, pelo Nordeste.

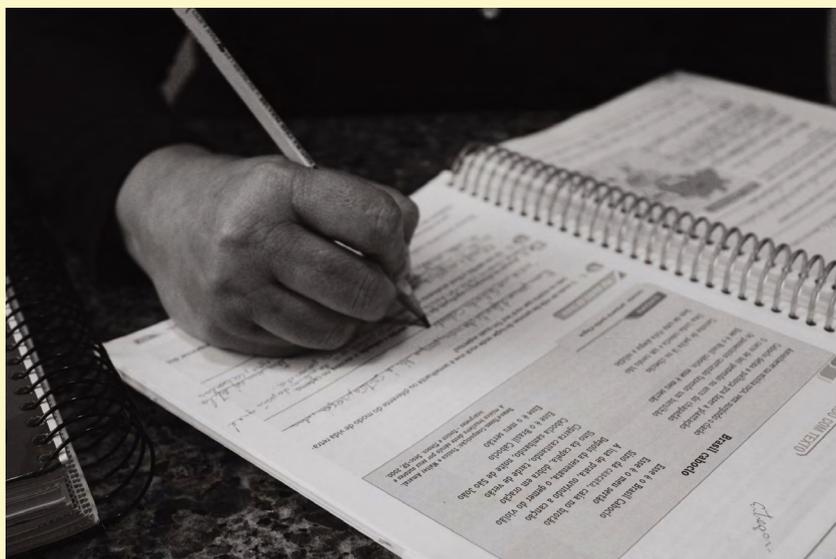
Galeria de Fotos



Rosana e os netos Luara, Pietro e Melissa. (arquivo pessoal).



Rosana mostra, orgulhosa, os materiais que utiliza nas aulas (foto: Gabriela Alves).



A educação significa para Rosana mais independência e novas possibilidades. (Foto: Gabriela Alves)

Capítulo 3

Gerações

Uma fazendinha, como chama, era lugar de muito trabalho, mas muita liberdade. Dividia o tempo entre o ofício na roça e as mais diversas brincadeiras, na companhia dos quinze irmãos. Correr ao ar livre, sentir o cheiro da natureza, crescer em meio aos animaizinhos que, mesmo despertando o amor das crianças, também serviam de suprimento. Ora recebendo carinho, ora posto à mesa para alimentar uma grande família.

A oito horas de São Luís, capital maranhense, o povoado de Bom Tempo, em Rosário, é o local de origem de Maria Romão da Silva, que nasceu em 1952. Ela conta que durante sua infância, ela e a

CAPÍTULO 3

família cultivavam algodão para fazer roupas, roupas de cama, redes - que substituíam as camas... além de expressar orgulho em ter vivido parte da vida em constante contato com a natureza “era um tempo bom, tinham muitos riachos e peixes, muito bom mesmo”, descreve.

Anos mais tarde, mudou-se para Carolina, no Maranhão, onde teve os filhos e, tempos depois, para o Centro-Oeste do país. Se instalou em Ceilândia, no Distrito Federal. A cidade, que tem forte representatividade do povo nordestino até os dias atuais, surgiu a partir do êxodo de pessoas que moravam em ocupações, sem infraestrutura básica adequada e foram transferidas para o local. O projeto CEI, Campanha de Erradicação de Invasões, foi criado pelo governador Hélio Prates para acabar com a expansão massiva de comunidades e moradias irregulares. E naquela área de 120 mil metros quadrados, com 18 mil lotes demarcados, que em 27 de março de 1971 inaugurou-se a CEI, mais tarde batizada de Ceilândia, dada a sua popularidade e crescimento. O nome tem ligação com a ideia de cidade, espaço geográfico, por isso o acréscimo do sufixo “lândia”. Para lá, foram levadas pessoas residentes da Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene. Segundo dados do governo da época, em 1969, Brasília já contava com 500 mil habitantes, sendo que 79.128 pessoas estavam instaladas em favelas. Atualmente, Ceilândia é a casa de mais de 470 mil pessoas, de acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

GERAÇÕES

Muitos relatos, registrados em diversos materiais jornalísticos, mostram que os moradores chegaram à Ceilândia sem qualquer estrutura prévia. Eram avisados sobre os lotes dos quais seriam donos e precisavam, por conta própria, construir os barracos com as madeiras e outros materiais fornecidos e deixados nos espaços. Entre 1976 e 1977, novos locais ao redor da área reservada para o projeto foram construídos, com o objetivo de continuar recebendo a população que não parava de chegar. Maria Romão conta que, naquele período, conseguiu adquirir um lote e, sozinha, transpassava as dificuldades de uma mãe solo para criar as três crianças que cresciam quase na mesma velocidade da cidade.

Por falar em maternidade, dona Maria, como a chamo durante todo nosso período de contato, adentrou ao universo materno com apenas 19 anos. Sônia, a primeira filha, tem 50 anos atualmente e é formada em pedagogia. Ela conta que em 1991, retornou à cidade natal, Carolina, no Maranhão e em 1995 foi para Barra do Ouro, norte do Tocantins, trabalhar na área da educação. Chegou a voltar para o local onde nasceu, mas partiu novamente para o estado que abriga a cidade de Palmas entre 1999 e 2000. Permaneceu em Barra do Ouro até 2010, quando mudou-se para Araguaína, onde reside atualmente.

A mãe, que ri ao lembrar da infância da menina, conta que a filha “era muito trabalhosa” e que quando estava um pouco mais velha, era a responsável por ajudá-la, cuidando dos irmãos

CAPÍTULO 3

mais novos, que vieram em seguida: Rafael Romão, dois anos mais novo, hoje tem 48 anos e o caçula, Rômulo, com 35 anos. Com a juventude tomada pelas responsabilidades intrínsecas à presença de uma criança, ou melhor, três, a jovem não pôde continuar os estudos, que já havia interrompido anteriormente. Quando os filhos tinham entre 7 e 5 anos, Maria ainda tentou conciliar o trabalho com um possível retorno à sala de aula, no Centro Social Luterano Cantinho do Girassol, localizado na mesma região. Era lá que também ficavam Sônia, Rafael e Rômulo enquanto a mãe trabalhava como empregada doméstica, todos os dias. Pouco tempo depois, precisou desistir. O acúmulo do trabalho doméstico dentro e fora de casa não permitiu que o tempo fosse suficiente para se dedicar às atividades escolares, que exigem certa entrega de qualquer pessoa.

– Eu não tinha cabeça para os estudos, não, sabe? Era chegar em casa, cuidar de roupas, cuidar de meninos. A mais velha também não sabia como cuidar direito dos mais novos. Então, eu desisti.

Atualmente, dona Maria mora com seu filho mais novo no Recanto das Emas, no Distrito Federal. A cidade, também conhecida como RA XV¹⁵ foi fundada no dia 28 de julho de 1993, e é uma “jovem adulta” de apenas 28 anos. Fica localizada entre Gama e Samambaia, a 25,8 quilômetros do Plano Piloto

15 RA quer dizer Região Administrativa. No Distrito Federal, a divisão não é feita por municípios, mas por regiões administrativas e também não existem prefeituras e/ou prefeitos. A organização é composta por um governador e uma Câmara Legislativa com deputados distritais.

GERAÇÕES

e também foi criada a partir de programas de transferência de moradores que residiam em casas irregulares. Muitas pessoas apresentam duas versões para o nome curioso: uma se refere ao nome de um sítio arqueológico próximo da cidade, chamado Recanto, em conjunto com o título de um arbusto muito presente na região, o canela-de-ema. A segunda versão dá conta de que o nome, na verdade, é dado pela presença de emas no local, ave típica do bioma cerrado brasileiro.

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) de 2018, organizada pela Codeplan, mostrou que Recanto das Emas abriga 146 mil habitantes e é a 6ª cidade mais populosa do DF. Entre as 146 mil histórias que pulsam e dão vida ao lugar, uma em especial se tornará conhecida ainda neste capítulo.



Maria Romão e o desafio das letras

O primeiro contato com dona Maria foi por ligação. Sem domínio dos aparelhos tecnológicos, apesar de ter um celular com aplicativos de mensagens instalados, como *WhatsApp*, não foi possível programar uma chamada de vídeo de imediato. Ficou a dúvida de como entrevistar por telefone, ao mesmo tempo que seria importante captar as reações, as dúvidas, suposta timidez (ou não) para o livro-reportagem. O primeiro desafio estava lançado. Conhecer essa história valeria muito a pena, inclusive, por não acontecer da maneira mais tradicional. A maior parte das conversas foram feitas somente com o artifício da voz, no maior estilo “jornalismo à distância” que víamos na televisão anos atrás.

Ainda assim, a troca de experiências transpassou o que seriam somente algumas entrevistas. A canção “Mistério do Planeta”, dos Novos Baianos, ilustra de maneira interessante o que aconteceu durante o processo. O início da música, lançada em 1972, fala: “*Vou mostrando como sou / e vou sendo como posso / jogando meu corpo no mundo / andando por todos os cantos / e pela lei natural dos encontros / eu deixo e recebo um tanto [...]*”. Mesmo sem vê-la, os “encontros” viraram uma troca de saberes, de muitas formas. Mesmo sem recordar de algumas datas e da cronologia exata dos fatos, conta as histórias como se quisesse

dar um sinal de esperança de que a vida pode ser melhor. Pode ser maior. Existem saídas mesmo em situações difíceis.

Diferentemente do processo educacional da mãe, que nasceu em uma região de difícil acesso escolar e em outro contexto histórico, Sônia, Rafael e Rômulo tiveram acesso à escolarização desde muito pequenos. O primeiro contato foi com a creche, seguindo o rumo natural da formação escolar nos anos vindouros. A importância desse ciclo tem peso maior ainda quando essas mães vivem em condições econômicas precárias, já que muitos estudiosos afirmam que a escolaridade dos pais, em especial por parte da mãe, tem fundamental importância na forma como as crianças aproveitarão essa fase da vida.

Da educação é possível extrair muitos resultados e é através dela que também podemos entender melhor a desigualdade social. Aliás, em um país tão extenso como o Brasil, o ideal é falar em desigualdades sociais, no plural, pois elas são diversas. A palavra “oportunidade” tem raiz no latim “*ob portus*”, usada para se referir aos ventos mediterrâneos que ajudavam os barcos à vela a partir e/ou chegar a um determinado destino. Esses ventos eram chamados de “oportunos” quando auxiliavam as embarcações e “inoportunos” quando o contrário acontecia. Metaforicamente, é assim que também acontece na vida, no cotidiano do trabalho, dos estudos, das relações, de todas as vivências. Nem sempre, as famílias estão em barcos que navegam em mares tranquilos e

CAPÍTULO 3

chegam onde querem sem grandes imprevistos. Existem muitos ventos contrários que atrasam ou impedem o sucesso da viagem.

É preciso olhar com cuidado e atenção para as questões de geração, que traçam um perfil do que é a sociedade brasileira. Estudiosos como Haroldo Torres, Maria Paula Fernandes e Sandra Gomes contam no quinto capítulo da obra “São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais”¹⁶, que a escolaridade dos pais tem muita relevância na educação dos filhos, o que vale também para todo o território nacional. A mobilidade educacional, como é chamado o dado que fala sobre a educação “de geração em geração”, ainda é baixa no país: em média, 6 a cada 10 brasileiros (58,3%), filhos de pais que não conseguiram concluir o ensino médio (em 2014, último ano analisado e para o qual há dados do tipo) também não completam esse ciclo de formação. Os dados são do Instituto de Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS).

A probabilidade de repetição da baixa escolaridade dos pais, neste caso, é o dobro do que pode ocorrer em países como os Estados Unidos da América, por exemplo, que apresentou resultado de 29,2% de chances de que isso aconteça. Na camada 20% mais pobre da população, 80,8% dos filhos de pais que não completaram o ensino médio, perpetuaram essa realidade, ou seja, também não encerraram essa fase nos estudos. No caso

16 O livro, lançado em 2005, faz uma profunda análise sobre a presença da pobreza e desigualdades presentes na cidade de São Paulo, com objetivo de apontar caminhos para o entendimento e criação de ações públicas que ajudem a solucionar os problemas comentados.

GERAÇÕES

dos 20% mais ricos, o percentual atinge 32,6%. Se o contraste de dados for feito a partir da raça, a diferença também mostra o cenário desigual. Os filhos de pais pretos e pardos, ambos não concluintes do ensino médio, somam 64%. Já no caso das famílias brancas, esse número cai para 51,6%.

Verônica Kollar, conta ainda o que se percebe atualmente: cada vez mais, um perfil de família, na camada mais pobre da população é identificado. Famílias chefiadas por mulheres com uma problemática muito grande da presença dessas crianças na escola. Isso acontece porque existe uma questão: essa mulher trabalha, seus filhos vão para escola e, muitas vezes, elas não têm condições de fazer esse acompanhamento por falta de tempo, por exemplo. A professora também conta que em muitos casos, pela falta de estudos por diversos motivos, a mãe não tem estrutura cultural para auxiliar as crianças e analisar de perto o andamento da aprendizagem.

Mas é muito importante entender que tudo isso não significa que o futuro está traçado. Contrariando todas essas estatísticas, os filhos de dona Maria se formaram e dois deles, Sônia e Rafael, alcançaram o diploma universitário. O terceiro não o fez por opção. Caminhando fora da curva, todos eles sabem que a educação não é importante somente para elevação econômica. É por meio dela que a sociedade pode exercer com mais firmeza um papel crítico e se organizar.

Ler é enxergar com os próprios olhos

Com uma agenda ocupada durante a semana, todas as terças-feiras dona Maria caminha até a associação sem fins lucrativos Viva Vida Kardec, onde realiza algumas atividades. Às quartas-feiras, em outro local, faz hidroginástica para exercitar o corpo, além da acupuntura e fisioterapia, para ajudar na recuperação de alguns problemas de saúde. Conta que sai de casa às 9h30, caminha até o ponto de ônibus e escolhe este horário por ser o mais estratégico: o transporte está vazio. Após todas as atividades, consegue retornar relativamente cedo para a casa. Opta sempre pelos assentos mais distantes dos que já estão ocupados pelos passageiros, preocupada com as medidas de segurança para evitar contaminação por covid-19.

Uma amiga da instituição sempre comentava com ela sobre uma escola onde era possível retornar aos estudos por meio da educação de jovens e adultos. Dona Maria sempre quis retornar, já que os estudos foram interrompidos há quase 50 anos.

– Eu tinha esquecido de tudo, eu sabia tudinho, mesmo. Antes de voltar à escola, já não sabia mais ler e escrever, como na minha juventude.

Maria relutou durante muitos anos em fazer a inscrição, principalmente porque as aulas sempre aconteciam no período noturno e o retorno para casa seria arriscado. Isso perdurou até que em uma terça-feira atípica de 2016, quando uma professora

foi até a entrada da casa Viva a Vida Kardec divulgar a abertura de turmas para a EJA do Instituto Federal de Brasília, no campus do Recanto das Emas, região administrativa onde dona Maria reside atualmente. As palavras de sua amiga se tornaram ainda mais fortes nesse dia e com o incentivo da docente que falava com as senhoras do local, decidiu que aquele era o momento de voltar aos estudos.

Muitos alunos que chegam à EJA sem saber ler e escrever, costumam dizer que tomam emprestado os olhos de outras pessoas. Ou seja, o significado da leitura e da escrita é quase como aprender a enxergar com os próprios olhos. Essa foi a principal motivação de Maria Romão. Não dava mais para depender das pessoas para ler bilhetes ou outras coisas. Com os filhos crescidos e vivendo suas próprias vidas, seria difícil conseguir alguém que lhe ajudasse em tempo integral. E foi a partir daquele ano que a escola tornou-se o lugar onde dona Maria aprenderia novas formas de ler o mundo e escrever (ou reescrever) sua história.

Todos os dias, se preparava, muito empolgada, para mais um dia de aula. Dona Maria descreve que arrumava suas roupas e o cabelo com muito cuidado, separava os materiais e se direcionava ao centro comunitário, de onde um veículo buscava alunos para os levar ao IFB. No instituto, as aulas de EJA com foco em idosos funcionam como um reforço escolar voltado para a alfabetização, sem divisão em séries. Valdineia Carvalho, professora

CAPÍTULO 3

desta modalidade de ensino no IFB, conta que, por terem pouco contato com a escolaridade e dificuldade em subir para outros níveis, muitos alunos passam alguns anos neste reforço, até que consigam ler e escrever, de fato. Em 2011, fora criada uma iniciativa chamada de Programa Nacional Mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável, instituído pela portaria Nº 1.105, que foi atendido pela instituição. À época, havia uma divisão por séries e foco em preparar as alunas para o mercado de trabalho, o que não é feito atualmente com as turmas de terceira idade.

Muito dedicada às tarefas escolares, o tom de voz de dona Maria muda, assim como seu entusiasmo, para falar que sentiu muito a suspensão brusca das aulas em decorrência da pandemia de covid-19. Na mesma frase, repete algumas vezes a palavra “pena”, expressando o que sente quando pensa na ausência das aulas e dos encontros.

– Olha, foi uma pena mesmo. Todos sentimos isso. Voltar a estudar foi bom demais e nesse pouco tempo em que fiquei lá, aprendi muita coisa e não esqueci mais, viu? A minha maior motivação para voltar aos estudos era fazer as coisas do dia a dia sozinha, sabe? Ler uma lista, uma correspondência, documentos que recebo e fazer compras. Eu sei tudinho agora, ler os nomes dos produtos no mercado. E sei também ler os preços. A única

coisa que me falta aprender direito, agora, é ver o *vencimento* [data de validade]. Isso eu ainda não sei ver, não.

A professora Valdineia, que ministrou as aulas da turma de Maria durante este tempo, conta que a aluna era e é uma pessoa muito interessada nas matérias, demonstrava muito entusiasmo em aprender, além de ser bem comunicativa. Não gostava de faltar e sempre que tinha a oportunidade, agradecia pela oportunidade de estudar novamente. Em um ambiente descontraído, de muitas conversas, troca de experiências, risadas e parcerias, é que enfrentavam o bom desafio da alfabetização, todos os dias. Valdineia faz questão de destacar tudo o que acontecia de positivo, para além do ensino.

– Parecia até um consultório de troca de ideias e de experiências vividas na terceira idade, tinha lanche coletivo, muita diversão. Era um tempo muito rico.

Com os materiais fornecidos pelo Instituto, Maria estuda em casa, de vez em quando, como se quisesse não somente rever, mas guardar aprendizado. Talvez seja o medo de se esquecer novamente tudo o que aprendeu. Com um sorriso na voz, endossa os relatos de Valdineia, dizendo que o ambiente favorecia muito o aprendizado. “Era muito bom encontrar as amigas, o companheirismo era muito grande”, conta, com tom de saudade. Além de conseguir unir as palavras, fala que uma das coisas mais legais do período eram as conversas que tinha com os outros alunos da turma.

CAPÍTULO 3

– Você acredita que lá tinha uma senhora de 90 anos que aprendeu a escrever o nome em uma semana? [gargalha]. Ela é mais inteligente que a gente, viu?!

O som da risada ecoa pela ligação e é o presente da entrevista. Uma risada sincera e que demonstra todos os vários significados do que o período em que esteve no Instituto proporcionou em sua vida. Categoricamente, até mesmo antes da pergunta, afirma que assim que o período de suspensão das aulas acabar, ela estará pronta para voltar. Essa mesma certeza, que sorte, está nas palavras de sua professora. Ela pretende retornar ao trabalho na EJA em breve, até mesmo por receber muitas ligações das alunas, dizendo que estão com saudade não só das tarefas, mas da convivência e das “bagunças, no bom sentido”, como fala. Valdineia se orgulha do ofício e do que faz pela sociedade por meio da educação. Compartilha, inclusive, sua tese de mestrado, cujo tema fala sobre ações para inclusão de pessoas idosas no Instituto Federal de Brasília e políticas públicas para a qualidade de vida.

Depois de várias entrevistas por telefone, no dia 4 de setembro de 2021, o rosto de dona Maria finalmente foi revelado. Seu jeito tímido ao mesmo tempo em que demonstra certa alegria em contar a história de vida, ficaram ainda mais evidentes. A junção da voz, já conhecida após tantas entrevistas, ganhou ainda mais vida em seus traços. A conversa começou com ani-

mação genuína de todos os lados, já que ambos estavam ali, vendo a personificação das vozes pela primeira vez.

Isso só foi possível porque seu filho mais novo, Rômulo, estava em casa naquele sábado ensolarado nas duas regiões do Brasil: da entrevistadora, Sudeste. Da entrevistada, Centro-Oeste. Ele ajudou a conduzir a ligação, para que dona Maria pudesse me conhecer e também para que ele contasse um pouco da experiência, no lugar de filho, nessa trajetória educacional da matriarca.

Apesar de se alegrar com os passos da mãe rumo ao que pode ser considerada uma nova alfabetização, Rômulo, assim como boa parte dos mais jovens, anseia por um aprendizado mais rápido. Em similaridade com a mãe, responde às perguntas com certa timidez, muitas vezes desviando o olhar da câmera, como se pensasse em uma resposta mais adequada. O atraso na conversa, o chamado *delay*, fora outros problemas técnicos - o ônus da tecnologia, também atrapalha algumas vezes, mas nada que resultasse em desistência da ligação.

– Eu acho que se ela aprendesse ainda mais rápido, seria bom, porque às vezes ela passa pela dificuldade de querer entender algo. Como eu não estou em casa sempre e os meus irmãos não moram com a gente, não é toda hora que tem alguém para ajudar.

Ele conta que tentou ensinar algumas vezes, mas devido ao trabalho, não consegue ajudar mais. Dona Maria alerta que, apesar da pouca paciência do filho, ele realmente tenta auxiliar.

CAPÍTULO 3

Os dois riem nesse momento. Atualmente, o filho mais novo trabalha como motorista de aplicativos de viagem. Isso aconteceu também por consequência da pandemia, que acarretou na demissão do antigo emprego de almoxarife na Eletrobrás Eletro-norte, localizada na Asa Norte, em Brasília, em março de 2020. Em janeiro de 2021, a companhia brasileira do setor de energia elétrica também demitiu 300 funcionários em meio à crise sanitária, risco elétrico e plano de privatização elaborado pelo Ministério da Economia. A *holding* comanda diversas outras geradoras e transmissoras de energia, como Eletrobras Amazonas GT, Eletrobras CGT Eletrosul, Eletrobras Chesf, Eletrobras Eletronuclear, Eletrobras Furnas e Eletrobras Cepel.

Rômulo narra que se dedicou aos estudos, mas, no meio do caminho, acumulou algumas frustrações. Diz que gostava muito mais de estudar na escola do que reservar um tempo para as tarefas escolares em casa. Passou tranquilamente pelas fases de ensino, até que, com 13 anos, começou a treinar em uma escola de futebol. O sonho do garoto brasileiro de ascender profissionalmente através do esporte é antigo em nossa cultura. Rômulo também apostou nisso. “me dediquei tanto a ponto de não frequentar mais as aulas como deveria”. Como consequência, sofreu uma reprovação na 5ª série.

– Também foi por bobeira. A professora não deixou eu realizar uma atividade e eu repeti.

Com isso, não só perdeu a prova que lhe daria a chance de continuar para o próximo ano como também não foi convocado para ir a São Paulo com o time. Rômulo continuou por algum tempo jogando, mas não levou os planos adiante. Quanto à escola, nunca deixou de frequentar, sobretudo por insistência de dona Maria após a reprovação. “A mãe obrigou, a gente não pode contrariar, né?”, conclui com risadas. Depois do ensino médio completo, partiu para o alistamento militar e chegou a trabalhar em quartéis. A experiência lhe rendeu um pensamento mais voltado ao mercado de trabalho, criando mais responsabilidades e, segundo ele, mais seriedade. Fez diversos cursos livres, mas não quis cursar a faculdade.

– Cheguei a ficar indeciso sobre qual carreira seguir, em caso de entrar na faculdade. Mas eu não quis gastar dinheiro com isso, não. Preferi trabalhar.

Apesar disso, afirma que, caso chegasse ao ensino superior, estudaria algo relacionado à economia.

“Eu já sou velha, não lembro mais de nada, não vai dar certo”. Essa era a frase que durante muito tempo impediu que dona Maria voltasse a estudar, segundo a própria. Mas, com o apoio dos filhos, decidiu arriscar e não se arrependeu. Rômulo conta que uma das coisas mais legais desse processo foi ver sua mãe conhecendo as letras novamente. Sônia, a primogênita, também se alegrou - e se alegra - muito em ver a evolução da mãe nesse sentido. Mas, faz

CAPÍTULO 3

questão de endossar que dona Maria sempre foi muito inteligente e que o fechamento desse ciclo foi mais um passo em uma vida inteira de lutas e recompensas. Antes, para fazer uma ligação, por exemplo, seria necessário algum tipo de auxílio. Hoje, ela mesmo pega sua agenda telefônica e localiza os nomes que deseja.

– Quando mamãe voltou a estudar, eu já estava aqui, longe. Mas, por telefone, sempre dei apoio e fazia questão de dizer que todo tempo, é tempo para realizar sonhos e adquirir conhecimento. - conta Sônia, com uma voz muito serena, que causa um efeito imediato de tranquilidade.

Falar que dona Maria conquistou independência somente pela alfabetização na fase mais madura da vida, seria uma injustiça. Aos 19 anos, deu à luz sua primeira filha, criou três crianças em uma maternidade solo, desbravou mudanças de região e trabalhou, a vida toda, dedicando-se à casa de outras pessoas. A alfabetização, a nova conexão com o saber lhe abriu possibilidades, não concretizadas por razões diversas. Essa decisão carrega em si muitos significados, desde a aprender e ampliar a visão de mundo, até a luta por reconhecimento na melhor idade. Dona Maria sempre soube do seu valor. E agora, os que já sabiam passam a conhecê-la ainda mais profundamente, e aqueles que não a conheciam, passam a entender tamanha força e dedicação.

O aprendizado tem um ritmo próprio, uma velocidade singular para cada aluno. Na EJA isso fica ainda mais evidente.

Os avanços são muitos, mas ela ainda contabiliza alguns desafios que precisa transpor:

– Para pegar ônibus eu não tenho problema, não. Conheço todas as linhas, nome do ônibus, e aqui a gente vai mais pelo número do que pelo nome. Agora, algumas letras são complicadas. Eu conheço todas as letras, o problema é juntar, mesmo. Palavras com dois “erres” [a junção R + R], nossa senhora. Eu não consigo unir. Fico confusa. Dois “esses” [duas letras “S”] também. Tudo o que tem duas letras seguidas eu não consigo. Vou ler aquele nome todo e ali eu não consigo. Eu sou do movimento Mãe Rainha, e rezo “Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt” e eu fazia a oração, quando chegava em “Schoenstatt”, [lê-se “choinstat”] eu não lia a palavra. Aí, um dia eu aprendi. Estava tentando falar e a moça apontou para a palavra em uma televisão na igreja. Apareceu a palavra e eu aprendi, que termina com dois “eles” (duas letras “L”).

O movimento de Schoenstatt surgiu na Alemanha em 18 de outubro de 1914. Leva esse nome por ter sido originado no bairro de Schoenstatt, em Vallendar, na capela de São Miguel. Um Padre chamado José Kentenich fez um acordo com a comunidade jovem que visitava à igreja, “convidando” Nossa Senhora para fazer parte daquela capela. Ali, fizeram um pedido: que ela distribuísse graças e eles a ajudariam na missão de renovação do mundo. Assim surgiu o Santuário de Schoenstatt,

CAPÍTULO 3

onde Maria é aclamada e intitulada de “Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de Schoenstatt”. No Brasil, a campanha começou em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1950 e hoje está espalhada por vários pontos do país.

Na verdade, a palavra na qual dona Maria se refere, Schoenstatt, termina com duas letras “T”. Ela ainda troca algumas letras, mas conta que sente um enorme orgulho por saber do progresso que tem apresentado, dia após dia. Sorrindo, como em todos os dias de entrevista, fala da sua gratidão à professora Valdineia, contando, inclusive, que esse foi um dos nomes que leu em sua agenda, ao procurar para contar durante esta conversa.

Em 25 de maio de 1952, nascia Maria Romão da Silva, mãe, avó, mulher e aluna, que fala de suas dores e amores com a mesma entonação. Hoje, com 69 anos, demonstra toda a alegria do significado de voltar a estudar. A senhora comenta que, se a vida não lhe foi generosa em alguns momentos, ela faz questão de ser por tudo o que tem vivido atualmente. Ao encerrar, se mostra solícita como em todo o nosso percurso juntas:

– Olha, pode ligar quando quiser, viu? Pode chamar sempre. E você parece um pouco com a minha filha, *lembra um pouco ela*. Chame sempre que precisar. Um beijo.

Centro-Oeste em números

A região Centro-Oeste é composta pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, que abriga a capital do país, Brasília, criada em 1960. Segundo dados do IBGE (2019), isso corresponde a 19% do território brasileiro. É a região menos populosa do Brasil, com 16 milhões de habitantes, ou 7% de toda a população brasileira, mas uma das mais urbanizadas: 89% dos moradores do Centro-Oeste vivem em cidades. A extensão territorial é de 1 606 403,506 km².

Na área da educação, o Centro-Oeste, ainda segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2019, tem uma das menores taxas de analfabetismo, 4,9%. Os dados sobre alfabetização também são importantes para entender mais a fundo as desigualdades do sistema educacional brasileiro, pois é na aprendizagem que se identifica os principais problemas. A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) foi descontinuada e os últimos indicadores são de 2016, e mesmo assim, ainda é possível notar números sintomáticos. Os resultados da última edição, bem como os de 2014, mostram que o Brasil ainda não consegue alfabetizar as crianças da maneira mais adequada.

Em 2016, menos da metade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental alcançaram o nível ideal de proficiência em Leitura, por exemplo, atingindo apenas 45,3%. A avaliação permite que entendamos que, sem educação de qualidade nos

CAPÍTULO 3

primeiros anos da vida escolar, será muito difícil do aluno conseguir dar continuidade às próximas etapas do ensino. O resultado disso é a reprodução de muitas desigualdades por meio de um sistema escolar que deveria criar novos horizontes. Segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica¹⁷ de 2020, produzido pelo Todos Pela Educação e Editora Moderna, 23,4% dos alunos com Nível Socioeconômico (NSE) muito baixo e baixo apresentavam o nível adequado de leitura. Isso é quase quatro vezes menor do que apresentam os alunos de NSE alto e muito alto. Isso quer dizer que os mais pobres sempre caminham a passos muito mais lentos do que aqueles que detêm recursos, em todas as áreas, sobretudo na educação.

Uma das metas do PNE, o Plano Nacional de Educação, lançado em 2014, é: elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015, e até o final da vigência do PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional. O PNE é um documento, editado periodicamente, que ajuda a diagnosticar os desafios educacionais e propõe metas e estratégias para que a área possa se desenvolver. O atual plano foi elaborado com vigência de 10 anos, ou seja, as metas são válidas até 2024 e seu planejamento

17 O documento traz, desde 2012, uma importante compilação sobre informações e dados atualizados e abrangentes sobre o contexto da educação brasileira, a fim de entender a evolução ou inflexão da qualidade educacional, cumprimento das metas do PNE e perspectivas de futuro.

GERAÇÕES

foi iniciado em 2011, sob o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Ainda segundo o anuário, em 2019, o Centro-Oeste tinha 95,1% da sua população de 15 anos ou mais alfabetizada. No Mato Grosso do Sul, esse número é de 94,9%. Mato Grosso apresenta 93,8% de alfabetizados nesta idade e Goiás, 94,9%. Já o Distrito Federal tem o maior número, 97,3%.

Galeria de Fotos



Da esquerda para a direita: Rafael, Sônia e dona Maria. Mais acima, o filho mais novo, Rômulo.



Quando solicitadas as fotos, pedi que dona Maria enviasse uma que gostasse muito. Esta foi a imagem encaminhada pelo filho mais novo, Rômulo.



Maria e os dois filhos, Rafael e Rômulo.

Capítulo 4

Significados

“**E**u autorizo que Gabriela Alves conte minha história em seu livro-reportagem, que é sobre mulheres vencedoras”. Essa é a frase que Rosângela Rodrigues do Nascimento fala em um vídeo, encaminhado pelo WhatsApp, ao autorizar que todas as informações contadas por ela fossem publicadas na obra que você lê agora. O texto foi criado por ela, que se considera exatamente o que disse: uma grande vencedora.

Durante os quatro meses de contato para conhecer sobre a sua vida, Rosângela mostrou que suas vivências eram, de fato, experiências e acontecimentos dignos de um livro.

CAPÍTULO 4

Camiseta branca, saia Azul. Essas eram as cores do uniforme usado pelas crianças, que caminhavam em direção à escola da região, segundo Rosângela. Ela conta que observava, admirada, a combinação que formava o conjunto. Aos 9 anos e uma infância tortuosa, Rosângela só queria estudar. Mas foi justamente naquela fase que, ao invés de avançar mais etapas, desistiu de frequentar as salas de aula.

Aos 41 anos, retornou de vez ao antigo sonho. Foram 32 anos, 384 meses, 11.688 dias alimentando pensamentos que ora mostravam muita força, ora davam lugar a coisas mais urgentes, que pediam mais atenção. Sua narrativa comprova os significados diversos dados à educação, sobretudo na vida das mulheres. O mergulho nessa biografia explica o porquê.

No dia 24 de outubro de 1848, Manaus passou a ser considerada oficialmente uma cidade. No interior da floresta amazônica e à beira de um rio, nascia a capital do estado do Amazonas, na região Norte do Brasil. O lugar era um forte onde os portugueses protegiam o território de invasões espanholas. Ali, viviam diversas tribos indígenas, como os barés, banibas, passés e manaós. Este último deu origem ao nome do município. Com a construção da capela em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, a fim de catequizar os povos originários, a povoação aumentou, dando origem a uma vila que, posteriormente, viria a se tornar a cidade.

SIGNIFICADOS

O Norte do Brasil é a maior das cinco regiões administrativas. Segundo o IBGE 2019, ela corresponde a 42,25% de todo o território do país e é composto pelos estados do Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima, Pará, Tocantins e Amapá. O primeiro, inclusive, é o maior estado do Brasil, com extensão territorial de 1.559.146,876 km². É de um lugar de números tão significativos que surge Rosângela Rodrigues do Nascimento, manauara de nascença.

Na educação, a região faz parte do grupo que mais sofre com as desigualdades do país. Uma pesquisa feita pela FGV Social, chamada “Tempo para Escola na Pandemia”, avaliou o impacto desse período na vida dos estudantes. Ao lado do Nordeste, o Norte apresentou um índice muito relevante sobre aqueles que foram afetados. No Pará, 45,27% dos alunos entre 6 a 15 anos ficaram sem atividades escolares em agosto de 2020. Em Tocantins, por exemplo, esse número era de 41,29%. Entre os estados que mais registraram alunos sem aulas está o Amazonas, com 27,04%.¹⁸

Na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (Pnad) do primeiro trimestre de 2019, também é possível perceber alguns pontos de atenção: 44,1% das pessoas com mais de 14 anos não haviam concluído o ensino fundamental. Na avaliação da pesquisa

18 Você pode conferir a pesquisa completa, produzida pela Fundação Getúlio Vargas - FGV Social em: <https://www.cps.fgv.br/cps/TempoParaEscola/>

CAPÍTULO 4

sobre educação mundial do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - PISA (sigla derivada do nome em inglês *Programme for International Student Assessment*), produzida a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Norte e o Nordeste brasileiro ficaram, pelo menos, 40 pontos abaixo da média dos estados das demais regiões. Isso significa que os alunos não atingiram o nível básico nas disciplinas avaliadas, que são: Leitura, Matemática e Ciência.

O desempenho é recorrente de muitos fatores que precisam ser urgentemente considerados: as diferenças regionais, a estrutura local e da escola, as desigualdades socioeconômicas e a saúde emocional. A valorização dos professores também pode entrar nessa conta. O trabalho escolar vai muito além do planejamento de conteúdo. Ao lidar com as particularidades dos alunos, das regiões, a escola do futuro deverá entender que questões de humanidade são muito valiosas. Todos esses resultados vão desembocar diretamente nos números da Educação de Jovens e Adultos, por isso, quando se fala em educação escolar, é necessário contemplar todos os níveis.

O Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2020 mostra que, em todo o Brasil, o número de matrículas na modalidade caiu e permanece com tendência de queda. Entre 2009 e 2019, a queda foi de quase 1,5 milhão de matrículas, sendo 83,6% do Ensino Fundamental.



Dizem que a vida é feita de escolhas. Mas, a História nos mostra que não é tão simples assim. A realidade é feita de muitas camadas e é preciso entendê-las para explicar as conjunturas, os contextos. Isso se aplica, por exemplo, à trajetória das mulheres brasileiras, algo que, à essa altura, já é bastante perceptível como assunto dominante neste livro.

O historiador e advogado Felipe Magane¹⁹ cita outro grande autor da área, Caio Prado Jr., para explicar que, durante mais

19 Felipe Toledo Magane é mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e também advogado pela mesma instituição. É pesquisador do Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder, NEHTIPO, do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e do Centro de Estudos de História Latino-Americana do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e diretor do Programa Semente, do projeto Semente Educação.

CAPÍTULO 4

de trezentos anos - principalmente no contexto da escravidão - a mulher era uma “coisa”, o que quer dizer que era considerada um objeto. Suas funções eram resumidas em ser escrava e ama de leite. Muitas das europeias que também desembarcaram junto aos colonizadores portugueses em terras brasileiras, vieram sob promessas de relacionamento ou em condições de prostituição. São raízes de muita violência, privação e subjugo apenas em razão de ser mulher.

O historiador também aponta que a alfabetização tardia, o voto hipertardio - a permissão para o voto feminino aconteceu em 24 de fevereiro de 1932, junto a chegada do primeiro Código Eleitoral Brasileiro - e a participação pública tardia, são acontecimentos que mostram uma forma muito brasileira de ser. A mulher escrava, a mulher índia, foi a mulher do trabalho, dos estupros e violências de ordem sexual que aconteceram nesse país. Todas essas características que moldaram o povo desde a gênese o fazem concluir que as determinações históricas são cristalinas, de opressão ao sexo feminino, deixando uma marca profunda na educação clássica, até os dias de hoje. Companheiros que impõem limitações, dizem não ao trabalho de suas esposas e ao estudo, por exemplo, fazem parte desse fruto apodrecido.

Criada por uma família sem laços biológicos, Rosângela conta que não teve condições de decidir o que queria ser quando crescer. Aos três anos, idade fase cujos aspectos como percepção

de si mesmo e socialização se desenvolvem, segundo teorias do desenvolvimento infantil, passou a morar com outras pessoas, a quem chama de “família adotiva”, enquanto os dois irmãos foram criados pelos pais que os geraram biologicamente. Anos mais tarde, o casal que criou a menina, deu à luz duas filhas. Dali em diante, alguns problemas começaram a se agravar, mesmo quando ela sequer tinha maturidade para entender o que acontecia, como conta. O pai passou a maltratá-la das mais diferentes formas, inclusive dizendo que não a considerava como membro da família.

Não demorou muito, e situações complicadas que envolviam alcoolismo começaram a aparecer. O homem, que atuava como provedor da casa, gastava todo o salário em bares da cidade. A esposa, sem saber o que fazer, o cobrava diária e exaustivamente. Rosângela revela que passou a sofrer agressões constantes, que mais a machucavam emocionalmente do que fisicamente. Ele passou a culpá-la por todos os problemas que aconteciam em casa e todas as mazelas eram transferidas para a conta da, então, menina, que pouco entendia o porquê de tamanha violência.

Algumas vezes, empurrões. Outra vez, ataque à tesoura. A paz parecia ser uma palavra muito distante daquela realidade vivenciada quase diariamente. Segundo suas lembranças, o pai, cambaleando pela casa, alimentava um círculo vicioso de violência: era cobrado do dinheiro que acabara de gastar com bebidas alcoólicas, brigava

CAPÍTULO 4

com todos, transferia a culpa para Rosângela. Com 10 anos, a jovem viu a figura paterna prender sua mãe em uma coleira de cachorro, amarrada a correntes e tentou defendê-la. A consequência da atitude da menina foi ser, mais uma vez, agredida.

Depois de tanto tempo em situações insustentáveis, Rosângela conta que decidiu fugir de casa aos 12 anos. De ônibus, foi até o centro de Manaus, capital do Amazonas e caminhou, sem rumo, até achar um local para dormir. Entre suas memórias, está a de uma senhora, que ao perceber sua situação, ofereceu ajuda. A menina aceitou ir para a casa da desconhecida, mesmo com muito medo e naquele dia conseguiu se alimentar. Os dias passaram, enquanto Rosângela, aos poucos, trocava a infância pelas responsabilidades de uma vida adulta. Sozinha no mundo, aprendeu a se virar.

Pouco tempo depois, conseguiu um trabalho como empregada doméstica. O objetivo era pagar, ao menos, a própria alimentação. Na labuta de tentar dar conta da própria existência com tão pouca idade, decidiu que era o momento de buscar por sua mãe biológica e entender tudo o que já havia acontecido e o que a levou para aqueles dias difíceis. Depois de algumas buscas, conseguiu localizar o paradeiro. Rosângela não sabe explicar como fez exatamente ou se alguém ajudou, nem precisar a idade que tinha quando tudo isso aconteceu. O evento parece ter sido apagado de sua memória.

– Ela lançava pragas, não me aceitava como filha. Dizia coisas que me magoavam demais, entende? Mesmo assim, eu nunca deixei de fazer visitas. Queria sempre estar próxima.

Enquanto conta sobre esse período difícil, Rosângela parece visualizar de forma vívida tudo o que passou durante a infância e adolescência. Sem respaldo familiar e escolar adequado, aos 16 anos precisou enfrentar mais um enorme desafio: uma gravidez inesperada.

O rompimento de uma inocência além da conta, somada a uma gestação extremamente arriscada, fizeram Rosângela viver momentos ainda mais tensos. Ao descobrir que carregava um bebê, voltou a morar com a mãe biológica. Logo, começou a dar sinais de problemas de saúde, com frequentes febres, crises de asma e internações. Chegou a ficar dois dias e duas noites em observação em uma sala de cirurgia de um hospital do qual não recorda o nome, antes dos sintomas de trabalho de parto. Apesar de todos os percalços, tudo parecia correr relativamente bem. Semanas se passaram até que, no momento do nascimento, uma surpresa assustadora. Ela narra as palavras do médico:

– Ele não se mexe. Precisamos examinar mais, urgente! Ele está com o cordão umbilical enrolado no pescoço.

O bebê não apresentava sinais vitais. O obstetra examinou e não escutou a respiração do feto. Naquele momento, ao mesmo tempo que tentava salvar a vida do filho, a jovem sentiu sua saturação cair com um brusco enrijecimento da barriga. Contra

CAPÍTULO 4

o tempo, os médicos cortaram os corredores empurrando a maca onde ela estava e entraram no centro cirúrgico. Era madrugada e o relógio marcava 2 horas. Às 5 horas, Rosângela sai da sala. Após uma cirurgia de três horas, nascia Bruno, o primogênito. Tento descobrir por três vezes a data de nascimento do filho, mas Rosângela não se sente à vontade para dizer.

– Você teve muita sorte e foi muito forte. Parabéns, seu filho está bem. - conta ela, sobre as palavras do especialista que lhe atendeu.

O choro estridente, natural ao advento de uma criança recém-nascida, deixou a mãe de Rosângela furiosa. Tomada pela raiva do momento, bateu na filha com um cabo de vassoura. A mulher conta que a mãe, já uma senhora, não queria ter de lidar com aquele barulho, já não tinha mais paciência. Mais uma vez, a saída foi buscar ajuda fora do ambiente que deveria lhe acolher. A partir disso, a trajetória da jovem é marcada por inúmeras moradias, passagens e mudanças. Já morou brevemente com a irmã, que residia na mesma rua, no lado oposto da calçada, mas não permaneceu porque sentia que o cunhado não aprovava a situação. Morou em casas de amigas, vizinhos e pessoas dispostas a ajudar. Como ela própria diz, foi “pulando de galho em galho” que conseguiu o necessário para os primeiros anos da vida de Bruno.

No ano do quarto aniversário da criança, Rosângela conseguiu um emprego. Um bar da região, que procurava por uma

garçoneiro, lhe ofereceu R\$ 30,00 por noite trabalhada. Nesse mesmo período, uma amiga cedeu temporariamente uma casa e, ainda, ajudava a cuidar de Bruno enquanto a mãe trabalhava. Pouco tempo depois, os patrões de Rosângela também ofereceram uma quitinete, onde ela passou a dormir pela semana, para otimizar o tempo no emprego.

Sereno na cabeça

Durante as andanças de Rosângela, para conseguir um lugar para morar - ainda que provisório -, ela e seu filho Bruno passaram por todo o tipo de desafios. Ela conta que nesse tempo, o pequeno ficou doente, apresentou sintomas de gripe ou resfriado várias vezes, após ser exposto a diversas mudanças climáticas. Muito marcante em seus depoimentos, repetindo como um mantra, ela conta que, depois de conseguir uma casa e trabalho, “seu filho já não pegava mais sereno”. Isso, até mesmo depois de receber um convite de sua mãe, pedindo para que ela retornasse. O medo de ser expulsa novamente pulsava, principalmente, quando pensava que Bruno poderia não ter um teto para se proteger caso acontecesse um novo episódio de desentendimento.

– Mãe, a senhora me expulsou porque meu filho chorava e ele era muito novinho. Ele está até meio gripadinho agora, levei no pediatra e tudo. Não quero correr mais esse risco. - ela detalha a descrição da cena.

CAPÍTULO 4

A atuação como garçomete lhe ajudava muito a manter, na medida do possível, uma organização financeira e, mais do que isso, lhe dava a possibilidade de continuar criando o filho, em uma maternidade solo. Em nenhum momento, Rosângela cita, mesmo quando confrontada, sobre o pai do primeiro filho. Ela conta que nunca o registrou com o sobrenome paterno. A criação foi totalmente solitária, com dupla função. Mas, apesar das decepções, nunca deixou de se abrir para novos sentimentos e oportunidades. No mesmo ano em que conseguiu o trabalho no bar, conheceu um assíduo frequentador, com quem engatou um romance tempos depois. Após algum período de convivência e relacionamento, o novo namorado pediu que Bruno fosse registrado em cartório com o seu sobrenome. Rosângela explicou que ele não tinha esse dever, mas depois de algumas negociações, aceitou a proposta. Fala que gostaria de oferecer ao Bruno uma paternidade que nunca havia sido apresentada.

Rosângela descreve que, como todo início de relacionamento, ambos viviam uma história que preenchia os dias de significados. A união era sinônimo de ter um lugar seguro para onde voltar: os braços um do outro. Mas Rosângela desejava viver uma relação completa, sem medo ou dúvidas. Ao perceber a falta de iniciativa do parceiro, indagou se ele não pensava em tomar a frente para que pudessem, enfim, construir um lar e viver juntos, de fato. Durante o processo, moraram com os primos do rapaz, em

SIGNIFICADOS

um bairro chamado Tancredo Neves, região leste de Manaus. Passaram a visitar outras regiões, buscando alternativas e outra casa para morar, com mais dignidade e identidade. Determinados com essa ideia, decidiram ocupar um terreno. Fizeram todo o trabalho de limpeza e capinação e ocuparam uma casa de madeira, algo parecido com palafitas, que já estava instalada no espaço.

– Bom dia, a senhora está morando aqui? - perguntou um homem, depois de olhar as redondezas e parte do terreno.

– Sim, mas estou morando de favor. Eu cheguei aqui ontem. Você é o dono daqui? - respondeu Rosângela.

– Sim, eu sou. Mas eu só vim conversar. Sei que a senhora tem um filho pequeno e está grávida de outro, pelo que vejo. Olha, esse terreno é meu e eu vou precisar. Quero construir uma casa para os meus filhos.

Rosângela não acreditou no que ouviu. Narra com detalhes o diálogo com o proprietário e comenta que ali começava mais um desafio:

– Olha, o senhor vê minha situação - estende o braço e mostra a casa, o terreno, a barriga. - Eu tenho filho pequeno também e nenhuma condição... eu não posso sair daqui assim. Nós limpamos, capinamos, tivemos um trabalhão.

– Eu entendo, mas... então vamos combinar assim: fique aqui só mais esse mês. No próximo, vocês têm que dar um jeito de sair.

– Está bom assim. Obrigada, muito obrigada.

O fruto do que começou como um “quase namoro” e tornou-se um casamento, foi o segundo filho, Alexsandro. A busca por uma moradia digna, um lugar onde pudesse se instalar e recomeçar, foi, durante muitos anos, o sonho mais perseguido por Rosângela. Desde a infância, não conseguiu provar, de verdade, o significado da segurança familiar e tudo o que ela pode oferecer, crucial para o desenvolvimento de qualquer pessoa.

Tentou, de todas as formas, se reerguer com a força do trabalho. Construiu uma casa em outro bairro de Manaus, doado por uma vizinha da prima do marido. Conta que abriu um pequeno comércio local, para vender pães, refrigerantes e alimentos diversificados. Mas, as mudanças ainda demorariam a acontecer.

Esse filho não é meu

Os olhos de Rosângela seguem firmes, como se olhasse fixamente nos meus através da câmera. Enquanto fala que era uma dona de casa completamente entregue às atividades que envolviam sua família, suas expressões demonstram como é mergulhar em lembranças tão pungentes como as que revela.

Tomado por uma dúvida que nasceu a partir de conversa com amigos, o então esposo passou a questionar a paternidade de Alexsandro, quando o garoto tinha apenas 1 ano. Rosângela, sentindo-se desrespeitada e mesmo usando todos os argumen-

SIGNIFICADOS

tos possíveis para provar que naquela relação não havia espaço para relacionamentos paralelos, passou a enfrentar uma rotina de maus-tratos e humilhações. O confrontou com um pedido de teste de DNA, que nunca aconteceu. Após três anos de um relacionamento conturbado, o homem voltou atrás nas declarações e resolveu “assumir” novamente a ideia de paternidade e pediu perdão pelas declarações que fez durante todo aquele tempo.

Uma forte chuva abateu o local onde moravam e, mais uma vez, precisaram planejar com urgência uma mudança de residência. O alagamento provocado pela tempestade, cuja data Rosângela não se recorda, gerou estragos sem precedentes e o terreno precisou ser vendido. Rosângela e a família se deslocaram para um outro lugar, um pequeno “pedaço de terra”, como chama, oferecido por sua mãe adotiva. Como em uma viagem ao passado, os confrontos vividos quando pequena retornaram. O pai de criação os expulsou, por medo de que eles tomassem de vez o lugar.

Com tantas mudanças e ausência de estabilidade, o relacionamento também caminhava para uma derrocada iminente. A gota d’água - em um oceano de problemas - aconteceu em uma festividade preparada pela família. Enquanto Rosângela prepara as carnes e os peixes para o churrasco, além de servir o marido e o amigo que foi visitá-los em um final de semana, as crianças brincavam e tudo corria muito bem. Regada a bebidas alcoólicas, o homem que visitava a casa ficou embriagado. As palavras que

ecoaram pela casa naquele momento eram as mesmas que vizinhos e pessoas próximas usavam para alertar Rosângela. Segundo ela, a desconfiança de uma possível traição, confirmada pelo amigo, ganhou mais força com o tempo. A confraternização deu lugar a uma briga e ao rompimento de uma amizade.

As desculpas para passar mais tempo fora de casa ficaram cada vez mais frequentes. No *réveillon* daquele ano, o marido disse que precisaria trabalhar e que haveria uma reunião para confraternizar e comemorar a virada na própria empresa. Retornou para a casa dois dias depois. A confirmação do que temia veio através de um taxista, que bateu à porta de Rosângela cobrando o valor de uma diária de motel. Sem entender, questionou, já que não sabia e não havia saído com o esposo recentemente. Ele disse que o homem visitou o local, acompanhado de uma mulher, e que combinou de acertar o pagamento dias depois, o que não aconteceu. Furiosa, passou o endereço de trabalho do esposo e encerrou o assunto.

Será que vai dar certo?

Em busca de mais independência financeira, diante de um casamento acabado, a mulher decidiu vender churrasco em frente a sua casa, a fim de conseguir recursos para continuar cuidando dos filhos, agora sem ajuda. A insegurança se fez muito presente, já que desde o início do relacionamento parou de tra-

balhar para se dedicar exclusivamente à casa e à família. De pouco em pouco, aumentou a variedade com vendas de peixes, bolos e maçã do amor, os dois últimos feitos sob encomenda por uma vizinha. Ao passo que começava a se reinventar, o marido a deixava para trás, e ambos decidiram caminhar por vias separadas.

Uma outra moradora da região ofereceu à Rosângela uma oportunidade de trabalho, novamente como empregada doméstica e assim, conciliou a rotina do novo emprego com as vendas de churrasco aos finais de semana, para complementar a renda. Uma outra amiga do bairro se ofereceu para cuidar das crianças, enquanto ela trabalhava e, com uma rede de apoio voluntária, passou a ser responsável pelo próprio sustento. Dias mais tarde, mais uma proposta: foi convidada a fazer parte da equipe de uma companhia de serviços gerais, a conquista da sua primeira assinatura da Carteira de Trabalho e Previdência Social.

Mesmo com uma nova fonte de renda, não havia facilidades. Rosângela pontua que a demanda das crianças, o salário mais baixo, tentativas de invasão na casa, moradia feita de compensados eram alguns dos problemas. Com o aperto financeiro e degradação do local onde viviam, comprou um quarto em outro bairro, estilo quitinete, e o tio, por parte da família de criação, ajudou na ampliação do cômodo. Nessa fase, recorreu a algo que, apesar de não querer, julgou ser o melhor para garantir um futuro diferente ao filho mais novo: chamou o pai da criança para

CAPÍTULO 4

uma conversa e decidiram que o pequeno Aleksandro passaria a morar com ele. Era o momento de fazer valer a responsabilidade paterna, muitas vezes negligenciada em casos de separação.

Atualmente, o garoto é jogador de futebol em Manaus, frequenta uma igreja e toca vários instrumentos musicais e permanece matriculado na escola. Rosângela também não revelou a idade do caçula, mas sabe-se que é menor de idade. O mais velho, Bruno, tem 25 anos. Com tantos desafios desde o nascimento, o jovem começou a ter alguns problemas de convivência. Indagações sobre a importância e o lugar que ele ocupava na vida da mãe eram constantes. Outra barreira que Rosângela precisou transpassar e vencer para fortalecer os laços de sua família.

Entre 2015 e 2016, Rosângela vivia uma fase de solteirice opcional, a vantagem de não precisar prestar contas a ninguém. Até que, pela internet, conheceu um rapaz com quem passou a se envolver. Com seis meses de relacionamento, percebeu que aquele relacionamento não daria certo. As características não eram compatíveis, o alcoolismo era um dos problemas e o homem não trabalhava. Com receio de embarcar em algo que logo estaria à deriva, afirma que decidiu romper com o vínculo antes que ficasse ainda mais complicado. Rosângela, como em alguns momentos abordados nesse livro, não sabe dizer com precisão a cronologia dos acontecimentos. Mas lembra que, ao tomar a decisão do término, resolveu sair com o futuro ex-parceiro pela

última vez. Decisão que lhe custaria um braço quebrado, internação e dores crônicas.

Os dois foram para um bar, onde aproveitaram a noite com muita conversa e algumas bebidas. No retorno, Rosângela sofreu uma queda e, apesar de não lembrar com clareza, a motivação pode ter sido causada pela tontura resultante do álcool. Caiu em cima do braço e foi levada às pressas para a emergência do hospital e pronto-socorro Doutor Aristóteles Platão Bezerra de Araújo, em Jorge Teixeira, zona leste de Manaus, onde ficou internada por um mês.

Durante esse período, com poucas visitas feitas pelo filho - que ainda enfrentava uma fase mais difícil, e o término com o namorado, começou a dar sinais de uma tristeza profunda causada pela sensação de solidão. A comida do hospital já não agravava, passou a comer cada vez menos e emagrecer cada vez mais. Para se distrair, ou buscar um amigo, como comenta, baixou um aplicativo de relacionamentos e dias depois, para a sua surpresa, já que estava na cama de um hospital, uma notificação apareceu na tela de seu celular: deu *match*! No diálogo, segundo ela, havia a insistência de um encontro:

– Eu gostaria muito de te ver. - escreveu o pretendente.

– Rapaz, eu estou em um hospital! - responde Rosângela, ainda com certa timidez.

– O que houve, você está acompanhando alguém?

CAPÍTULO 4

– Não, a doente sou eu mesma! Doente não, né? Eu só quebrei o braço!

Rosângela, que abre sorrisos tímidos nesse momento, fala que tentou, de todas as maneiras, evitar um encontro. O que não aconteceu, já que cedeu às investidas do rapaz. Era um domingo de manhã, enquanto assistia à missa na capela do hospital, quando viu o futuro marido pela primeira vez, de quem também não revela o nome. Narra que viu aquele homem de magra silhueta e bem bonito, como também era na foto, e não acreditou que finalmente o conheceria pessoalmente após tantas conversas e palavras compartilhadas. Conversaram muito durante aquele dia e mesmo tomada por complexos físicos, já que estava muito magra e se achava parecida com a “a noiva cadáver”, conseguiu aproveitar aquele que seria o primeiro momento de muitos.

Ainda aguardando a transferência de hospital para conseguir fazer a cirurgia no braço, que endurecia cada vez mais, resolveu conversar diretamente com a assistente social do Platão Araújo. Um amigo de longa data ficou responsável por acompanhá-la durante a mudança. Ao chegar e se instalar no hospital seguinte, sentiu o vazio e a tristeza se agravarem. Começou um acompanhamento psicológico para lidar com a situação e chorava copiosamente em todas as sessões, pedindo para ir embora. O namorado a visitava com regularidade, o que, segundo ela, ajudava muito na recuperação.

SIGNIFICADOS

A tão esperada data da cirurgia chega e deixa todos muito apreensivos. O companheiro, que já havia perdido uma esposa grávida em função de uma eclampsia, estava particularmente assustado. A situação, de fato, não era a das melhores. O braço direito de Rosângela encolheu com o tempo de espera e os nervos já estavam muito lesionados e embolados entre si. Durante os exames pré-operatórios, um verdadeiro sofrimento: conta que urrava de dor ao precisar esticar o braço para conseguir um diagnóstico por imagem, o famoso raio X ou como dizem os mais velhos, “exame de tirar uma chapa”. Saiu da sala de cirurgia depois de três horas, com 13 pontos no braço. Ficou em observação por mais um dia, até a alta definitiva. Para conseguir se recuperar, ficou por 17 dias na casa de sua irmã, Regina, até a retirada da costura. Ao retornar para casa, tentou por várias vezes agendar fisioterapias em hospitais públicos da cidade, sem sucesso. Temendo não ter mais a mesma agilidade com o braço, decidiu baixar da plataforma *YouTube*, um vídeo para aprender a se exercitar com segurança. Mesmo depois de alguns anos, Rosângela ainda sente dores, principalmente em dias chuvosos.

Significados da liberdade

Por outro lado, o namoro seguiu firme. Como sempre, a vontade de formar uma família e construir um relacionamento sem medo falou mais alto. Rosângela conta que, com o tempo,

CAPÍTULO 4

passou a questioná-lo sobre o namoro sem perspectiva de futuro ou compromisso mais sério. A proposta do rapaz, por sua vez, foi morar com seus pais até que pudessem ter uma casa. Morar com sogros não estava nos planos, mas como se mostrava algo provisório, resolveram tentar. Apesar da boa relação com a mãe do namorado, a decisão não parecia a mais acertada, principalmente com as declarações veladas do sogro sobre o namoro que começou pela internet. Com o desejo - e a necessidade - de ter um lugar só seu, sentiu que também era hora de resgatar outra coisa que não pôde vivenciar na infância e adolescência:

– Amor, acho que é hora de eu voltar a estudar. - disse ao marido.

Entre seus 19 e 20 anos de idade, Rosângela chegou a ensaiar um retorno às salas de aula. Como não morava perto da escola, enfrentava todos os dias uma árdua caminhada, inclusive por vias perigosas ao lado de grandes caminhões. Conta que o retorno para a casa, por volta das 22 horas, era ainda pior. A distância e a falta de recursos para se deslocar de maneira mais segura até a escola, minou os sonhos, mais uma vez.

Já casada com o atual esposo, prestes a completar 41 anos, bateu o martelo na decisão. Os filhos crescidos, um marido que se mostrou companheiro: era o contexto que precisava para voltar, ou melhor, iniciar de vez um dos grandes planos que sempre estiveram guardados. Apesar de interromper a escolaridade na

fase inicial da alfabetização, na antiga 3ª série, aprendeu o básico da leitura e da escrita com a avó “adotiva”, como chama.

– Quando eu demonstrava preguiça, ficava de castigo, com os joelhos em cima de grãos de feijão ou caroços de farinha. - fala em meio a risadas.

A continuidade dos estudos veio em uma fase de luta por mais liberdade. A educação, como diz o título de uma das obras mais conhecidas do educador Paulo Freire, também é uma prática de liberdade²⁰. Aliada a isso, estava a luta por reconhecimento, após uma vida inteira de desejos privados pela ausência de condições básicas para o desenvolvimento. Muito longe de ser uma história clichê, a narrativa de Rosângela pode e deve, na verdade, ser considerada um quadro do que vivem muitas mulheres no Brasil.

Se de maneira mais ampla, a educação pode ser considerada um ponto chave no desenvolvimento das pessoas, quando se fala em educação e alfabetização de mulheres adultas, os significados são ainda mais abrangentes. Isso porque, ainda que a população brasileira seja composta por 51,8% de mulheres e 48,2% de homens, segundo a PNAD Contínua 2019, ainda que liderem o ranking do grau de instrução seja liderado por mulheres (na população com 25 anos ou mais, 15,1% dos homens tinham nível superior completo, contra 19,4% das mulheres. Já no nível

20 Educação Como Prática de Liberdade é uma obra singular do educador pernambucano Paulo Freire. Foi publicada pela primeira vez em 1967 e aponta caminhos para que a palavra seja um agente transformador do homem e da sociedade.

de ensino fundamental, 40,4% dos homens não tinham instrução, contra 37,1% das mulheres), elas são as que menos ocupam cargos importantes em diversas esferas.

Mesmo com esses resultados, é preciso enfrentar certa estrutura da sociedade que ainda prega um lugar feminino restrito e historicamente demarcado como mãe e dona de casa. A autora do livro “Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1980-1930” Margareth Rago²¹, que é historiadora e professora, fala sobre muitos temas que explicam alguns pontos do porquê a sociedade ainda pensa em algumas coisas tão ultrapassadas. Margareth fala sobre o adestramento das classes operárias, para mantê-las “na linha”, ou seja, para conseguir torná-las obedientes e produtivas, e também fala sobre o que chama de “colonização da mulher”. Durante a leitura, é possível notar vários exemplos de como a figura feminina era vista, bem como o seu papel na sociedade: mulher indefesa, mãe-sacrifício, criança-inocência (como explica na página 95 da obra), pessoa que não poderia ocupar os postos de trabalho junto ao proletariado, lugar onde acabaria em prostituição. Como

21 Margareth Rago é historiadora, professora titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da IFCH da Unicamp. O livro citado “Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista” faz uma análise histórica do que foram as batalhas travadas pelas classes operárias no início do século XX. As falas mais importantes para a abordagem dessa obra estão no capítulo II, intitulado de Colonização da Mulher. Você encontrará materiais muito ricos para entender a construção de uma figura feminina frágil e indefesa, defendida inclusive por especialistas da época, como os médicos, muito presentes no cotidiano das famílias ricas.

cita a historiadora, “a mulher ingênua pede socorro do militante masculino”. Ou seja, além de taxada como uma pobre criatura que não pode ou não tem condições físicas e intelectuais de se defender, deve sempre buscar um salvador, um homem que possa lhe ajudar. Essa é a única saída.

Com essa ideia concebida, mulheres foram historicamente afastadas de tudo o que pudesse auxiliar no pensamento, na construção crítica e ajudasse a sair dessa condição. O discurso corrobora para que a mulher seja conduzida a apenas um caminho possível: “o território da vida doméstica”. A leitura, que vale muito a pena, apresenta evidências para entendermos o tamanho desse desafio. Ser dona de casa ou cuidar dos filhos deve ser uma escolha possível e não algo compulsório, no mundo ideal. Existem muitas variáveis para exercer ou não essa condição, mas sabe-se também que o papel reservado à mulher deve ser aquele que ela decidir e a educação está no que deveria ser esse poder de escolha.

Apesar de serem maioria, tanto na quantidade geral quanto na instrução, apenas 37,4% dos cargos gerenciais eram ocupados por mulheres, em 2019. No mesmo ano, mulheres receberam 77,7% do rendimento dos homens. Essa desigualdade no trabalho aumenta nos grupos de cargos mais estratégicos, como os de diretores, gerentes, profissionais das ciências e intelectuais. Aqui, as mulheres chegaram a receber 61,9% do rendimento masculino. Mulheres também ocupam o menor lugar entre os

CAPÍTULO 4

professores do ensino superior. Segundo o Censo da Educação Superior do mesmo ano, apenas 46,8% do quadro de professores das instituições de ensino superior do país era composto por mulheres. Na análise de cargos eletivos, por exemplo, em 2020, 16% dos vereadores eleitos eram mulheres.

Esse conjunto de dados demonstra que, um dos percursos que mulheres buscam no enfrentamento dessas situações, ao serem colocadas como “minorias obrigadas” nos espaços, é o da educação, em diversos níveis. Por meio dela, mulheres que não tiveram acesso no tempo considerado adequado, buscam por libertação e encerramento de um ciclo, algo que lhe é de direito. Foi assim que, prestes a completar 41 anos, Rosângela matriculou-se em uma escola e retornou, com o apoio do marido, dos filhos e de alguns amigos. Outros diziam que ela já estava velha demais para estudar. Mas, diferente dos contextos de antes, agora ela poderia caminhar amparada pelos seus.

– Ele [o marido] comprou mochila, tênis, meias, caderno, lápis... tudo o que eu precisava. Eu ia para a escola como uma garotinha mesmo, toda arrumada. Eu gosto disso, eu sempre me arrumo para ir. E amo cor-de-rosa. Essa é a minha cor preferida!

Atualmente, cursa a Fase 5A da Educação de Jovens e Adultos, a reta final do processo de escolarização, na Escola Municipal Professor Agenor Ferreira Lima, localizada na zona leste de Manaus. Como Rosângela reside no bairro Nova Esperança,

na zona Oeste, se desloca por meio de ônibus, e leva de 1 hora a 1 hora e 30 minutos para chegar à instituição de ensino. O retorno das aulas presenciais aconteceu no final de agosto, mas Rosângela ainda não consegue ir diariamente como antes. Desempregada, conversou com a diretoria sobre sua situação e a vontade de concluir os estudos e foi autorizada a comparecer apenas uma vez por semana.

O desejo de estudar vai além da conquista daquilo que não pôde fazer durante a infância e adolescência. Ela conta que sonha em ser dona de um restaurante, porque ama cozinhar e pretende cursar gastronomia na faculdade. Mesmo durante a pandemia, acompanhou todas as atividades da escola com dedicação e se esforçou para conciliar as oito matérias da grade, como português, matemática, educação física, ciências, ensino religioso, entre outras. É perceptível como a voz ganha um tom de satisfação ao explicar que, apesar de não ser muito dedicada à leitura, ama escrever. Gosta de deixar o caderno todo organizado, passar as matérias a limpo e anotar tudo o que pode.

– Eu fico muito feliz em escrever tudo o que quero, agora. Algo que não tive oportunidade lá atrás. Sou apaixonada por escrever. Ah, e também me sinto muito bem em terminar os estudos. Ainda não me formei por essas barreiras todas da minha vida, mas mesmo assim, sou muito feliz por terminar a [o ciclo na] EJA.

Galeria de Fotos



Rosângela conta que gosta muito desta foto, porque ela expressa sua dedicação aos estudos. Fala que se produziu, e posicionou-se como de costume. Mostra, muito feliz, o caderno organizado.

Rosângela fala que não tem fotos atuais com os filhos, mas ambos estão representados em cada detalhe de sua história.

(Foto: Arquivo Pessoal)

Capítulo 5

Pluralidades

Era sexta-feira, 17 de setembro, quando tivemos contato pela primeira vez. Bárbara mostra que, de fato, a vida é feita de pluralidades e apesar de alguns caminhos confluírem neste livro, nada é tão homogêneo que possa ser resumido a uma única forma de ser, uma única realidade. De cabelos curtos e grisalhos, com traços marcantes e munida de muita consciência sobre os contextos que a levaram onde chegou, Bárbara Luíza Leão do Carmo, ou Bá, seu apelido de infância, mostra uma personalidade tão forte quanto a sua presença.



Filha de pais divorciados, Bárbara conta que viu a vida mudar radicalmente quando tinha apenas 12 anos. Uma decisão que não lhe competia transformou o rumo que sua história tomaria no futuro. Ela inicia a conversa com um termo interessante: “como mais uma na estatística”, antes de introduzir o assunto da separação e prova que sua ideia não é tão distante assim. Segundo dados do último censo do IBGE (realizado em 2010), a taxa de divórcio no Brasil é de 1,8 para cada 1 mil pessoas. Além disso, o Instituto aponta que existem cerca de 45 milhões de crianças e adolescentes, de 0 a 17 anos. O número de crianças, consideradas o público vulnerável à alienação parental é de 39 milhões, aproximadamente. De 2003 a

2010, o censo contabilizou 618.363 crianças e adolescentes (público menor de 18 anos) cujos pais são separados.

Quando isso aconteceu, em 1987, Bárbara e os dois irmãos mais novos ficaram sob a guarda paterna. Ela explica que a mãe saiu de casa e foi morar em outro estado, refazer a vida. As três crianças são naturais de Jequié, cidade do interior localizada no sudeste da Bahia, a 365 quilômetros de Salvador. Após o divórcio dos pais, as crianças passaram a morar com o pai na capital do estado, mas em um curto espaço de tempo, perceberam mudanças ainda mais radicais.

Em um dos períodos de férias, no mesmo ano da separação, os filhos foram levados para a casa da avó materna, no mesmo município onde nasceram. Com o passar dos dias e meses, perceberam que o recesso passou a ser mais do que isso. Parecia eterno. Isso porque aquilo que era para ser apenas algumas semanas de curtição, transformou-se em dois anos. As duas meninas e o garoto não foram levados para a casa da avó de maneira temporária, como prometido, mas para morar com ela, com a diferença de que não foram avisados da brusca mudança.

– É difícil falar essas coisas, viu, Gabriela? Eu não me sinto desconfortável, mas é difícil. Mas, é necessário, porque eu sei que isso faz parte de onde você quer chegar. Faz parte disso.

E Bárbara tem toda a razão. O histórico, as experiências, as vivências de uma pessoa desembocam diretamente nas oportu-

nidades e possibilidades que serão abertas e desbravadas durante toda a vida. Seu caso, em particular, tem muito a dizer sobre isso. Um artigo escrito pela psicóloga e consultora educacional Rosely Sayão, no site do jornal O Estado de S. Paulo, na editoria .Edu, intitulado “Filhos de pais separados”²² conta um pouco sobre as consequências da decisão no futuro dos filhos e explica que os pais são o primeiro grupo ao qual a criança pertence, ou seja, a família. Quando isso se rompe, esse grupo que oferecia segurança e bem-estar é desconstruído. A adaptação pode ser muito complicada, mas tudo também dependerá do jeito que o processo é feito.

Bárbara Luiza conta que todos permaneceram estudando em uma escola próxima de onde moravam, cujo nome não se lembra. O incentivo dos pais era muito maior quando estavam juntos, unidos como casal. Depois dessa metamorfose na estrutura familiar, tudo diminuiu, desde o poder financeiro que tinham até a convivência mais harmoniosa. Os avós, que também já eram muito idosos, não conseguiam acompanhar as crianças no desempenho escolar. “Estudamos do jeito que deu, digamos assim”, conclui.

Hoje, ela avalia tudo isso sob uma outra ótica e narra, com muita certeza, que seu pai não enfrentou somente a falta de di-

22 Além de psicóloga e consultora educacional, Rosely Sayão é colunista do Estadão e da Rádio BandNews FM. Tem mais de 30 anos de experiência em clínica, docência e supervisão. É autora de três obras: “Em Defesa da Escola” (2004), “Família: modos de usar” (2006) e “Família e educação: Quatro olhares” (2013). Você pode conferir o artigo em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,filhos-de-pais-separados,70003850999>

nheiro para ajudá-los na escola, mas também uma total falta de condição emocional e psicológica para cuidar, sozinho, de três crianças. A atual relação com os pais não é tão próxima, mas ela mantém um relacionamento respeitoso. Afirma que, com a mãe mantém algum contato, ainda que distante. Já com o pai, não há nenhum contato e, segundo ela, por opção dele.

Quando retornaram da casa dos avós para Salvador, Bárbara e seus irmãos finalmente passaram a morar com o pai de maneira definitiva. Mas, mais um desafio seria somado à lista dos adolescentes: o pai passou a se relacionar com uma mulher, com quem é casado até hoje. A madrasta também trazia consigo bagagens de um relacionamento anterior e três filhas, com quem as crianças dividiram a casa tempos depois. Ao todo, seis adolescentes formavam o time de filhos e enteados.

Bárbara, que desde o 1º ano do ensino fundamental estudou em escola particular, teve uma base educacional que julga ter sido de muita qualidade e que fez toda a diferença na forma como passou a apreender o conhecimento. De fato, é uma mulher que se expressa muito bem, com muita firmeza e que até faz questão de incluir dados em suas afirmações. O que a garota Bárbara, de 14 anos, não esperava é uma ruptura indesejada e a falta completa de estímulo para permanecer nesse mesmo caminho, afirma. No ano em que voltou a morar com pai, cursava a antiga 8ª série no Colégio Caxiense Pero Vaz, no bairro Liberdade, e chegou ao primeiro ano do ensino médio, em 1989.

CAPÍTULO 5

A partir disso, tudo mudou. O pai e a madrasta passaram a enfrentar problemas econômicos mais sérios e tornou-se impossível manter seis adolescentes em um colégio particular, arcando com mensalidades, uniformes, materiais didáticos e outros custos variáveis, naturais do processo de escolarização, ainda mais em redes privadas de ensino, cujos custos costumam dobrar. A primeira providência que vem à mente de qualquer pessoa, ao se colocar no lugar dos adultos da família, como reflete Bárbara, é: “vamos em busca de uma escola pública com alguma qualidade”. Mas, não foi o que aconteceu.

– Saímos da escola porque não tinha mais o recurso. Mas, também faltou a predisposição do meu pai de buscar uma escola do governo. Não teve interesse. Até porque, nós, adolescentes, não entendíamos isso com muito discernimento. Isso tinha que vir do pai, da madrasta, é claro. Não tivemos esse suporte, não procuraram uma escola para a gente. E nós fomos indo, assim. “Deixa a vida me levar”. É isso.

Os pais de Bárbara completaram o ensino médio, à época, o colegial, ou seja, tinham o ciclo básico da instrução concluído. Dos avós maternos, sabe afirmar que a avó se alfabetizou já idosa e o avô, naquele tempo, já havia morrido. Já do lado paterno, o contato durante a vida foi muito pouco, insuficiente para ter essas informações. O que se sabe é que eram naturais de Ala-

goinhas, município que fica no agreste da Bahia, a cerca de 120 quilômetros de Salvador.

Diferente da maioria dos contextos que cercam a alfabetização ou educação de jovens e adultos, a vida escolar de Bárbara não parecia caminhar para um desfecho complexo. Durante todo o percurso voltado à escola, teve acesso à educação básica de qualidade e acima da média. Segundo o que conta, foi uma ótima aluna, aplicada e estudiosa. Aproveitou todas as séries por onde passou, sempre tirava boas notas. A ausência de um pulso firme, que se importasse com a educação tanto quanto ela e os irmãos, foi determinante para uma interrupção compulsória dos estudos.

Enquanto conversamos, Bárbara se deita em seu sofá e, muitas vezes, desvia o olhar e sorri ao lembrar de certos acontecimentos, talvez para disfarçar a marca que eles ainda insistem em deixar. Ela faz questão de lembrar que eles não tinham uma vida confortável, mas nunca precisaram enfrentar a escassez de comida no prato. Além de não conseguir concluir o ensino médio, o que reverbera mesmo em suas palavras é a decepção de saber que o pai não se importou com as consequências que aquilo teria em seu futuro, e também no de seus dois irmãos biológicos.

Aos 22 anos, decidiu que era hora de deixar a casa do pai e, junto de sua irmã, cuja idade marcava a casa dos 16 ou 17 anos, foram morar na casa de uma colega. Narra que a escolha foi baseada em uma convivência que já não se sustentava. Muitos con-

flitos não só com a figura paterna, mas com a madrasta, desgastaram a relação. A falta de cuidado ou atenção com os próprios filhos também foi um dos motivos, segundo Bárbara. Enquanto os três irmãos tiveram mais dificuldades em encontrar oportunidades em função do rompimento escolar, as três filhas da esposa de seu pai não só concluíram o ensino médio como também chegaram ao ensino superior, em boas faculdades, afirma. O sentimento que pode ser definido como uma certa tristeza, se baseia no papel fundamental que o homem teve em tudo isso.

As lembranças da época em que o pai e a mãe estavam juntos também não são as melhores. Ainda que a situação econômica fosse um pouco mais controlada, o relacionamento, definido por ela como abusivo, era extremamente doloroso de acompanhar. Agressões, físicas e verbais, eram constantes. Atualmente, o contato com os irmãos também não é dos mais ativos. Se visitam e se veem muito pouco.

– São todos traumatizados, também - justifica, com uma risada mais tímida.

Uma carga que não precisa ser repassada

Pedro, de 14 anos, é um típico adolescente (segundo a classificação do ECA, no Artigo 2 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1993, é adolescente todo aquele entre doze e dezoito anos) daqueles que amam um celular e ‘esquecem da vida’ quando estão submersos no

mundo das telas. A principal cobrança de sua mãe é justamente essa: precisa sair do smartphone e viver um pouco mais da realidade, inclusive - e principalmente - quando o tema é tarefa escolar.

Bárbara se considera uma mãe rígida e que cobra, de maneira insistente, mais atenção do filho para os assuntos relacionados à escola. Conta que sempre o aconselha sobre isso. “Eu sei que a gente não vai vencer neste país sem educação”. O discurso também é baseado em todas as suas vivências, porque o rompimento nos estudos e a falta de acompanhamento e perspectiva futura na mesma fase do filho, é uma carga que não deseja repassar ao garoto, que cursa atualmente a 8ª série, também em um colégio particular de Salvador.

A mulher narra que ele ainda não entende muito bem as cobranças, sempre fica contrariado “como quase todos os adolescentes, né?”. Ela diz não compreender também a mentalidade desta geração, pois parece que o “mundo está acabando” e eles estão com a cabeça no planeta Marte, uma analogia que usa para ilustrar a forma como os mais jovens não estão atentos aos acontecimentos ao redor.

– Seja a mínima coisa que a gente vá fazer, é preciso ter conhecimento. Até se for para bater um prego, precisamos estudar direitinho. Além disso, tem que estudar também por amor, mesmo as matérias mais chatas. Isso é o que eu tento passar para ele.

Ainda sobre a educação do filho, avalia que mesmo em uma escola privada, o conteúdo repassado tem sido fraquíssimo, o que a preocupa muito. Conta que a professora de educação artística pediu como ‘lição de casa’ a produção de um desenho de carro alegórico, como parte da aplicação do conteúdo sobre samba, o que a fez questionar “como isso o ajuda a se tornar uma pessoa crítica?”. É uma entusiasta das escolas públicas, mas lamenta os cortes na área da educação, o que impede o avanço da área.

Um estudo publicado em outubro de 2021, com o título de “Não é uma crise, é um projeto: os efeitos das Reformas do Estado entre 2016 e 2021 na educação”, feito pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação²³, lista uma série de ações que contribuíram para um desmonte da pasta. O documento mostra que desde 2015, o país vive um retrocesso no que diz respeito aos avanços sociais, conquistados arduamente durante décadas. Isso faz parte da criação de uma agenda que enfraquece políticas sociais somadas a recomendações internacionais, como o famoso Consenso de Washington, nome dado a um encontro ocorrido em 1989, nos

23 A Campanha Nacional Pelo Direito à Educação nasceu em 1999 e é fruto de uma série de organizações da sociedade civil que participaria da Cúpula Mundial de Educação em Dakar (Senegal) no ano 2000. Atualmente, é considerada uma grandiosa articulação da área, com uma participação plural de várias entidades, que trabalha pela ampliação das políticas educacionais. O documento utilizado apresenta dados importantes e alarmantes sobre educação em diversos níveis, desde o aluno até o professor, diante de tantas reformas. As informações utilizadas foram retiradas do capítulo 1. Austeridade à brasileira: a interrupção dos avanços sociais nos últimos 5 anos. Você pode conferir o estudo completo em: <https://campanha.org.br/acervo>

Estados Unidos da América, para a criação de uma “bula” de premissas neoliberais que deveriam ser aplicadas na América Latina.

O relatório, que tem por título uma das frases mais famosas do antropólogo, historiador, escritor e sociólogo Darcy Ribeiro “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”, lista algumas medidas já implantadas e outras em andamento, que consideram riscos iminentes para a área: Reforma Trabalhista (Lei nº 13.467) aprovada em 2017, cortes como os levantados pela agenda de Teto de Gastos sociais (Emenda Constitucional 95, Emenda Constitucional 109) e PEC 13/2021. Apontam também a reforma tributária regressiva (PEC nº 110/2019, do Senado Federal e PEC nº 45/2019 da Câmara dos Deputados). Reforma administrativo e do serviço público, cujo documento afirma seguir “uma agenda econômica de liberalização e enfraquecimento”, ganhando força com a Proposta de Emenda à Constituição 32, ainda em tramitação.

A importância de saber essas informações se justifica por um motivo simples: todas as medidas atacam reduzindo direitos e a educação é, nesse caso, particularmente afetada por todas elas, de muitas formas. Por exemplo: a constante redução do orçamento causa impactos importantes, inclusive no acesso a esse direito. Em 2015, o orçamento da área girava em torno de R\$ 114,9 bilhões. Em 2021, a previsão orçamentária era de R\$ 70,6 bilhões, ou seja, redução de 38,6%, ainda de acordo com os dados do estudo.

CAPÍTULO 5

O contexto vivido dentro de casa é fundamental para o desenvolvimento, ela continua. Pergunto, então, o que ela acha que falta na educação dos adolescentes hoje e ela responde que acha uma questão complicada. Ela, separada, trabalhando fora, mesmo durante as fases de isolamento da pandemia e o filho em casa, sem supervisão durante as aulas on-line, não foi o mais adequado, também, para estimular o garoto a estudar.

Sabe que o quadro se repete com muitas outras mulheres, e isso também é algo que conta no momento da formação escolar. Conta que, apesar de alguma presença do pai, se considera mãe solo, principalmente quando o assunto em pauta é justamente esse: a escola. O pai de Pedro não trata com a mesma firmeza a assistência para esse desenvolvimento, segundo ela. Em uma rotina exaustiva, Bárbara dá conta dos serviços de casa, do trabalho e volta a atenção para saber como andam as aulas do garoto.

– Estou no meu trabalho e, às vezes, na pausa, já ligo para Pedro, para saber se fez o dever. E se ele responde que sim, eu quero que ele me mostre.

Ela mesmo admite ser muito cansativo, mas necessário. Aquilo que não viveu durante a infância e adolescência, faz questão que Pedro tenha: o incentivo, o estímulo e a supervisão. Atualmente, compartilha a guarda do herdeiro com o ex-marido que, segundo ela, poderia ser mais próximo do filho. O distanciamento dos dois, agravado pela pandemia, é um fator

de preocupação para a mãe. Por isso, além de realizar as multatarefas a que se propõe, ainda aconselha o pai do garoto que aproveite as oportunidades, antes que a vida se imponha com um afastamento definitivo, o que ela jamais desejaria, sabendo do que significa.

– Gabriela, coloque aí que é importante. O motivo que me fez voltar a estudar também foi.

Em 2015, Bárbara passou por um choque. Depois de 11 anos de casamento - ou “ajuntamento”, como chama - o relacionamento chegou ao fim. Na época, não trabalhava e algumas incertezas, naturais de um momento de ruptura, passaram a crescer. Para conseguir pagar as contas e manter o filho, então com 8 anos de idade, passou a aplicar reforço escolar para crianças do bairro, de idades variadas. As disciplinas abordadas também eram as mais diversas, de língua portuguesa a geografia, história, matemática, entre outras.

Ao mesmo tempo que ensinava às outras crianças os fundamentos da matéria escolhida, conta que ajudava o filho com as obrigações escolares. Pedro se juntava à mesa do reforço e acompanhava o trabalho de sua mãe. Mesmo sem a conclusão do ensino médio, conseguia se atualizar e administrar as matérias com muita tranquilidade. Novamente, endossa o que contou durante todos esses meses de contato: a boa base educacional, embora acompanhada de uma interrupção, lhe proporcionou

uma aprendizagem muito satisfatória. Afirma que a escola onde cursou o 1º ano do ensino médio foi excelente. Relembra, entre risos, a professora de matemática, a quem chamada de “prô Angélica”, muito rígida e que adorava um teste surpresa.

Em sua avaliação pessoal, diz que as aulas e a qualidade do conteúdo aplicado durante seu tempo escolar são muito superiores ao que atualmente é aplicado nas escolas. A questão é que Bárbara valoriza tudo o que aprendeu “na época da escola” e, principalmente, o que viveu em seu retorno.

A rotina com o reforço escolar durou até 2017, quando mais um hiato profissional aconteceu. Um ano antes, em 2016, o conjunto da obra a fez repensar algumas escolhas: era hora de voltar à sala de aula e concluir um ciclo. Depois de viver tantas coisas boas e ruins, explica que sentia a necessidade de resolver essa situação de uma vez por todas.

Acabar para começar

– Sabe relacionamentos mal-acabados? Eu tinha essa sensação em mim. Eu sabia que se quisesse passar para uma outra etapa, deveria resolver essa pendência, entendeu?

A relação conturbada gerada pela forma como saiu da escola, produziu um sentimento que intitula como “a falta de alguma coisa”. Após a separação, sentiu que era o momento de pensar em si mesma também, afirma. Aos 41 anos, retornou à

escola por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para conclusão do ensino médio. Sem o menor espaço para dúvidas, relata que foi uma das maiores experiências da vida. E pelo sorriso nos olhos que surge ao tocar no assunto, é bem possível que tenha sido.

Em um dado momento, o sorriso largo dá lugar a uma fala mais séria, explicando que nunca lhe faltou vontade de voltar.

– Na verdade, Gabriela, eu sempre fui boa aluna. Sempre fui dedicada no que fazia. Eu só não tive um incentivo, aquilo que os pais devem fazer para os filhos. O que eu faço aqui: “já fez a lição? Não?! O que falta?”. “Cadê o questionário que era para fazer?”... E mesmo que meus pais tivessem sido assim, não precisaria tanta cobrança, porque eu realmente gostava de estudar. Eu só não tive aquilo que é obrigação dos pais, o acompanhamento.

Bárbara conta que, ao chegar na EJA, já em uma fase madura, com outra mentalidade sobre as próprias experiências e muita motivação para enfrentar essa fase, “foi só alegria!”. O estudo serviu como incentivo para se reerguer depois de algum tempo sem trabalho somado ao fim de um relacionamento de mais de uma década, além de ser uma oportunidade de mudança econômica, já que abria novas perspectivas de novos empregos.

Ela narra que, todos os dias, no início da tarde - por volta das 17 horas, se preparava, arrumava suas coisas e saía de casa às 18 horas para ir à aula. A Escola Estadual Colégio da Polícia

CAPÍTULO 5

Militar Dona Leonor Calmon fica em Jaguaripe, região de Cajazeiras, bairro onde mora há 18 anos. No início de 2020, alunos e professores da instituição fizeram um protesto contra a decisão de acabar com a Educação de Jovens e Adultos na unidade. Segundo informações do jornal *A Tarde*²⁴, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia informou que a medida foi tomada em razão da baixa demanda do ensino noturno e que as vagas seriam remanejadas para um colégio próximo. Algo muito presente na realidade dessa modalidade de ensino.

O caminho até a escola era feito a pé, com uma caminhada de 30 a 40 minutos. A aula começava às 19 horas, e terminava entre 20h30 e 21h30. Na volta para a casa, Bárbara tomava um ônibus, que encurtava o percurso em alguns minutos e garantia mais segurança. Conta que no meio do caminho encontrava as “coroas”, colegas de sala e todas voltavam conversando, o que tornava tudo melhor e mais divertido, segundo ela.

Engana-se os que pensam a EJA como algo composto de um único público. Existe uma diversidade muito grande de pessoas e motivos que as fizeram chegar até aquela sala de aula. Bárbara fala que encontrou mulheres em situações ainda mais delicadas, mas que estavam ali, empenhadas, firmes e fortes em busca de um objetivo que, na grande maioria das vezes, é perse-

24 A notícia está disponível no endereço: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2115767-alunos-e-professores-protestam-contrafim-de-aulas-noturnas-em-colegio-de-cajazeiras>

guido durante toda uma vida. E não só mulheres, como homens também, faz questão de salientar. Todos, como ela diz, com desejo de mudança.

– Nós precisamos empoderar esses homens também - conclui, rindo.

No nordeste do Brasil

Bárbara nasceu na região administrativa do Brasil com o maior número de estados e o território de colonização mais antigo do país, o Nordeste. A região é composta pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Segundo o IBGE, a área territorial atinge 1,5 milhão de km² ou 18% de todo o território brasileiro.

É desse espaço que também surgiram expoentes da educação, como o pernambucano Paulo Freire e o baiano Anísio Teixeira. Salvador, cidade para a qual Bárbara mudou ainda muito jovem, foi a primeira capital do Brasil, chamada à época de sua fundação, em 1549, de “São Salvador da Bahia de Todos os Santos”. Hoje, a capital baiana é a cidade mais populosa do Nordeste, com população estimada de 2.900.319 habitantes, segundo dados de 2021 do IBGE, com uma riqueza geográfica e cultural sem tamanho. O lugar é considerado um dos mais importantes pontos de valorização da cultura afro-brasileira.

CAPÍTULO 5

O Estado que tem Bárbara como uma de suas filhas é o que apresenta o maior número de matrículas, contabilizando todas as modalidades da EJA: 326.712, ainda segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica. Ainda que os números deem conta somente das matrículas, não detalhando itens fundamentais como estrutura das escolas, aprendizagem, carga horária, professores, entre outros, trata-se de um importante indicador de ofertas. Neste documento de 2021, a introdução desses dados é feita com um texto que explica de maneira cristalina o porquê devemos levar em consideração os resultados dessa investigação:

Historicamente, o Brasil gerou um grande contingente populacional que não conseguiu completar a escolaridade básica: 52,1 milhões de brasileiros não concluíram o Ensino Fundamental e outros 19,2 milhões possuem o Ensino Médio incompleto. Por isso, é importante que o País consiga expandir a oferta de programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ainda segundo o Anuário, dessa vez de 2020, o panorama da educação em Salvador mostra os pontos de atenção da educação para pensar políticas que mitiguem atrasos. Por exemplo: no Ensino Fundamental, 98,2% das crianças e jovens de 6 a 14 anos são atendidas por toda a rede de ensino da cidade, seja pública ou particular. Nos anos iniciais, existe uma defasagem de 24,1% em relação à idade e à série em que aquele aluno está inserido, ou seja, são crianças e jovens com idade acima da recomendada para

PLURALIDADES

a etapa, com diferença de dois anos ou mais. Isso aumenta para 48,3% nos anos finais do Ensino Fundamental.

Já no Ensino Médio, 66,7% dos jovens de 15 a 17 anos são atendidos pela rede de ensino. A defasagem daqueles que não estão com a idade adequada para o ano (série) que cursam é de 51,7%. O aprendizado dos alunos da rede pública, em Língua Portuguesa, nessa fase atinge 16,8%, e de Matemática, 2,0%. De cada 100 estudantes que ingressam na escola, 68 concluem o Ensino Médio aos 19 anos, em Salvador.

Nos demais estados do Nordeste, os números permanecem próximos: No Maranhão, a cada 100 estudantes nas mesmas condições citadas anteriormente, 58 concluem o Ensino Médio aos 19 anos. No Piauí, 60 deles concluem. No Ceará e Pernambuco, o mesmo número de Salvador, 68 estudantes conseguem encerrar o ciclo final da educação básica. O Rio Grande do Norte chega a 51 alunos concluintes dessa fase, Paraíba apresenta o número de 56 estudantes e Sergipe atinge o número de 50 alunos que saem com o diploma do Ensino Médio nas mãos. Em último lugar está Alagoas, com 47 estudantes, entre 100, que concluem a etapa aos 19 anos.

Bárbara concluiu o ensino médio por meio da EJA em 2018, com direito a formatura e a uma festa de comemoração muito bonita, em múltiplos sentidos. Tudo completo, como enfatiza, com direito à beca - famoso traje acadêmico - e DJ.

CAPÍTULO 5

– Aquele momento teve um peso enorme, era como se estivéssemos concluindo a faculdade, viu? Foi lindo, eu tenho essa foto e vou te mandar! E por sinal, modéstia à parte, eu estava muito bonita! Tinha muita coroa bonita. Tinham muitos jovens, mas os “coroas” [adjetivo que usa para se referir às senhoras e os senhores da turma] roubaram a cena!

Em 2019, começou a trabalhar com atendimento ao cliente em uma assistência técnica de equipamentos diversos, que conta com 42 colaboradores. Essa porta, afirma, foi aberta graças à escolarização, o encerramento do ciclo. Garante que não é o emprego que julgaria ser dos sonhos, mas dá a ela e ao filho a chance de viver com dignidade, com aquilo que todos deveriam ter acesso: moradia, alimentação, educação, assistência médica...o suporte necessário para manutenção da vida. Nesse mesmo ano, conta que Pedro reprovou na escola. A conquista de um trabalho remunerado contrastou com a falta de tempo para permanecer com o acompanhamento escolar diário que fazia com o filho, o que foi sentido fortemente por ambos.

Antes disso, chegou a exercer funções em empresas menores, que não exigiam o diploma. Afirma que sempre quis dar um passo adiante, mas que por insegurança ou por decretar que não seria chamada, não chegava a tentar. Usa a palavra “acomodação” para explicar que as vivências da adolescência reverbera-

vam muito nesses momentos e que a falta de incentivo dos pais a perseguiu durante muito tempo.

Quando decidiu pelo retorno à sala de aula, recebeu o apoio de muitos amigos, inclusive do filho, na época com 9 anos. Apesar de muito jovem, a criança associou muito bem a nova rotina da mãe. Durante o período, explica que os professores foram os maiores incentivadores, essencial para que todos continuassem firmes no objetivo.

Os planos para o futuro incluem a faculdade de psicologia, algo que parece ser intrínseco a ela. Conta que, de uns anos para cá, tem percebido uma curiosidade muito aguçada para a profissão. Por exemplo: durante algumas conversas, por mais despreziosas que sejam, está sempre analisando o comportamento do interlocutor.

– Eu penso: “que coisa feia, tenho que parar com isso!” Mas é porque tenho muita vontade de entender esse “eu”, a alma de cada um.

Fala também sobre como as relações atuais estão “líquidas”, lembrando o conceito criado pelo Zygmunt Bauman, sociólogo e professor polonês, que reflete sobre sociedade do consumo, relacionamentos, política, vida e o tempo. Com isso, o que mais deseja para si e para o filho é solidez, em todos os aspectos. Conta que, na igreja que frequenta, chamada Igreja Evangélica Jesus Cristo é o Caminho - conhecida pela sigla IEMJECC e locali-

CAPÍTULO 5

zada a, mais ou menos, 50 metros de sua casa - também fala para as frequentadoras sobre a importância dos estudos, sobretudo na vida das mulheres. Às vezes, nota uma pessoa ou outra com dificuldade em ler a Bíblia, e se utiliza dessas oportunidades para mostrar que existem caminhos possíveis para expandir o conhecimento. Como ela própria diz “mostrar que atrás da montanha, também há vida”. Essa vida que ressurge a partir da educação também é ideia muito presente nas falas de todas as mulheres envolvidas neste projeto. Dona Ilza, nascida no interior do Rio Grande do Sul, é uma dessas pessoas, de quem falaremos mais a seguir.

No final de uma das nossas conversas, invertem-se os papéis e ela é que pergunta. Questiona a motivação deste trabalho ou escolha do tema. Conto que, além de ressaltar a importância da educação e da alfabetização de adultos com o recorte de mulheres, que tem uma carga histórica diferenciada, escolhi falar sobre ele por ter acompanhado o mesmo processo com a minha mãe, falecida há 12 anos em decorrência de um câncer de mama metastático. Historicamente marginalizada, a EJA necessita de espaços e vozes que mostrem sua importância. Daí a essência do livro.

Galeria de Fotos



Bárbara e o filho Pedro, na formatura de conclusão do Ensino Médio por meio da EJA. “Um dia de muito orgulho para nós”, conta. (Fotos: arquivo pessoal).



Capítulo 6

40 minutos para salvar o mundo

Segundo professores que atuam na EJA, o tempo médio de uma aula na modalidade é de 40 minutos. Nesse tempo, cabe um mundo inteiro de acontecimentos e possibilidades. São muitos objetivos, vontades, sonhos e desafios a serem transpostos em apenas 2400 segundos. Aos mestres, parece reservada a carga de mudar o universo em um curto período, inseridos em um sistema que, definitivamente, não está ao lado do professor.

A professora Verônica Kollar, conta ainda que, apesar de ser um trabalho muito gratificante, é preciso lidar com questões muito complexas nessa experiência, como a própria autoestima do aluno que chega ao EJA, e outras coisas que estão além das forças do docente. O peso de salvar o mundo não pode ser colocado na conta dos professores. É preciso uma estrutura conjunta para que a educação como um todo avance no Brasil. “Você faz, trabalha e se esforça, mas você tem um limite que é da estrutura social”, pontua.

Salvar o mundo não deve ser papel do professor. Muito pelo contrário. Ele deve ser um instrumento junto a milhares de outras ações que, atualmente, parecem negligenciadas, principalmente pelo poder público brasileiro. Como diz a frase “nem herói, nem culpado, professor tem que ser valorizado”, o mestre deve receber o apoio necessário para que possa conduzir uma transformação gradual da sociedade por meio da educação.

Apesar de ser um desejo comum, o país pouco investe na garantia de direitos e valorização dessa profissão. Segundo o relatório *Education at a Glance* de 2021, produzido pela OCDE, os professores dos anos finais do ensino fundamental recebem o menor salário inicial, de US\$ 13,9 mil anuais, em comparação aos outros 40 países analisados, cuja média salarial é de US\$ 35,6 mil. Outro dado importante diz respeito ao PNE, o Plano Nacional de Educação já citado neste livro. A meta 18 do Plano fala

em “assegurar, no prazo de 2 (dois) anos - ou seja, meta para até 2016 - a existência de planos de Carreira para os (as) profissionais da educação básica e superior pública de todos os sistemas de ensino e tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal”. Atualmente, apenas 52% dos estados e 24% dos municípios atendem aos requisitos propostos. Além disso, muitos profissionais falam em contratação sem vínculo, por meio de contratos. Ou seja, não são incluídos nos planos de carreira e veem a diminuição dos cargos concursados.

Ainda não é possível salvar a educação brasileira em 40 minutos diários. Mas, mesmo assim, professores e outros profissionais seguem tentando reverter certos diagnósticos da área. Existem algumas ações públicas de excelência, mesmo ocupando espaço de minoria. Uma delas é o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores, o CMET Paulo Freire, localizado no bairro de Santana, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O Centro é uma escola municipal voltada à Educação de Jovens e Adultos, considerada referência na capital. O lugar é um berço de histórias inspiradoras, como a de Leandro de Oliveira Maximiano, que passou de ex-morador de um abrigo da região para professor na instituição e contou a experiência em uma reportagem para

CAPÍTULO 6

o portal GaúchaZH, em 2019.²⁵ O CMET também é a casa de Ilza Bueno, que realizou o sonho de ler e escrever aos 76 anos.



– Ah, se eu pudesse estar ali! - suspira.

Dona Ilza, como se tornou comum chamá-la durante os três meses de contato, solta essa frase ao contar que, durante a infância, olhava as outras crianças a caminho da escola e sentia muita vontade de ocupar aquele lugar, ser uma delas. Natural de São Lourenço do Sul, município localizado a 195 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul, morava em uma região de co-

25 Você pode conferir a reportagem no site gauchazh.com.br ou pelo link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/11/ex-morador-de-abrigo-vira-professor-de-escola-onde-aprendeu-a-ser-barbeiro-ck2pgrf43002l01o0hq9aoglz.html>

lônias e fazendas muito distante das escolas existentes na região. Sem qualquer transporte ou veículo da família que pudesse fazer o deslocamento, restava apenas a admiração aos pequenos alunos, de idades semelhantes à sua, passando pela rua de vilas próximas e trajados com os uniformes, despertando, desde cedo, um desejo que a acompanhou por muitos anos.

– Passavam meninas com saias azul marinho, blusinhas brancas, botas... roupinhas de escola, mesmo. E os meninos também, com gravatinha borboleta e camisa branca, calça azul marinho, a coisa mais linda.

Os pais, analfabetos, não tinham plena consciência da importância de estudar e, com 10 filhos para criar, era muito difícil priorizar a escola ao invés do trabalho. No total, foram 12 filhos, mas dois morreram antes do nascimento de dona Ilza, em 08 de julho de 1945. O casal de agricultores cuidava de plantações diversas, como de cebola, batata, milho, soja e aipim com ajuda das crianças. Ilza começou a trabalhar ainda muito cedo, com 5 anos. Ajudava na criação de vacas, porcos, ovelhas e cavalos. Conta que tinha - e ainda tem - muito medo de locais de mata, principalmente, pelo pavor de encontrar serpentes. Enquanto exercia as funções delegadas pelos pais, pensava: “quando eu crescer, vou embora com certeza! Vou para outra cidade. Não sei como, mas vou”.

CAPÍTULO 6

Naquele período, Ilza pouco brincava e quando isso acontecia, tinha de improvisar brinquedos. Ela e seus irmãos não recebiam presentes, porque não havia dinheiro para essas coisas. Os recursos eram sempre voltados ao elementar: alimentação e roupas. O milho virava boneca. As laranjas, que se soltavam do pé de laranjeira, davam lugar a animaizinhos diversos. E, dessa forma, seis meninas e quatro meninos transformavam o fruto da terra em um particular mundo lúdico.

Muito empolgada com a entrevista, dona Ilza sorri o tempo todo. Responde às perguntas com um sorriso largo, aquele que costumamos chamar “de orelha a orelha”. Ela conta que esperou muito por isso, ficou ansiosa por dias desde que soube que participaria do projeto e contaria a sua história. Aliás, o que ela não sabe é que foi uma das fontes mais difíceis de conseguir durante o percurso de produção deste livro. Somente após muitas tentativas, a personagem cheia de carisma foi localizada e parecia ter sido indicada perfeitamente para a proposta.

Em um grupo colaborativo de *Facebook*, que reúne alunos e professores de EJA do Rio Grande do Sul, foi possível localizar uma série de pessoas. Por meio de mensagens *inbox*, algumas delas - logo depois dos primeiros contatos, indicaram locais interessantes para a busca. Uma deputada estadual comentou sobre o CMET Paulo Freire. Depois de algumas ligações frustradas, a tentativa de conversa por *direct* do Instagram deu certo. Valeska

Brum e Elmar Almeida, supervisores da escola, de prontidão, se moveram para buscar uma aluna que pudesse contribuir e retornaram com a indicação de Ilza Bueno. O motivo da escolha, disseram, é que ela é uma das estudantes mais dedicadas e felizes por estar lá. Passados alguns trâmites burocráticos, como a solicitação de autorização de entrevista junto a Secretaria Municipal de Educação de PoA, estávamos prontas para um primeiro encontro. A distância, mas ainda assim, um ótimo encontro.

Ilza conheceu Porto Alegre aos 15 anos, quando visitou uma de suas irmãs que já havia se instalado em uma região próxima da cidade. Retornou para a casa com o coração mais pulsante do que nunca. Cinco anos depois, aos 20, perguntou à irmã se podia morar com ela. Com a permissão concedida, tomou um ônibus e partiu para a “cidade grande”, como conta, para mudar os caminhos da história. Até hoje, mora no mesmo lugar: Sapucaia do Sul, região metropolitana da capital. Pouco tempo depois, começou a trabalhar para ajudar nas despesas da casa. O cunhado a ajudou na busca por emprego e tentou uma indicação na empresa em que estava. Sem escolaridade, não foi possível admiti-la, mas o padrão fez uma proposta: ofereceu o serviço de empregada doméstica em sua casa.

– Eu precisava muito trabalhar e aceitei. O lugar é bem próximo daqui, inclusive. O trabalho era de lavar, cozinhar, passar roupa e tudo para seis pessoas adultas. Eles eram legais comigo.

CAPÍTULO 6

Todos os dias, às 6h30, o café da manhã era servido por ela. O turno só acaba à noite, e ela também era responsável por outras refeições. Conforme o tempo passava, dona Ilza sentia cada vez mais a necessidade de tentar começar os estudos. Em certo momento, decidiu perguntar à patroa se poderiam flexibilizar o horário para que pudesse estudar no período noturno. Com medo de que a moça passasse a não dar conta do serviço, o resultado foi uma das muitas negativas que presenciaria a partir dali.

Anos mais tarde, ainda na década de 1960 e com 22 anos de idade, casou-se com Walney Bueno, seis anos mais velho. O homem também é natural da mesma cidade de nascimento de Ilza e, assim como ela, mudou-se para a região de Porto Alegre em busca de condições melhores de trabalho e de vida. Após o enlace, trabalhou por mais dois anos como empregada doméstica, até que os patrões conseguiram alguém para substituí-la: Walney já não queria mais que a esposa trabalhasse. Com um ano e seis meses de casamento, Ilza engravidou do primeiro filho, Marcelo. O pequeno ainda estava com oito meses, quando uma outra gestação foi descoberta, cujo fruto foi o segundo filho Celso. Os desafios aumentaram e o tempo disponível diminuiu. Seis anos depois, nasce Luciano, o caçula entre três homens.

Apesar de não ter trabalhado formalmente para viver em função do esposo e das crianças, ela conta que nunca deixou de trabalhar, de fato. Passou a produzir doces para vender, bolos,

côco ralado, tortas, fazer artesanatos, pinturas em toalhas, toalhas manuais, tapetes e crochê. Sempre ajudou a complementar a renda de Walney, principalmente no início da relação, quando pagavam aluguel ao passo que cuidava diariamente da casa e dos filhos.

– Trabalhei o dobro, na verdade, né? Porque nunca precisei de ninguém para me ajudar em casa, fiz tudo sozinha. Mas trabalhar é um remédio, uma vitamina para a gente!

Atualmente, Ilza tem três netas, um neto e um bisneto. Duas delas moram em Santa Catarina, uma em Porto Alegre e o neto, no Rio de Janeiro. O garoto, de 13 anos, é filho de Mônica Alves, casada com Marcelo, filho mais velho de dona Ilza. O nome da moça é repetido durante muitos momentos da conversa. Mônica parece significar muito mais que a “esposa do filho”. Ela é uma peça chave para a realização do sonho da sogra.

De mãos dadas

Mônica Alves, de 52 anos, fala com muito carinho da mãe do esposo. Se emociona enquanto narra como ajudou no percurso de alfabetização de dona Ilza, que carrega esse objetivo desde quando observava as garotinhas do bairro indo à escola. Mônica nasceu em São Paulo e mudou-se para Canoas, Rio Grande do Sul, em 2003, quando ela e Marcelo já estavam juntos. Em 2019, o casal precisou se mudar para Macaé, município que fica a 180 quilômetros da capital do Rio de Janeiro, em função do trabalho de Marcelo, na Petrobras.

CAPÍTULO 6

Em 2017, Mônica iniciou o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a UFRGS. Precisou interromper, justamente, por conta da mudança para o RJ. Enquanto estava em Canoas, frequentava uma associação budista chamada BSGI Brasil Soka Gakkai Internacional. A entidade, da qual fazia parte, também mantinha um projeto de educação de adultos, e um dos mais populares era o “alfabetização em 40 horas”. Titubeou, muitas vezes, em convidar a sogra por medo da divergência religiosa, já que dona Ilza é espírita há muitos anos, como conta. O receio durou por um tempo, até que resolveu convidar.

– Seria algo muito importante para ela, porque lá eles incentivam a leitura de clássicos mundiais, a prática da escrita... era uma oportunidade ótima! - afirma Mônica.

Com a resposta positiva da sogra, Mônica a levou ao local como uma mãe conduz a filha ao primeiro dia de aula: de mãos dadas - literalmente. As aulas aconteciam todos os sábados e a nora conta que Ilza se dedicou como nunca naquele ano de 2019. Agarrou a oportunidade como se fosse a primeira e única chance de realizar um desejo. Ao final do processo, os organizadores planejaram uma formatura e Mônica fez questão de convidar todos os filhos e netos. Era uma tentativa de reforçar a importância que o momento tinha para a matriarca, que, de início, não contou com o apoio de todos. Precisou relevar críti-

cas como “não está mais na idade”, “esse tempo já passou”, “não adianta mais”, para conseguir seguir em frente. E conseguiu.

Já em terras cariocas, Mônica sabia da vontade que a sogra tinha de continuar o letramento. Pesquisou em alguns sites e, no *Facebook*, viu um anúncio sobre vagas abertas no CMET Paulo Freire. Ligou e perguntou como poderia fazer a matrícula. Com a lista de documentos necessários em mãos, deu as boas novas à dona Ilza. Moveu uma rede de apoio para fazer acontecer: como era preciso se deslocar até o lugar para finalizar o processo, ligou para uma amiga, frequentadora do grupo budista - a quem chama de “Pupú”, que aceitou acompanhar a futura aluna. No final de 2019, Ilza Bueno estava oficialmente matriculada no programa de Educação de Jovens e Adultos de uma das escolas municipais mais preparadas e referência da modalidade em Porto Alegre, fundada em 1989 e que atende, aproximadamente, 900 alunos.

Vou levar sempre comigo

Durante muitos momentos da entrevista, dona Ilza repete que “é a realização de um sonho e, quando eu estiver em outro plano, vou levar isso [a alfabetização] para sempre”. Nos tempos em que ainda trabalhava de empregada doméstica, carregava consigo um livrinho que, segundo ela, era intitulado de “Nossa Senhora Aparecida”. Como tinha um profundo carinho

CAPÍTULO 6

pela santa, sempre pedia à entidade divina, em uma prece, uma ajudinha para ler.

– Eu sempre pedia: ai, me ajuda! [faz o sinal de unir as mãos, como em uma oração] E tentava começar sozinha, juntando as letrinhas em casa. Quando eu precisava sair, pedia às pessoas para ler os dizeres do ônibus, o destino dele para mim. Algumas coisas eu já sabia, justamente, porque tentava em casa, né?! Treinava um pouco.

As aulas começaram em fevereiro de 2020, mas a alegria de dona Ilza seria interrompida rápido demais. A pandemia do novo coronavírus estourou no Brasil ainda no final daquele mês e as aulas da rede estadual, municipal e privada foram suspensas. A prefeitura de Porto Alegre cancelou as aulas em 18 de março de 2020, quando o Brasil tinha 234 casos confirmados, oito deles no Rio Grande do Sul. Mônica conta que a sogra ficou muito desanimada, mas decidiu enfrentar as aulas remotas. Antes de ir morar no Rio de Janeiro, a nora ensinou-a a utilizar aplicativos de mobilidade, como Uber, acessar redes sociais e fazer chamadas de vídeo pelo WhatsApp, muito utilizadas por elas no cotidiano. Além disso, instalou um programa de acesso remoto no computador de dona Ilza, para ajudá-la sempre que necessário. Isso foi de grande utilidade quando a senhora se viu sozinha em casa, lidando com aulas remotas.

– Eu aprendi muito rápido, viu? Minha nora sempre me elogia - afirma dona Ilza ao mesmo tempo que solta uma risada.

A dinâmica em grande parte das escolas que ofereceram a EJA durante a pandemia não contemplava o ensino remoto, mas trabalhava com o envio de atividades via grupo de WhatsApp e professores que se dispunham em seus números pessoais a tirar dúvidas individuais. Dona Ilza pôde, no CMET, experimentar as aulas síncronas (ou aulas ao vivo), com direito a câmeras ligadas e interação com o professor e com os integrantes da turma que conseguiam participar. Mesmo em meio a um contexto delicado, ela vivenciava a experiência desejada há tanto tempo: aos 74 anos, começava os estudos. Como ela mesma diz, algo que sempre sonhou.

– Mesmo assim, desse jeito, eu achei legal. Ligo a câmera, assim como estou falando aqui. Tenho aprendido bastante e já estou a caminho da próxima etapa.

Atualmente, a aluna cursa o que chamam de “T3”, a Totalidade 3, fase final do processo de alfabetização. Após a Totalidade 6, fará a formatura, assim como no projeto oferecido pelo grupo budista. Dona Ilza revela que tem tido muitas aulas de leitura e sua maior dificuldade está na Matemática, como a grande maioria dos alunos. Mas, pondera que começou do zero e sabe que levará mais tempo para absorver, algo natural. Faz questão de destacar o formato da caligrafia, que considera muito bonita. E sorri, como o faz durante toda a conversa.

O caminho até a escola também não é dos mais fáceis. Para chegar ao CMET, toma um ônibus até a estação de metrô Sapu-

CAPÍTULO 6

caia, da linha 1 da Trensurb, na região central. Com um total de 17 estações, a linha passa por Porto Alegre, Canoas, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo. Até a estação de desembarque, Mercado, são 14 estações. Utiliza um ônibus mais uma vez, que leva 15 minutos até chegar ao local de ensino. Ao todo, o percurso é de 1 hora e 30 minutos, aproximadamente. A aula começa às 13h30 e termina às 17h. O horário foi escolhido estrategicamente pela nora, quando deu início ao processo de matrícula. Primeiro, para voltar cedo para a casa, aproveitando a luz do dia. Em segundo lugar, em função do marido de Ilza, Walney, que depende de algumas ações realizadas pela esposa, como preparar a comida e respeitar horários definidos para as refeições.

Dona Ilza também o ajuda em outras atividades e é ela a responsável por fazer compras, por exemplo. Em 2004, o esposo sofreu um grave acidente vascular cerebral (AVC) no tronco cerebral, também conhecido como infarto do tronco cerebral. Quando isso acontece, o fornecimento de sangue para o cérebro é interrompido, o que afeta diretamente a respiração, pressão arterial e frequência cardíaca, ou seja, funções vitais. Mais uma vez, Mônica esteve presente em um momento crucial. A moça narra que foi ela quem acompanhou os sogros ao hospital, onde recebeu a notícia do médico responsável pelo atendimento de que 99% dos casos semelhantes são fatais. Os outros 1% podem viver, mas com sequelas.

Walney teve uma recuperação fora da curva. Anda, com a ajuda de uma bengala, canta, fala normalmente, viaja de avião, aproveita como qualquer pessoa. Segundo a nora e a esposa, ele vive muito bem.

– Era um sonho sendo realizado, né? Com 76 anos, estou aprendendo a ler e escrever! Eu estou muito feliz lá. A professora Bia é um amor, todos eles são muito queridos. Foi um presente de Deus!

De 2019 para cá, a senhora, com traços delicados e um corte próximo ao famigerado *channel*, vive a felicidade, como ela mesma define, de passar a ter mais independência, segurança e autoestima. Está ainda mais empolgada com o retorno das aulas presenciais, que aconteceu depois do andamento mais significativo da vacinação. Segundo o consórcio dos veículos de imprensa, a partir dos dados das secretarias estaduais de Saúde, 8.578.004 pessoas receberam a 1ª dose do plano de imunização, que corresponde a 74,81% da população do RS. Já aqueles que receberam as duas doses, ou dose única das vacinas, somam 6.756.541 pessoas, 58,92% da população do estado.

Até atingir esse patamar, alguns desafios se impuseram, inclusive a resistência familiar. O esposo, Walney, atualmente com 82 anos, não entendia bem a necessidade da mulher de começar a estudar aos 74 anos. Considerava uma perda de tempo, algo dispensável naquela altura. “de que adianta pegar 2, 3 ou 5

páginas e não entender nada?”, dizia ele. Ainda segundo Mônica, os filhos também não estavam tão presentes como poderiam - ou deveriam. Dona Ilza conta que, agora, todos se mostram felizes ou, pelo menos, aprenderam a aceitar sua decisão. Sobre o esposo, ela comenta que “foi difícil no começo, mas agora está mais tranquilo”. Os netos também costumam mandar mensagem perguntando como vão as aulas e o aprendizado, algo que ela gosta muito, perceptível em seus gestos e expressões.

Muito além de ler e escrever

Sônia Couto²⁶, coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire, no Instituto Paulo Freire, localizado na capital do estado de São Paulo, atua como educadora há mais de 38 anos e é especialista em Educação de Jovens e Adultos. Ela faz questão de reforçar o valor incontestável da educação na vida de qualquer ser humano, mas comenta que, infelizmente, muitas pessoas vivem apartadas desse direito. Esse distanciamento causa, entre muitas coisas, um sentimento de inferioridade. Segundo

26 Sônia Couto é Coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire no Instituto Paulo Freire. Atua como educadora há 38 anos e, nesse período, já foi professora titular de português e inglês da Rede Municipal de Ensino Em São Paulo, já trabalhou com Assessoria Pedagógica na elaboração de referenciais curriculares e implementação de projetos e programas voltados à EJA, bem como na elaboração de materiais didáticos para a mesma modalidade de ensino e elaboração de programas educativos. É Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, integra a equipe de analistas do Prêmio Paulo Freire, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação.

ela, as pessoas passam a se sentir inferiores porque não conhecem a leitura e a escrita. Neste sentido, a educação também pode ser vista como uma libertação.

Ela, que também trabalha com capacitação de professores há 25 anos, afirma que a EJA deve ser acolhedora e trabalhar para incluir os alunos. Além disso, é preciso garantir que a modalidade seja mantida como política pública urgente, para andar na contramão do que se vê muito por aí: uma EJA boicotada pelo sistema. Em função desse esquecimento, a sociedade civil faz o que o Estado deveria fazer. Algumas igrejas, sociedades do tipo “amigos do bairro” e ONGs muitas vezes oferecem a alfabetização ou continuidade dos estudos de adultos, mas sem a estrutura adequada para isso. O primeiro contato de dona Ilza com a escolarização foi por meio de uma organização sem fins lucrativos.

Sônia conta que, em todos esses anos, sempre soube que estava na área certa e que esse esforço é muito importante e é um trabalho muito bonito. Entre tantas histórias que já presenciou nessas quase quatro décadas de trabalho, uma em especial chama a atenção, e mostra os significados da descoberta da leitura e da escrita, indo muito além de simplesmente aprender a unir letras.

Sônia narra sobre uma senhora que frequentou o instituto e participou do projeto MOVA-Brasil (que funcionou entre 2003 e 2013 e foi aplicado em dez estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do

CAPÍTULO 6

Norte, Sergipe, Paraíba e Pernambuco), inspirado no Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de Paulo Freire, decidiu voltar a estudar por meio dessa iniciativa. Mas, em casa, as coisas não eram tão simples: era preciso convencer o marido a deixá-la estudar. O casal combinou que a mulher só poderia sair de casa para frequentar as aulas depois de cumprir algumas tarefas, como deixar pronta a comida do jantar, bem como servi-lo. Situações de machismo estrutural como essas ocorrem cotidianamente com alunas da EJA.

A senhora sempre ficava apreensiva, à espera do marido, porque queria sair depressa. Ele chegava, ela o servia e se direcionava à escola. Um dia, ela o avisou que teria uma apresentação importante e o deixou ciente da data. Durante a semana, ensaiou, apreendeu o conteúdo necessário e tentou controlar a ansiedade de falar em público. Na data marcada, uma surpresa - ou não: o marido atrasou o retorno para a casa de propósito, sabendo do evento. Ela entrou em desespero. Sem notícias do homem, resolveu que era o momento de se posicionar. Lembrou que, naquele momento, já sabia escrever. Em um pedaço qualquer de papel, escreveu: “FUI”. Deixou o bilhete em um lugar visível da casa e saiu para a aula. O marido, por sua vez, nunca mais atrasou, conta Sônia.

O processo de ir além da alfabetização também se mostra muito presente no dia a dia de dona Ilza. Os conhecimentos fo-

ram muito mais ampliados. Hoje, sabe o que significa diversidade de gênero, aprendeu sobre a existência do racismo estrutural, entende melhor as dinâmicas da sociedade. Tudo isso fazia parte de um conjunto de conceitos e conteúdos dos quais não tinha convivência. Além disso, conta que está mais segura para falar com as pessoas, dá ainda mais valor à educação. Convive com pessoas de outras camadas sociais e, agora, começa a sonhar com outras coisas. Mônica comenta que a sogra já fala em faculdade. Muitas vezes, puxa um assunto: “você viu aquele senhor de 90 anos que entrou na faculdade?”

No final de 2020 e início de 2021, dona Ilza passou um período de férias no Rio de Janeiro, na casa de Marcelo e Mônica. Aproveitou para levar todas as apostilas do CMET e concluir alguns exercícios. Segundo a nora, as duas passaram um mês aplicando quatro horas diárias de estudos.

– E ela ainda achava pouco, viu? [risos]. Ela é muito esforçada. Eu sou como uma mãe babona, que observa com carinho.

Uma das perguntas que dona Ilza respondeu foi “como é a vida depois do retorno aos estudos?”. Sem demora, diz que é “maravilhosa” e quando faz uma leitura, às vezes, é aplaudida pelos professores. Sua felicidade é evidente e, em cada contato, mostra o prazer de poder contar uma história que, muitas vezes, pensou não ser do interesse das pessoas. Hoje, essa mesma história ganha algumas páginas de um livro. Mônica, a nora-parceira, ao aceitar o

convite da entrevista, compartilhou um documento intitulado de “Memorial”, que produziu enquanto era aluna da UFRGS. Nele, contou um pouco da sua trajetória escolar. Uma das frases contidas no arquivo vai de encontro a uma fala persistente de dona Ilza: que para sempre levará o aprendizado consigo. “Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas, porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno” (Rubem Alves).

Educação na região Sul

A cidade pela qual dona Ilza se encantou - ainda na adolescência - Porto Alegre, é a capital do Rio Grande do Sul. Como o próprio nome diz, o estado está inserido na região Sul do país, que abriga mais dois estados: Paraná e Santa Catarina. É a menor das regiões administrativas do Brasil e corresponde a 6,76% de todo o território do país. O clima é subtropical, na maior parte do tempo, ou seja, muito frio, principalmente nas regiões mais altas e a região é coberta por Mata de Araucárias e pelos Pampas.

O município onde mora dona Ilza, fica localizado às margens do rio Guaíba e nasceu em 26 de março de 1772. A tribo dos guaranis foi o primeiro grupo a habitar o lugar. A região também recebeu escravos africanos, migrantes italianos e alemães. Atualmente, a população estimada é de 1.492.530 segundo o IBGE. Na educação, os números da região sul também são bastante amplos. A pesquisa Diagnóstico da Educação, feita

em 2019 pelo Instituto Ayrton Senna e encabeçada por Ricardo Paes de Barros, economista chefe da instituição, mostra que na educação básica, o percentual de jovens de 15 a 17 anos matriculados na escola em 2017 é um dos melhores resultados e coloca RS como uma das Unidades da Federação com melhor desempenho, chegando a pouco mais de 90% de cobertura escolar dessa faixa etária. Nas projeções de percentual de alunos entre 15 e 17 anos matriculados na escola, o estado está acima da média nacional, e poderá permanecer assim até 2024. Essas informações estão na primeira parte do estudo, intitulado de “Acesso, progressão e aprendizado dos alunos”. A importância de entender essas informações está na ideia de acesso à escola. O direito à educação básica é garantido pela Constituição Federal e, sendo assim, todos devem usufruir dele.

Mas, não é só matricular gente. É necessário também garantir um aprendizado de qualidade, acompanhar o que acontece dentro das escolas. No RS, apesar de um bom acesso escolar, um dos maiores desafios está justamente nisso, na aprendizagem dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ainda nessa faixa de idade, apenas 29,8% dos alunos apresentam aprendizagem adequada em Língua Portuguesa na rede pública. Na rede privada, esse número sobe para 73,6% e na rede estadual, cai para 29,5%. Em matemática, o ensino adequado na rede

CAPÍTULO 6

pública é de 5,9%, contra 43% na rede privada de ensino, segundo informações do Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021.

A meta 10 do Plano Nacional de Educação prevê que as escolas ofereçam 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos na forma integrada à Educação Profissional, nos ensinos Fundamental e Médio. O CMET Paulo Freire, como aponta, inclusive, a matéria do portal GZH, é uma das escolas que trabalham e oferecem vagas com esse modelo, mas isso não é toda a realidade da rede de ensino na região Sul. O Anuário mostra que, no Brasil, o número de matrículas na EJA chegou a 3.002.749. Dessas, apenas 54.238 foram integradas à Educação Profissional e 2.948.511, não.

As vagas integradas ao conhecimento voltado ao mercado de trabalho ajudam, sobretudo, a abrir novas possibilidades àqueles que não tiveram como se voltar aos estudos na idade considerada correta para isso. É a oportunidade de participação social, de desenvolvimento humano e financeiro. Na região Sul, das 3.406 matrículas na Educação de Jovens e Adultos, 3.406 delas são voltadas à educação profissional, ou seja, 1,1%. Por estado, são: Paraná - 144.919 matrículas gerais registradas na EJA, e 178 delas voltadas à educação profissional. Em Santa Catarina, são 60.975 matrículas gerais e 414 delas, integradas ao conhecimento profissional e no Rio Grande do Sul, os registros apontam para 102.191 matrículas na EJA, sendo 2.814 delas voltadas

às atividades e compartilhamentos de saberes profissionais. O maior percentual, de 2,8%.

Galeria de Fotos



Dona Ilza na formatura do projeto da EJA da BSGI Brasil Soka Gakkai Internacional.



Da esquerda para a direita: Mônica e o filho caçula, neto de dona Ilza. Marcelo, Walney e a própria Ilza Bueno, aluna dedicada e feliz com a conquista.



Dona Ilza em frente ao portão do CMET Paulo Freire, em Porto Alegre.

(Fotos: Arquivo Pessoal)

Capítulo 7

Cenários

Um dos problemas que cercam a educação de jovens e adultos e resultam em desistência é o estigma criado a partir da ideia de “sujeito iletrado e infantilizado”. Isso leva a pensar que esse aluno deva ser tratado como criança, porque “ele pensa como criança”. Ingressar no mundo desse aluno é o primeiro passo. Para encarar o desafio de estruturar ações na EJA, é preciso, antes, ter em mente que todas as pessoas possuem conhecimentos prévios baseados em suas próprias vidas.

Entre as mulheres, existem fatores para além das dificuldades que abarcam a todos, independente de gênero. O motivo

destas mulheres abandonarem o ensino formal e posteriormente, o Educação de Jovens e Adultos, está atrelado aos afazeres domésticos e responsabilidades com a família, e demonstra que, a cultura patriarcal ainda recai sobre a figura feminina e direciona seus espaços de atuação apenas para o âmbito familiar e doméstico. É uma realidade que perdura, como mostram dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios, a Pnad Contínua, realizada em 2019 e divulgada dia 15 de julho de 2020. As principais motivações para o abandono do ambiente escolar foram: necessidade de trabalhar para 39,1% dos entrevistados e a falta de interesse, com 29,2%. Entre as mulheres, a gravidez para 23,8% era a maior razão de desistências, seguida dos afazeres domésticos, com marca de 11,5%.

Sônia Couto também aponta esses motivos como os principais para o afastamento dos estudantes. A infantilização ainda é um grande problema na modalidade e que deve ser tratado na raiz. Esse é o principal ponto de partida, afirma. Ela relata já ter visto casos de professores que, na parte da manhã, aplicaram aulas para crianças e utilizaram os mesmos conteúdos, como pintura de coelhos e desenhos no período noturno, na EJA. Em sua concepção de educadora que forma educadores, não existe possibilidade de trabalhar isso com adultos e isso também vale para o modo como o docente conversa com o aluno. “Não o trate como uma criança”.

A especialista indica a aplicação de algo desafiador, que os faça pensar e seja significativo. Não pode, de nenhuma forma, ser qualquer coisa, de qualquer jeito. Existem alunos que se matriculam na EJA porque querem a carteira de habilitação para dirigir e precisam ler melhor a revista do Centro de Formação de Condutores (CFC). Outros querem ler a bíblia, por exemplo. Alguns querem mais independência ao sair de casa. É necessário considerar as experiências.

Falando em desafios, a série “Segunda Chamada”, produzida pela O2 Filmes e veiculada pela Rede Globo de Televisão e pela Globoplay, é uma das raras produções que tratam da EJA como assunto central. A primeira temporada foi exibida em televisão aberta a partir de 8 de outubro de 2019 e a segunda, foi disponibilizada somente na Globoplay, cuja estreia foi feita em 10 de setembro de 2021, com atraso em função da pandemia. Escrita por Carla Faour e Julia Spadaccini, a série foi inspirada na peça de teatro “Conselho de Classe”. Conta com a colaboração de Maíra Motta, Giovana Moraes e Victor Atherino e a direção é assinada por Breno Moreira, João Gomez e Ricardo Spencer. O elenco principal é composto por Débora Bloch, Paulo Gorgulho, Hermila Guedes, Silvio Guindane e Thalita Carauta.

A produção aborda muitos contextos presentes na EJA e contempla narrativas que sempre fizeram parte da modalidade. A escola onde tudo acontece recebeu o nome da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus e, na trama, é mantida pela rede

CAPÍTULO 7

estadual. Os temas passam por todas as dificuldades e recompensas da educação de jovens e adultos. Desde o cansaço de um dia inteiro de trabalho e como esse aluno chega à sala de aula, ao machismo sofrido em casa quando uma mulher decide voltar a estudar, a persistência e o preconceito sofrido ao aprender a ler e a escrever, jovens considerados problemáticos, transferidos do período diurno e vespertino para o noturno, estrutura precária da escola, alunos moradores de rua que aceitam voltar ou iniciar os estudos, mulher transgênero e a adaptação do ambiente à diversidade, gravidez precoce, pobreza, o risco iminente de fechar as portas sob alegação de baixa demanda, quando muitos estão dispostos a frequentar as aulas, aluno com início de Alzheimer, acesso dos cadeirantes, entre outros.

Além disso, a série também mostra a perspectiva dos professores diante desses percalços. A problematização do professor como herói, como também abordado no capítulo anterior, e o desgaste sofrido quando o Estado não cumpre com o seu papel, na integralidade, na garantia desse direito. Além disso, o preparo dos docentes para lidar com as particularidades do ensino noturno, especialmente de jovens e adultos, aparece como assunto fundamental. Poucas produções trazem à tona um discurso coerente que transmita ao público a importância desses debates e como a educação é a chave para profundas mudanças. É um convite à reflexão.

O que “Segunda Chamada” ilustra, está descrito em cada capítulo e em cada relato, das mulheres ao redor do Brasil. Apesar de situações que já se transformaram em gargalos, ou seja, em impedimentos, é muito possível pensar em ações que dão certo e em soluções que possam viabilizar a melhoria dessa modalidade de ensino tão respeitável.

Existem saídas

Além de especialista em EJA, Sônia também faz parte da equipe de analistas do prêmio Paulo Freire, da Secretaria Municipal da Educação. Ou seja, as escolas mandam os projetos executados durante um período de tempo delimitado pela secretaria, e ela e os outros integrantes avaliam essas ações. Muita coisa boa nasce desses planejamentos.

Baseado em suas experiências, avalia também que a comunicação entre os serviços públicos seria uma boa aposta. A produção do Censo, por exemplo, deveria apresentar mais perguntas sobre escolaridade, como “você gostaria de voltar a estudar?”. Na tabulação, a filtragem deve considerar a quantidade de respostas positivas e fazer a indicação às secretarias, dividida por regiões. Dessa forma, as secretarias poderiam realizar listas de chamadas baseadas nessas informações. Para ela, a falta de propaganda televisivas também impede que as vagas cheguem ao conhecimento de grande parte da população interessada.

As escolas também devem ter um papel ativo nesse processo. A busca ativa, segundo a professora, ajuda muito. Conversar com a comunidade, distribuir panfletos. Isso ainda funciona, em muitos casos. Apesar de não ser papel do educador, isso pode chamar a atenção, inclusive, para a tomada de ações do estado, que também é muito importante, é um garantidor. Além da adaptação do Censo, Sônia propõe outra ideia: a divulgação ativa em Postos de Saúde, Unidade Básica de Saúde, entre outros polos. Um levantamento poderia ser realizado e entregue às secretarias. É a comunicação e complementação entre os órgãos responsáveis.

Outros braços da educação de jovens e adultos

Muitos projetos espalhados pelo Brasil se voltam para a formação de jovens e adultos, com objetivo de combater o analfabetismo, incentivar a formação e, sobretudo, mostrar que educação é um agente transformador e um direito. Alguns deles, são:

Liga Solidária: desde 2002, mantém o Programa de Educação de Adultos, oferecido a uma turma de 40 alunos. O objetivo é centrado na inclusão social, garantia de direitos, autoestima e reconhecimento do papel do estudante na sociedade. As aulas são desenvolvidas para estimular a turma a ampliar seus conhecimentos, não se limitando às salas de aula, mas investindo também em saídas culturais a cinemas, teatros, museus e afins. O

CENÁRIOS

programa é fruto de um convênio com a Secretaria Municipal de Educação, em São Paulo.

UNAS Heliópolis e Região: A UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região também é uma instituição sem fins lucrativos, que nasceu em 1978. O trabalho está firmado na construção de independência, identidade, autoconfiança e cidadania de seus alunos, por meio da educação. A associação firma parceria não somente com o poder público, mas com empresas privadas que possam financiar projetos que ajudem a comunidade. Uma das ideias mais interessantes da UNAS é a criação do conceito de Bairro Educador, já que consideram o território um espaço de igualdade e justiça. A alfabetização de adultos é feita por meio do MOVA. O atendimento é voltado aos moradores da comunidade Heliópolis e da região, em São Paulo.

Amigos do Bem: uma das mais famosas instituições sem fins lucrativos, a Amigos do Bem também oferece alfabetização de adultos, bem como de várias idades, além do incentivo às práticas culturais. Atua no sertão nordestino, em Alagoas, Pernambuco e Ceará, desde 1993. Uma das principais frentes é o combate à pobreza. Na educação, trabalham no combate à evasão escolar com apoio às escolas das regiões e investe também em educação profissional.

CAPÍTULO 7

Escola dos Nossos Sonhos: localizada no brejo paraibano, na cidade de Bananeiras, a pouco mais de 120 quilômetros de João Pessoa, a escola, com um nome muito convidativo, foi criada em 2005 pelas irmãs do Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Teresa, conhecidas como Irmãs Carmelitas, com o primeiro nome de Escola Nossa Senhora do Carmo. O ponto de partida para o surgimento da escola foi o alto índice de homens e mulheres do campo sem acesso à alfabetização. O que começou em uma casa simples, cresceu e expandiu os ideais. Passou a atender também as crianças, começando pelos filhos desses trabalhadores. Até 2015, esteve sob o comando das Irmãs, que desistiram do projeto por interferências da igreja católica. A comunidade se uniu para seguir com a escola que, só então, ganhou o nome “Escola dos Nossos Sonhos”. A proposta é inovar a forma de educação, tornando-a menos engessada e mais orgânica, acabando a ideia de “séries”. Leva-se em consideração os sonhos, os desejos e as vivências dos alunos, em um processo coletivo: todos se envolvem e criam juntos. E longe de qualquer improviso, todas as aulas são estudadas e orientadas por uma equipe pedagógica. A escola é uma das mais premiadas e acumula uma lista de reconhecimentos. Em 2015, foi escolhida pelo MEC no concurso de Inovação e Criatividade, destacando-se entre 600 inscrições. Em 2017, passou a fazer parte do conjunto de Escolas Transformadoras do Mundo, com certificação do Instituto Ala-

na/Ashok; em 2019, a “Escola dos Nossos Sonhos” foi incluída na lista das 100 instituições brasileiras que compõem um projeto distribuído em 10 países. Atualmente, atende 320 educandos.

Projeto Livro Aberto: a iniciativa é do Governo do Ceará, idealizada pela Secretaria da Administração Penitenciária (SAP) em parceria com a Secretaria da Educação (Seduc). O projeto incentiva a leitura como um caminho possível de ressocialização e redução de pena dos detentos. Os ensinamentos de Paulo Freire é que norteiam as ideias da ação. As ideias do educador, que traduzem a educação como libertação e coloca o aluno como sujeito da própria história, ajudam os internos na expansão do pensamento, além de ter a possibilidade de focar e aprender outras coisas e, como resultado, mudar os caminhos. Diversos professores participam do projeto e recebem textos de 17 unidades prisionais do Ceará. Ao todo, 6.500 internos leem livros mensalmente, segundo dados do governo do estado. De mês em mês, os presos podem escolher uma obra literária dentre os títulos oferecidos. A partir da leitura, devem produzir um texto, como um relatório de leitura ou resenha, e entregá-los no prazo de 21 a 30 dias. A produção textual que chegar a nota igual ou superior a 6,0 é aprovada pela SEDUC e levada a vara judicial, passando por avaliação de redução da pena. Com 12 obras lidas e relatadas em um texto, ganha-se a possibilidade de remição de 48 dias, no prazo de 12 meses de reclusão. A avalia-

ção não leva em consideração possíveis erros gramaticais, mas o que o aluno aprendeu da leitura e o que absorveu dela.

Igrejas também costumam ceder espaços a fim de atender a comunidade com a Educação de Jovens e Adultos. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, a Igreja Adventista do Céu Azul firmou convênio com a Secretaria Municipal de Educação (Smed) para formar um anexo educacional no bairro. Com muitos frequentadores idosos, a instituição religiosa passou a se atentar às necessidades e percebeu que muitos tinham o desejo de iniciar ou continuar os estudos, mas não encontravam uma oportunidade. A Paróquia Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo, também oferece aulas através do MOVA no período noturno, no bairro do Bixiga, para pessoas a partir dos 15 anos, sem limite de idade. O projeto também tem parceria com a Secretaria Municipal da Educação.

BSGI Brasil Soka Gakkai Internacional: o projeto, citado por Mônica Alves (nora de Ilza Bueno) no capítulo anterior, já alfabetizou milhares de pessoas. O departamento voltado à educação da entidade é chamado de DEPEHUS - Departamento de Educação Humanista Soka. Atua com três frentes de ensino: Fundamental I e Fundamental II para a Educação de Jovens e Adultos. O objetivo é “alfabetizar e assegurar o regresso à vida acadêmica dos participantes”. A terceira frente é a Academia Magia da Leitura, que, como o próprio nome diz, ajuda no desenvolvimento e melhoria de habilidades como oralidade, leitura e

CENÁRIOS

escrita. O BSGI tem sedes espalhadas pelo país, como Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Alagoas, Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Paraíba, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima e Sergipe.

Perfil da EJA

Nível fundamental e médio:

Segundo dados do Censo da Educação Básica 2020, 66,8% das matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de nível fundamental estão na rede municipal. A rede estadual é responsável por 28,8% e a particular, por 4,4%.

No nível médio, a rede estadual predomina, com 88,9% das matrículas, seguida pela rede privada, com 8,0% e a rede municipal, com 2,0%.

Faixa etária e sexo:

Ainda segundo o Censo, a EJA é composta, predominantemente, por alunos com menos de 30 anos. Isso representa 61,3% das matrículas. Nessa faixa etária, os homens são maioria, representando 56,8% dos matriculados.

Já nos registros de estudantes com mais de 30 anos, o resultado muda: a maior parte é composta por mulheres, atingindo 59,0% dos educandos.

Cor e raça:

Na Educação de Jovens e Adultos do ensino fundamental e médio, pretos e pardos representam 74,9% da EJA de nível fundamental e 68,1% da EJA de nível médio.

Em 2019, o Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontou queda de 7,7% no número de alunos do EJA. Em 2020, a versão mais atual do Censo aponta para uma tendência de queda, com redução de 8,3% das matrículas em relação ao ano anterior. São 270 mil estudantes a menos. No nível fundamental, a redução foi de 187,4 mil matrículas e no nível médio, 83,5 mil.

SE A EDUCAÇÃO SOZINHA
NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA
TAMPUCO A SOCIEDADE
MUDA.

